

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – CURSO DE  
MESTRADO

GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SÁ SANTOS

**INTERAÇÕES E CAMINHOS SOCIOESPACIAIS DOS ALUNOS DO  
COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA,  
MARIALVA, PARANÁ.**

MARINGÁ – PR, 2025

GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SÁ SANTOS

**INTERAÇÕES E CAMINHOS SOCIOESPACIAIS DOS ALUNOS DO  
COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA,  
MARIALVA, PARANÁ.**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia, ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, linha de pesquisa: Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais. Orientador: Professor Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja.


MARINGÁ – PR, 2025

INTERAÇÕES E CAMINHOS SOCIOESPACIAIS DOS ALUNOS DO COLÉGIO  
ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA, MARIALVA, PARANÁ.

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental, linha de pesquisa Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais.


Aprovada em **18 de julho de 2025**.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 LEONARDO DIRCEU DE AZAMBUJA  
Data: 22/07/2025 17:19:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Leonardo Dirceu de  
Azambuja Orientador- PGE/UEM

Documento assinado digitalmente  
 DANIEL LUIZ STEFENON  
Data: 21/07/2025 13:51:31-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Daniel Luiz Stefenon  
UFPR

Documento assinado digitalmente  
 TAIS PIRES DE OLIVEIRA  
Data: 22/07/2025 14:09:11-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tais Pires de Oliveira  
UEM

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S237i

Santos, Gabriel Benedito Oliveira de Sá

Interações e caminhos socioespaciais dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Marialva, Paraná / Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos. -- Maringá, PR, 2025.

143 f. : il. color., figs., tabs., mapas

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2025.

1. Escola - Lugar. 2. Ensino de geografia. 3. Comunicação - Aluno. I. Azambuja, Leonardo Dirceu de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 23.ed. 910.07

Ademir Henrique dos Santos - CRB-9/1065

*“Tempo mestre de todas, horas e dias. Passou sem ver”.*

**Ivete Sangalo**

## AGRADECIMENTOS

Desafios, enriquecimentos e conquistas – foram estas as palavras que marcaram esta jornada. E para que esse período pudesse ser concluído, foi preciso o apoio de muitas pessoas que caminharam ao meu lado ao longo desse processo.

Ao meu orientador, Leonardo Dirceu de Azambuja. Obrigado pela orientação, credibilidade, obstinação e paciência e constante incentivo acadêmico e pessoal. Sua confiança no meu trabalho foi fundamental para que eu pudesse seguir em frente, mesmo nos momentos de maiores dificuldades.

À professora Taís Pires de Oliveira, ao professor Luiz Steferon, no exame de qualificação e ao professor Claudivan Sanches Lopes, no colóquio. Agradeço as ricas contribuições que me fizeram enxergar cada vez mais o caminho que pretendia seguir.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Geografia. Meu sincero agradecimento pelos ensinamentos, debates e parcerias que me levaram para além da vida acadêmica. Cada interação contribuiu para minha formação e forma de ver o mundo.

À professora Adélia Aparecida de Souza Haracenko. Como esquecer o quanto você me cativou durante a graduação. Sua sabedoria, serenidade e zelo fizeram e sempre farão parte da minha formação.

Aos meus colegas de mestrado, em especial Thainara Nunes de Souza, João Pedro Zambon, Leonardo Aparecido Vicente da Silva. Obrigado por me auxiliarem em dúvidas essenciais à permanência no Programa de Pós-Graduação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Obrigado pelo apoio financeiro por meio da bolsa de pesquisa, que foi essencial para a realização deste trabalho. O incentivo à pesquisa e à formação acadêmica desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da ciência e da educação no país.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Agradeço ao trabalho realizado pelas secretárias Miriam de Carlos e Josimeire Damásio. Imensa gratidão pelos atendimentos humanizados e pelo dom de transmitir empatia pelo árduo trabalho no desenvolvimento do mestrado.

Às escolas por onde passei como professor e aos meus alunos. Agradeço por concretizarem o meu sonho que almejava desde criança, nas brincadeiras e imaginações. Como professor, tive, tenho e sempre terei a grande missão de honrar o meu papel, sempre ensinando e aprendendo, falando e ouvindo, inspirando e sendo inspirado.

À minha família. Em especial minha mãe, por sempre me incentivar a acreditar nos estudos. Uma mulher que sempre foi um exemplo de força e versatilidade nos estudos, no trabalho e na vida. Obrigado por transmitir essa força e versatilidade a mim.

À minha bisavó, Celina. Obrigado por ser uma segunda mãe e cuidar de mim como um filho. A senhora é minha base.

À minha ex-patroa Patrícia Fukushima. Sempre me aconselhando e me tratando como um filho. Seu cuidado e carinho por mim devem ser retribuídos eternamente.

À cidade de Pariconha e ao meu sertão alagoano. O lugar que vivi até meus 14 anos de vida. O Gabriel de hoje deve toda sua história a este lugar por me proporcionar alegria, energias positivas e resiliência.

Aos amigos de longe e de perto. Obrigado por sempre encontrarem um jeito de me encorajar nesse período de tamanho desafio. Minha gratidão por cada palavra de apoio e cada momento de leveza.

A todas as pessoas que, de maneira direta ou indireta contribuíram com a minha construção enquanto pessoa. Obrigado por transmitirem a mim um sentimento positivo, de alegria e fidelidade. Com vocês tudo isso valeu a pena.

*“O diálogo, quando realizado com o saber falar e o saber ouvir, se concretiza com a serenidade em responder as perguntas produzidas pela inquietude do mundo.”*

**Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos**

## RESUMO

Este estudo analisa a realidade socioespacial dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, localizado no município de Marialva, estado do Paraná, com o objetivo de identificar e analisar os possíveis fatores socioespaciais e didático-pedagógicos que influenciam na relação comunicativa e ou nos afastamentos entre aluno escola-comunidade. A investigação parte da hipótese de que o afastamento comunicativo é resultado de múltiplos fatores socioespaciais e didático-pedagógicos muitas vezes construídos fora do ambiente escolar, mas perceptíveis em seu interior. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com base na tipologia explicativa, buscando interpretar as causas do distanciamento comunicativo através de análise documental, referências bibliográficas e entrevistas com membros da comunidade escolar. O estudo evidencia que práticas pedagógicas descontextualizadas, somadas à falta de diálogo entre escola e família contribuem significativamente para a ruptura comunicativa entre o aluno e a escola. Além disso, revela-se uma dificuldade comum na distinção entre os papéis da educação escolar e da educação familiar, o que compromete o processo formativo dos alunos. Nesse contexto, a Geografia Escolar é apresentada como uma ferramenta relevante para ampliar a percepção crítica dos estudantes sobre seu espaço vivido, favorecendo a construção de sentido e pertencimento no ambiente escolar. Conclui-se que o fortalecimento do vínculo comunicativo entre aluno, escola e comunidade depende de práticas pedagógicas contextualizadas, do reconhecimento das influências externas ao ambiente escolar e do desenvolvimento de uma educação mais democrática, dialógica e integradora.

**Palavras chaves:** Escola; comunicação; aluno; Lugar; Ensino de Geografia.

## ABSTRACT

This study analyzes the socio-spatial reality of students at Juracy Rachel Saldanha Rocha State School, located in the municipality of Marialva, Paraná state, with the aim of identifying and analyzing the possible socio-spatial and didactic-pedagogical factors that influence the communicative relationship and/or the student-community gap. The investigation is based on the hypothesis that communicative gap is the result of multiple socio-spatial and didactic-pedagogical factors, often constructed outside the school environment but perceptible within it. The research adopts a qualitative approach based on explanatory typology, seeking to interpret the causes of communicative gap through documentary analysis, bibliographical references, and interviews with members of the school community. The study highlights that decontextualized pedagogical practices, coupled with a lack of dialogue between school and family, significantly contribute to the communicative breakdown between students and the school. Furthermore, it reveals a common difficulty in distinguishing the roles of school education and family education, which compromises the students' educational process. In this context, School Geography is presented as a relevant tool for expanding students' critical perception of their lived space, fostering the construction of meaning and belonging in the school environment. It is concluded that strengthening the communicative bond between students, school, and community depends on contextualized pedagogical practices, the recognition of influences external to the school environment, and the development of a more democratic, dialogical, and inclusive education.

**Keywords:** School; communication; student; Place; Teaching Geography.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da área colonizada pela CMNP no estado do Paraná.....	30
Figura 2 - Localização de alguns núcleos urbanos planejados pela CMNP.....	31
Figura 3 - Tipos de solos predominantes no município de Marialva –PR.....	33
Figura 4 - Localização do município de Marialva, 2024.....	35
Figura 5 – Mapa de localização dos componentes do Turismo Rural de Marialva, 2024.....	42
Figura 6 - Localização da Unidade Escolar.....	48
Figura 7 - Fotografia da entrada do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha.....	50
Figura 8 - Gráfico com porcentagem de alunos atendidos pelo Colégio Saldanha Rocha – 2024.....	51
Figura 9 - Mapa mental das percepções sobre o município de Marialva – PR, 2024.....	86
Figura 10 - Infográfico dos grupos atendidos pelo Colégio Saldanha Rocha – uma visão da equipe pedagógica (PG), 2024.....	88
Figura 11 – Conjunto de frases sobre a relação Família-Aluno-Escola no Colégio Saldanha Rocha, 2024.....	92
Figura 12 – Mapa mental sobre as perspectivas dos professores de Geografia quanto às alterações na educação escolar, 2024.....	96
Figura 13 - Árvore esquemática com relatos da importância do ensino de Geografia para os alunos.....	101
Figura 14 - Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas dos alunos com a escola.....	105
Figura 15 - Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas dos pais/responsáveis sobre a relação dos alunos com a escola.....	105
Figura 16 - Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas dos professores sobre a relação dos alunos com a escola.....	109
Figura 17 - Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas da equipe pedagógica e direção sobre a relação dos alunos com a escola.....	111
Figura 18 - Fluxograma de culpas entre a direção, pedagogas, professores, alunos e família.....	113

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Organização dos dados.....	81
---------------------------------------	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Infraestrutura e funcionalidade do Colégio Saldanha Rocha – 2024.....	52
Quadro 2 - A história com o município de Marialva – O que os pais dizem? E o que os alunos dizem?.....	83

## **LISTA DE ABRAVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
NRE	Núcleo Regional de Educação
CELEM	Centro de Línguas Estrangeiras Modernas
PPP	Projeto Político Pedagógico
CTNP	Companhia de Terras do Norte do Paraná
CMNP	Companhia Melhoramento Norte do Paraná
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
PDUI/RM	Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
CREP	Currículo da Rede Estadual Paranaense

## SUMÁRIO

<b>SEÇÃO I – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1. OBJETIVO GERAL.....	19
1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
<b>SEÇÃO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>21</b>
<b>SEÇÃO III - FORMAÇÃO E ATUALIDADE DE MARIALVA.....</b>	<b>28</b>
3.1. A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO E DA POPULAÇÃO.....	28
3.2. A ATUALIDADE DE MARIALVA.....	37
3.3. O CAMINHO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM MARIALVA E OS PASSOS DO COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA.....	43
<b>SEÇÃO IV - O COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA.....</b>	<b>48</b>
4.1. A COMUNICAÇÃO ENTRE ALUNO E ESCOLA COMO PRÁTICA DE ALEGRIA.....	60
4.2. O DIÁLOGO NA ESCOLA: UMA LEITURA A PARTIR DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA.....	67
4.3. A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA FRENTE ÀS SUBJETIVIDADES DOS ALUNOS.....	70
4.4. SOBRE A DIDÁTICA DA GEOGRAFIA ESCOLAR.....	75
<b>SEÇÃO V - OS ALUNOS E A ESCOLA – RAZÕES DE AFASTAMENTO OU APROXIMAÇÃO COMUNICATIVA.....</b>	<b>81</b>
5.1. PERCEPÇÕES DAS PESSOAS SOBRE MARIALVA ENQUANTO UM LUGAR.....	82
5.2. A RELAÇÃO ENTRE ALUNOS-FAMÍLIA-ESCOLA NO COLÉGIO JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA.....	87
5.3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E O ENSINO DE GEOGRAFIA COMO SIGNIFICADO NA VIDA DOS DISCENTES.....	94
5.4. AS PERSPECTIVAS COMUNICATIVAS COM A ESCOLA.....	104

<b>SEÇÃO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>122</b>
APÊNDICE I – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS.....	123
<b>ANEXOS.....</b>	<b>126</b>
ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	127
ANEXO II – TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE MARINGÁ.....	132
ANEXO III – TERMO DE ASSENTIMENTO AOS ALUNOS MENORES DE IDADE.....	134
ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ENTREVISTADOS MAIORES DE IDADE.....	137
ANEXO V – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS/RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS MENORES DE IDADE.....	140

## SEÇÃO I - INTRODUÇÃO

*No então mundo dito “globalizado”, fluxos e objetos se remodelam pelo tempo e pelo espaço geográfico. Uns mais, outros menos, porém através da existência humana e das resistências peculiares mundiais. Distâncias se encurtam e por vezes se contrastam. Espaços se expandem e se desconcentram. Tempos aceleram e se divergem. Na dissociação das coisas a indissociação se rebela.*

Gabriel B. Oliveira de Sá Santos

O presente trabalho buscou identificar e analisar os possíveis fatores socioespaciais e didático-pedagógicos que influenciam na relação comunicativa entre a escola e a realidade do aluno. Por isso, o que iremos analisar nesta pesquisa se processa no Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, localizado no município de Marialva, estado do Paraná. Na atualidade observa-se uma configuração socioespacial resultante das periodizações que marcaram tempos desde a comunidade inicial até a atualidade do município. Um lugar que contextualizou períodos socioespaciais evidenciados em elementos socioeconômicos, culturais, políticos e históricos, os quais serão citados e analisados nos próximos tópicos que compõem esta dissertação.

Para tanto, as informações e interpretações desse trabalho centram-se na compreensão da formação do município de Marialva, da população e do território, para assim, interpretar a realidade socioespacial do município. E, nessa abrangência, refletir sobre as relações existentes entre os alunos, professores e comunidade escolar do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha.

Na análise integrada dessas realidades, do município e da escola, a pesquisa buscou incluir e concretizar a compreensão da construção do espaço geográfico dos alunos e das práticas educativas de ensino de Geografia do Colégio Saldanha Rocha, identificando e analisando os possíveis fatores socioespaciais e didático-pedagógicos que influenciam na relação comunicativa entre a escola e a realidade do aluno e comunidade.

Tendo isso enquanto abrangência, tornou-se primordial a investigação das vivências e das problemáticas que afetam a relação entre aluno-escola. Assim, buscou-se situar o município de Marialva e o Colégio Saldanha Rocha, para diagnosticar o grau de dissociação e ou de interações considerando o ambiente da escola, a especificidade do ensino de Geografia, e com a realidade dos alunos em suas comunidades. Ainda, conhecer, entender e refletir sobre a função didático-pedagógica da Geografia, relacionando a sua importância e oportunidade em ser como uma lente de efetivação das citadas relações comunicativas. Neste cenário, o estudo empírico pautado no Colégio Saldanha Rocha, expressa a sala de aula como um lugar que recebe uma gama de diversidades, e estas se consideram pela presença de diferentes realidades as quais, revelam as dificuldades de

aprendizagem de muitos alunos e os descompaços encontrados pelo professor para o ensino inclusivo.

A comunicação entre o aluno e a escola que aqui é referenciado, se diz respeito à mesma comunicação enquanto conceito – aquela que prioriza a relação, o envolvimento e o diálogo. Por vezes, esta mediação se torna difícil, imensurável e de sérios riscos, uma vez que há fatores socioespaciais que interferem na relação entre aluno-escola afetando a vida escolar do aluno, e conseqüentemente, na vida útil de uma aula ativa. Isto é, à ideia de “aula ativa” refere-se àquela cuja funcionalidade se descreve e se deseja como participativa, alternativa e significativa, ou seja, ativa. Então, nessa relação aluno-escola-comunidade, nas quais estão incluídas as relações entre aluno-aluno, aluno-professor, está presente de forma ainda mais específica o lugar da sala-de-aula.

Dito isso, a comunidade de Marialva, o Colégio Saldanha da Rocha, a sala de aula, são lugares onde a comunicação e ou as práticas didático-pedagógicas acontecem. Ligado a isso, essa comunicação se dá no espaço, e este, por sua vez, apresenta suas peculiaridades locais, isto é, suas singularidades, as ocasiões, as oportunidades – no lugar.

Este lugar é o espaço do acontecer, do viver e do existir. Este lugar, globalizado pelo fenômeno da globalização, são também lugares globalizantes. Os lugares, apesar de suas subjetividades não estão isolados, e se assim os são, os lugares são globalizados uma vez que participam da globalização, seja para mandar ou obedecer na dinâmica relacional. Assim também, estes lugares, em diferentes escalas, incluindo as especificidades de uma escola e ou sala-de-aula são também espaços do acontecer. Se os sujeitos são produtos e produtores do espaço geográfico globalizado, estes sujeitos estão presentes nos lugares, que por sua vez se tornam, conseqüentemente, produtos (globalizado) e produtores (globalizante) da vida aí existente.

A força motriz da globalização é o agir das possibilidades e oportunidades, mas também das necessidades. Assim, o mundo possibilita, os lugares oportunizam e as pessoas necessitam. Em conjunto, estes fatores abrem espaços para o acontecer das coisas, mas em diferentes escalas. Uma vez que o mundo abre possibilidades para o acontecer, os lugares oferecem as situações do acontecer. Isso, de modo que as pessoas alcancem suas necessidades obedecendo às circunstâncias existentes naquele lugar. Sendo tudo isso motores que impulsionam o agir da globalização.

O mesmo serve para a escola. À ela também cabe o entendimento de lugar da globalização, pois, inserida no espaço geográfico, a escola se torna um “ímã” que aproxima os lugares do acontecer unitário, desigual, mas solidário, onde, “o mundo oferece as possibilidades, e o lugar oferece as ocasiões.” (Santos, 2008, p. 147). Tende-se então, um acontecer hierárquico, que

segundo Santos (2008), trata-se de imposições que surgem de fora e que torna todos os espaços, lugares da globalização ou então, lugares globalizados. Toda escola contém seus espaços de autonomia, mas também, de dependência de determinantes externos ditados pelos sistemas educacionais e ou de uma forma ainda mais abrangente, da sociedade globalizada.

Tendo em vista a configuração atual da globalização e os efeitos contraditórios causados nos territórios usados, torna-se importante caracterizar a funcionalidade do ensino, em especial de Geografia, na interpretação da relação entre os sujeitos e os lugares de sua reprodução.

Para mais uma reflexão sobre o ensino de Geografia, vale observar que uma Geografia Escolar necessária é aquela que coloque o aluno a refletir/problematizar os contextos que se processam. Por isso, retornamos a Monbeig (1958 p. 41) quando afirmava que

Não só de faculdade de observação aproveita o ensino de geografia, mas também ao espírito crítico, pois o jovem interrogado sobre uma carta ou uma fotografia é obrigado a escolher o essencial e o secundário. Aprende assim a raciocinar com método e exercitar-se nas escolhas dos dados apresentados à sua observação. Ao mesmo tempo sua mente simples habitua-se a reconhecer as relações entre os fatos.

Dito isso, a Geografia não foge ao trabalho de reposicionar o aluno como sujeito social e histórico. E seguindo esse raciocínio, Pontuschka (2000, p. 148), aponta para o desafio evidenciado nessa realidade e questiona:

Como encaminhar um trabalho pedagógico na disciplina de Geografia que permita ao aluno assumir posições diante dos problemas que enfrenta na família, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participa ou que poderá vir a participar, aumentando o seu nível de consciência sobre as responsabilidades e os direitos sociais, participando efetivamente de uma transformação social?

A ciência geográfica deve ser muito mais que uma disciplina, mas uma lente que possibilite ao aluno enxergar a escola como um lugar relevante dentro do seu cotidiano. E, nessa perspectiva abordando metodologias de ensino em Geografia que expressem significados ao ponto de aproximar o aluno daquilo que fundamenta o trabalho do professor – a produção socialmente significativa de conhecimento escolar.

No mais, o que motivou estudo dessa problemática perante este Colégio se refere à uma contradição neste meio geográfico, após estudos preliminares *in loco*: apesar de ser um Colégio de porte médio estruturado, com adequações básicas para atender os diferentes públicos e uma equipe pedagógica, funcional e diretiva, e ainda um corpo docente com aceitação positiva pela população, quais fatores socioespaciais e didático-pedagógicos fizeram do alunado sentir-se desconexo da

educação ofertada por esta instituição de ensino?

Para bem compreender o tema deste trabalho, em sequência serão listados os objetivos dessa dissertação:

### 1.1. OBJETIVO GERAL

- Identificar e analisar os possíveis fatores socioespaciais e didático-pedagógicos com destaque para as práticas de ensino de Geografia que influenciam no afastamento comunicativo entre o aluno-escola.

### 1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a formação do município de Marialva, da população e do território, relacionando essa realidade com os sujeitos e as práticas presentes no trabalho escolar;
- Analisar a construção do lugar dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha;
- Investigar as vivências problemáticas que afetam a relação saudável entre aluno-escola;
- Analisar a atual prática pedagógica do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, diagnosticando o grau de dissociação da escola, e da especificidade do ensino de Geografia e a realidade dos alunos;
- Evidenciar a função didático-pedagógica da Geografia Escolar, relacionando a sua importância como uma lente de aproximação entre o aluno e a escola.

A expectativa do autor com o trabalho, além do atendimento das exigências acadêmicas para a conclusão do curso de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, estava em contribuir para o entedimento da realidade existente nas relações entre a escola-alunos e comunidade, objeto de estudo desta pesquisa. Em especial o compromisso em retribuir o apoio obtido na especificidade do Colégio Saldanha da Rocha de Marialva-PR.

A exposição desta pesquisa sistematizada na forma de dissertação da pós-graduação é apresentada em seis seções assim definidas:

A seção I – referente à parte introdutória textual desse trabalho;

A seção II – contendo os procedimentos metodológicos da pesquisa, caracterizando-a como uma pesquisa qualitativa e com abordagens baseadas na metodologia de análise de conteúdo de Bardin

(1977).

A seção III – com informações sobre o processo de formação e atualidade do município de Marialva, tendo assim, uma discussão sobre assuntos sociais, naturais, culturais, econômicos e educacionais que marcaram o espaço geográfico de Marialva até os dias atuais;

A seção IV – destacando o papel do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, com tópicos específicos sobre o significado da escola na vida dos alunos, a instrumentalização do professor de Geografia frente às subjetividades dos alunos e sobre a didática da Geografia escolar.

A seção V – contendo os resultados das entrevistas realizadas com os professores de Geografia, parte da equipe pedagógica, direção, alguns alunos e pais/responsáveis por alunos que estudam no Colégio Saldanha Rocha. Além disso, abordando a metodologia de Bardin (1977), como forma de análise de conteúdo, categorizando os temas centrais da pesquisa.

E, não menos importante, a seção VI – com considerações finais com a análise sobre a investigação e os resultados elaborados e, apontando possíveis novos questionamentos e ou elementos instigadores para a continuidade dos estudos.

A seguir, a seção que trata dos procedimentos metodológicos da investigação e a organização das seções que complementarão esta dissertação.

## SEÇÃO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, navega-se por um objeto de estudo que ora se torna relevante para a ciência geográfica e a sua didática, haja vista a necessidade de compreender a realidade cotidiana dos alunos e as interlocuções dessas com as práticas educativas de ensino dessa disciplina escolar. Sendo assim, foi necessário identificar e analisar os possíveis fatores socioespaciais e didático-pedagógicos que influenciam no afastamento comunicativo entre aluno-escola.

Desse modo, esse processo de interação e afastamento, não necessariamente físico da escola, mas comunicativo<sup>1</sup> se trata de entraves que se processam por meio do desinteresse do alunado, que, mesmo frequentando a escola, deixa de lado a sua função enquanto estudante. Evidentemente, isso se torna um problema com graus cada vez mais preocupantes em vista das atuais e futuras cobranças que a sociedade realizará a estes sujeitos enquanto novos produtos e produtores do espaço geográfico.

Para tanto, o presente estudo se propôs analisar a realidade socioespacial dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, aferindo os aspectos problemáticos presentes na interlocução entre o aluno e a escola. Considerando essas diferentes realidades vivenciadas por esses sujeitos com reflexos nas atividades realizadas dentro e fora da escola, a pesquisa se propõe conhecer e interpretar essas relações e sugerir ou refletir sobre caminhos de superação.

Os procedimentos metodológicos utilizados para seguir essa problemática tiveram como base de pesquisa a tipologia explicativa, a qual possui como preocupação central “[...] identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.” (Gil, 2002, p. 42). Isso se fez necessário na medida em que o estudo construído se alicerçou na consideração de fatores concomitantes ao fato estudado. No mais, a caracterização dessa pesquisa como explicativa está descrita naquilo que Severino (2013, p. 106) diz que “[...] além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.”

Tendo em vista essa tipologia como base para os estudos de análise, identificação e interpretação das causas do afastamento comunicativo entre aluno-escola-comunidade, os critérios elaborados, além da atribuição de fundamentos bibliográficos que ditaram os passos essenciais para a investigação empírica, utilizou-se da abordagem qualitativa, a qual se preocupou com uma análise mais aproximada entre o sujeito estudado e o objeto a ser investigado. Portanto, foi oportuna a

atribuição dessa abordagem, sendo que a mesma, segundo com Pitanga (2020), demonstra um trabalho com a reunião das interações interpessoais e seus ensejos, de modo a descrever o significado de suas ações, ou seja, nesta abordagem o pesquisador adentra ativamente com participação, compreensão e interpretação da situação em estudo. Desse modo, isso se tornou fundamental na construção desse trabalho na medida em que o uso de atribuições qualitativas permitiu a descrição e compreensão do fato estudado.

Este trabalho baseou-se em fontes bibliográficas, fontes secundárias e primárias referentes ao assunto tratado, as quais fizeram composição da dita pesquisa explicativa. Contributo essencial, as pesquisas em fontes bibliográficas selecionadas de acordo com as referências da Geografia e do seu ensino, bem como aquelas que trataram do lugar em estudo, o município de Marialva.

Sendo assim, além das fontes acadêmicas sobre a ciência e a didática, buscaram-se fontes também bibliográficas e de dados se debruçando em questões que contribuíssem para a investigação do contexto atual, tendo a situação socioespacial e histórica em escala local como referência empírica. Este tipo de pesquisa se constrói e se apresenta como essencial para a investigação conceitual e ou para o conhecimento e inclusão de estudos já realizados sobre essa abrangência temática.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (Severino, 2013, p. 105)

As pesquisas bibliográficas tiveram como ponto norteador as contribuições de pesquisadores que trabalham os fundamentos da Geografia para o estudo do município e ou da região metropolitana de Maringá enquanto um lugar de realização das relações socioespaciais. Para isso foi necessário entender o conceito mais amplo de espaço geográfico, sobre a formação do território e da população e, em especial a construção do lugar dos alunos. O município é um lugar e é também um território - um espaço geográfico. Ali, no lugar vivem as pessoas/ população e ou, no caso os sujeitos objeto desta pesquisa. Ainda, foi necessário ver os fundamentos sobre a Didática da Geografia, ou seja, sobre a metodologia de ensino dessa disciplina escolar com a finalidade de melhor interpretar sobre as práticas educativas aí desenvolvidas.

Quanto à pesquisa em fontes secundárias, essas precisaram acontecer por meio de análises em dados/informações produzidos e publicizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), pela Prefeitura Municipal de Marialva e, pelo Observatório das Metrópoles<sup>1</sup>, existente na Região Metropolitana de Maringá os quais constituem as fontes secundárias a serem acessadas, e ainda o Colégio Saldanha para as informações mais específicas da escola. Desse modo, esse tipo de pesquisa refere-se aos “[...] livros e artigos através dos quais outros pesquisadores informam os resultados de pesquisas baseadas em dados primários ou fontes. Você cita ou menciona como um suporte para sua própria pesquisa”. (Booth, 2008, p. 92)

Sendo assim, este trabalho busca informações sobre a população e a formação do município – características essas que acarretaram influências na dinâmica social dos munícipes e, conseqüentemente, no espaço geográfico dos alunos. Nesse foco foram buscadas informações referentes à construção socioespacial do município de Marialva, considerando população, migrações, crescimento e as origens étnicas. A formação territorial de Marialva desde o início da comunidade até a atualidade do município.

Com isso, aferindo a construção socioespacial de Marialva, tornou-se possível analisar os fatores que interferiram na constituição da atual dinâmica educacional do município - desde as questões de distribuição geográfica das instituições de ensino, principalmente quanto ao Colégio Saldanha Rocha, sua estruturação física e funcional e as demandas exigidas pelo público atendido.

De tal modo, a pesquisa em fontes bibliográficas e secundárias voltou-se para problemáticas sobre a formação, desenvolvimento e educação do/no município de Marialva. Para tais questões tornou-se fundamental a busca de materiais que abordassem as origens étnicas dos marialvenses, sua chegada e adaptação às características regionais existentes neste lugar, como também o impacto disso na formulação da educação ofertada pelas escolas presentes no município, as quais são reflexos das construções sociais, culturais e econômicas que configuraram a atualidade desse município e seu papel em escalas regionais e nacional.

Imprescindível a este trabalho, também a pesquisa em fontes primárias constituiu em observações e busca de informações na instituição de ensino. Sendo assim, algo primordial para uma análise da realidade, a qual resultou em coletas de dados sobre os alunos e, por meio de diálogos com membros da comunidade escolar do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha (principalmente, com a equipe pedagógica, professores - em especial, de Geografia – e alunos), como também a busca por registros formais de informações pertinentes a problemática estudada.

---

<sup>1</sup> O Observatório das Metrópoles é uma rede de pesquisa sobre questões urbano-metropolitanas. Na região de Maringá, esta instituição faz parte de uma rede de pesquisa que, segundo o próprio site da organização, tem a cidade de Maringá como núcleo desde o ano de 2005, trabalhando, principalmente com questões que envolvem a habitação e planejamento urbano.

Em outras palavras, como demonstra Booth (2008, p. 92), este tipo de pesquisa caracteriza-se pelos “[...] elementos sobre os quais você está escrevendo diretamente, as “matérias-primas” de sua pesquisa.” E sobre isso, o mesmo autor fala sobre as pessoas como fontes primárias, e para isso, Booth (2008, p. 93), diz que é preciso um cuidado especial – uma vez que mesmo não sendo necessário seguir regras rígidas de perguntas aos entrevistados, é necessário ter um planejamento o qual use as pessoas com um propósito definido. E sabendo que o presente trabalho possui os alunos como ponto central, esses sujeitos se tornaram os principais componentes da pesquisa primária, sem deixar de lado a consulta com as demais fontes primárias no caso os docentes e os pais e ou responsáveis.

Para tanto, se tornou possível e mais viável a realização de entrevistas individuais com os sujeitos alvos desta pesquisa. Uma vez que, dentro das subjetividades de cada indivíduo entrevistado foi possível analisar as problemáticas existentes e percebidas pelas diferentes perspectivas – seja essas pelo olhar do professor, em especial de geografia, seja pela equipe pedagógica, seja pelos alunos e mesmo pelos pais e/ou responsáveis.

Considerando isso, as entrevistas se organizaram conforme o público entrevistado, sendo cinco perguntas destinadas à equipe pedagógica; seis perguntas à direção; seis perguntas aos professores; sete perguntas aos alunos; e oito perguntas aos pais ou responsáveis legais. E desse modo, cada entrevista, realizada com questões abertas, foram gravadas e transcritas para este trabalho, ou seja, conforme a fala de cada entrevistado.

Com isso, cada tipo de entrevista, composta de cinco a oito questões, além de possuírem finalidades diferentes de acordo com o tipo de público entrevistado, não serviram para fins estatísticos, mas com a finalidade de coletar amostragens sobre percepções dos sujeitos entrevistados. No entanto, para que haja uma organização e análise dos resultados dessas questões tornou-se válido respondê-las trabalhando com uma proposta de classificação desenvolvida por Bardin (1977) – a categorização. Essa consiste em um processo de agrupar diferentes elementos que fazem parte de um todo. Sendo assim, diferenciando-os segundo as características em comum que cada reagrupamento teve. Para isso, essa classificação obedecerá a critérios previamente definidos, os quais podem ser, de acordo com Bardin (1977, p.117):

[...] semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria «ansiedade», enquanto que os que significam a descontração, ficam agrupados sob o título conceptual «descontração»), sintático (os verbos, os adjectivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinónimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas

perturbações da linguagem)”.

Nesse caso, dividiu-se e reagrupou-se o público de acordo com o critério semântico, ou seja, seguindo as diferentes temáticas específicas. Com isso, o público entrevistado foi classificado conforme os objetivos gerais de cada proposta de pesquisa. Para que tal categorização possa ser definida, necessita-se organizar o público em cinco tipos de entrevistados (a direção; a equipe pedagógica; os professores; os pais ou responsáveis e alunos), assim teremos cinco propostas de entrevistas, sendo elas submetidas a seguinte organização:

- A direção do Colégio - sobre o impacto do Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha no município de Marialva: responsável pela gestão da escola, a direção do Colégio Saldanha Rocha, além de englobar funções de liderança e coordenação, também está voltada para o cuidado com as necessidades do público atendido. Neste contexto, como proposta de pesquisa, foi realizada entrevista com a direção do Colégio Saldanha Rocha, ou seja, apenas a diretora da instituição, e na oportunidade, dialogando sobre as concretizações, anseios e expectativas para o Colégio, sendo assim, colhendo como resultados, a abordagem sobre as ofertas e demandas da instituição de ensino perante os alunos, profissionais da educação e a comunidade escolar.

- A equipe pedagógica - quanto à relação entre alunos-família-escola: pretende-se trabalhar com a equipe pedagógica da escola, no caso docentes profissionais preparadas a atribuir suporte e orientações complementares no desenvolvimento do conhecimento, promovendo a relação entre aluno a escola e a família. Com isso, tendo como resultados das entrevistas, as interpretações das problemáticas relatadas pelos alunos e por seus responsáveis. Nesse cenário, a perspectiva consistiu em trabalhar com três pedagogas do Colégio Saldanha Rocha – das quais, uma de cada período, sendo suporte no turno da manhã, tarde e noite, como também orientando diferentes séries, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental II até o Ensino Médio e Técnico.

- Os professores – a Geografia e seu significado na vida dos discentes: buscando um foco mais direto com a sala de aula (professor-aluno), foi realizada entrevista com os professores, em especial, os professores de Geografia. Do total de oito professores de Geografia presentes no Colégio, buscar-se-á realizar entrevistas com quatro professores, os quais trabalham com turmas do Ensino Fundamental II e, com quatro professores do Ensino Médio e Ensino Técnico, e em turnos alternativos. Com isso, a intenção foi verificar as percepções sobre o quanto a Geografia Escolar encontra-se distanciada da realidade do aluno. Sendo assim, esperando encontrar junto aos professores de Geografia possíveis soluções para esse distanciamento e como a Geografia pode se tornar um conhecimento significativo na relação entre o aluno e a escola.

- Os alunos – perspectivas comunicativas com a escola: aqui está a peça-chave do presente estudo – os alunos. Esses, distribuídos ao longo dos três turnos de atendimento do Colégio Saldanha Rocha, foram tratados com um olhar analítico sobre seu espaço geográfico. Foram selecionados doze alunos para a realização das entrevistas. Desses, foram entrevistados, oito alunos do Ensino Fundamental II – sendo dois alunos do 7º ano matutino, dois alunos do 9º ano matutino, dois alunos do 7º ano vespertino e dois alunos do 9º ano vespertino; e quatro alunos do Ensino Médio – sendo dois alunos do 2º ano matutino e dois alunos do 4º ano do Ensino Técnico Profissionalizante. Com isso, as entrevistas focaram nas subjetividades dos alunos, analisando suas projeções sobre a escola, o ensino de geografia e sua relação com a sociedade. Tendo essa proposta de entrevista, espera-se obter possíveis respostas para a relação comunicativa entre esses alunos com o Colégio Saldanha Rocha – quais suas percepções, anseios, dificuldades e perspectivas?

- Os pais e/ou responsáveis – a relação família e escola: Não tão comum em pesquisas sobre a educação básica, necessariamente no ensino de geografia, neste trabalho também foi exposta as entrevistas realizadas com os pais ou responsáveis de alguns alunos do Colégio Saldanha Rocha. Esses também fizeram parte do público da escola, pois se tornaram um “espelho” que refletiu o aluno em sala de aula. A educação familiar pode interferir no ensino-aprendizagem de seus filhos, sendo assim, aos pais e responsáveis fica o papel de expor seus interesses, anseios e contribuições para com a escola. Consequentemente, suas perspectivas e falas configuraram pontos não expressos pelos alunos. Durante as entrevistas, esses indivíduos foram tratados por dois pontos de análise: um voltado a enxergá-los enquanto sujeitos socioespaciais do município de Marialva, isto é, a população – portanto, produtos e produtores desse espaço; como também enquanto membros da comunidade escolar do Colégio Saldanha Rocha – sendo um público que influencia na relação aluno-escola. Foram entrevistados seis responsáveis, ou seja, metade do número de alunos entrevistados. Desse modo, pretendeu-se analisar quais problemáticas, provavelmente não mencionadas pelos alunos, interferiram na relação dos mesmos com o Colégio Saldanha Rocha, e assim, encontrando resultados complementares aos colhidos durante as entrevistas com os alunos.

Com essa organização, alcançando um número de 26 entrevistados, os participantes foram descritos da seguinte maneira:

- Para os pais e/ou responsáveis (PR) – enumerados de PR1 a PR6;
- Para a equipe pedagógica (PG) – enumeradas de PG1 a PG3;
- Para a direção (D) – descrita pela letra “D”;
- Para os professores (P) – enumerados de Prof 1 a Prof 4;

- Para os alunos (A) – enumerados de A1 a A12.

Como um meio de comparação, esta pesquisa utilizou a fala de alguns sujeitos de cada grupo com o objetivo de construir diferentes perspectivas sobre a relação aluno-escola. Para tanto, esses resultados de pesquisa foram organizados e analisados através da proposta de Bardin (1977) – Análise de conteúdo, percorrendo três polos cronológicos, sendo eles a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Nesse momento não se tratou das etapas da entrevista em si, mas no que estava por traz dela, ou seja, na sua sistematização.

Esses polos cronológicos mencionados foram trabalhados da seguinte maneira:

O primeiro momento é de pré-análise: é a fase da organização inicial das ideias. Nesse momento foram selecionados os questionários viáveis às entrevistas, sendo as perguntas elaboradas seguindo hipóteses mencionadas neste trabalho para alcançar os objetivos propostos de análise e elaborar indicadores que ditem a interpretação final.

No segundo momento introduziu-se a exploração do material: essa foi a fase de análise dos elementos brutos coletados. Nesse momento, os questionários respondidos e coletados por um aparelho gravador de áudio foram devidamente analisados.

No terceiro momento da análise do conteúdo surgiu o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação: agora, é a fase do tratamento dos resultados brutos. Nesse momento tem-se o refinamento de questões mais adequadas ao trabalho proposto. Esses resultados foram tratados de modo a serem significativos ao trabalho proposto, como também, passaram pelo processo de validação, sendo assim, fieis as inferências e interpretações.

A exposição dos resultados das entrevistas ou o modo pelo qual as informações foram tratadas objetivou perceber com maior aproximação possível da realidade as manifestações ou problemáticas encontradas em campo as quais foram objeto de análise. Esses resultados obtidos pela realização de entrevistas diretas e respondidas abertamente para que os sujeitos investigados possam expressaram o real sentimento de suas vivências e práticas educativas.

### **SEÇÃO III - FORMAÇÃO E ATUALIDADE DE MARIALVA**

Para bem compreendermos as interações e caminhos socioespaciais dos alunos, isto é, a construção do lugar desses sujeitos no Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, faz-se necessário compreender a formação do município de Marialva, da população e do território, relacionando esse processo com os sujeitos e as práticas presentes no trabalho escolar. Por isso, neste momento vamos escrever sobre a formação e atualidade socioespacial de Marialva. Primeiro, situando o processo de formação regional e da região metropolitana de Maringá. Na sequência, sobre a formação e atualidade do município de Marialva, em especial sobre as origens étnicas e socioeconômicas da população. E, no terceiro momento, vamos ver mais alguns aspectos sobre a atualidade do município e da organização do espaço urbano de Marialva enquanto cidade integrada à região metropolitana de Maringá e enquanto um lugar no qual se materializam as relações globalizadas, um lugar da globalização.

#### **3.1. A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO E DA POPULAÇÃO**

Quando da colonização da região do norte paranaense, observava-se a chegada de uma frente de desenvolvimento que mudaria completamente a história dessa área na qual habitavam povos indígenas e caboclos dispersos pelas terras paranaenses. Esse cenário estava, assim, relacionado ao processo de colonização do que atualmente é o estado do Paraná, pois, segundo os escritos de Dias e Gonçalves (1999) é a partir das primeiras expedições portuguesas e espanholas, no século XVI, sendo a primeira partindo do litoral de Santa Catarina e adentrando o interior do Paraná em busca de metais, escravos e rotas, que se inicia o processo de reocupação e exploração do território paranaense, anteriormente habitado por grupos indígenas. Tudo isso “[...] em nome do ‘rei’ (Espanha ou Portugal) e de ‘Deus’ (reduções jesuíticas)”.

No mais, a região norte, a qual fora dividida em três frentes de ocupação (Norte Pioneiro, Norte Novo e Norte Novíssimo), dando assim, uma sequência de ocupação no sentido leste-oeste do norte do Paraná, a região que atualmente compreende o município de Marialva – o Norte Novo – tornou-se palco de rápida transformação em meados do século XX.

E para isso, em meados do século XIX, agora “[...] em nome da ‘nação brasileira’ [...]” é que esse processo se inicia no Norte Pioneiro, conhecido também como Norte Velho, mas agora em busca de outros fins, entre eles o ‘progresso nacional’ por meio de campos agrícolas. Especificamente a nordeste do estado iniciou-se um processo de reocupação que teve seu auge entre meados do séc. XIX e nas primeiras décadas do século XX, como dirá Tomazi (1997). Esta região

tornou-se atrativo para os agricultores paulistas que estavam a progredir a marcha para o Oeste do café com suas grandes propriedades. Tudo isso, por conta das características naturais oferecidas pelas terras desta região, tendo para os cafeicultores paulistas motivos para desenvolverem seus extensos cafezais pela, então, conhecida terra-roxa. Tudo isso, duraria muito tempo, a não ser com a chegada da crise de 1929<sup>2</sup>, a qual acarretou prejuízos imensuráveis no Norte Pioneiro.

Segundo Tomazi (1997), a partir desse momento, com uma nova política em desenvolvimento, surge uma frente de reocupação, agora, voltada para o Norte Novo – a segunda subdivisão da região norte paranaense. Compreendendo uma área a qual, atualmente, possui algumas das principais cidades do estado tais como Maringá, Londrina, Umuarama, Cianorte e Apucarana. Esta região ganha notoriedade a partir de meados do século XX – principalmente entre 1930 e 1947- por conta do predomínio da mencionada terra-roxa, componente natural que favorecia a expansão da agricultura, em especial da cafeicultura. Nesta área pode se desenvolver uma Companhia de terras, a qual ditou os passos da reocupação do que passou a ser denominado “Norte do Paraná” (a qual será explicita com maiores detalhes mais adiante).

Ainda, Tomazi (1997) descreve que, mais tarde, uma nova subdivisão ganha repercussão, agora, o Norte Novíssimo. Nesta área, a noroeste do estado do Paraná, uma nova organização é formulada – tendo a participação direta do Estado e de iniciativas privadas que puseram um novo sentido a este território, com a introdução de culturas como a do café e do algodão. Diante disso, segundo Tomazi (1997) apud Chaves Neto (1961, p. 45), marcante também foi o choque entre posseiros e a Força Pública do Estado, na tentativa de expulsá-los das terras e conceder suas porções de terra a grandes fazendeiros. Sendo assim, de acordo com dados reunidos pela prefeitura municipal de Marialva, por volta de 1920 surge uma política que autorizava a reocupação da região Norte do Paraná. Nesse meio, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) – de capital inglês – tornou as terras dessa região um atrativo por conta das favoráveis condições econômicas e naturais que essa porção oferecia frente às problemáticas que se processavam no estado de São Paulo e pela chegada de “[...] colonos descendentes de alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul e do Oeste de Santa Catarina”. (Alves, A. P.; Pelegrini, S. C. A, 2010, p. 307). O impacto, de fato, vem ocorrer quando, na segunda guerra mundial, os empresários ingleses venderam suas terras no Brasil para investir o capital na guerra<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Esta crise foi marcada por uma recessão econômica iniciada nos Estados Unidos e de impacto mundial, devido à superprodução industrial, sucessivas deflações, falências massivas, desempregos e mudanças políticas.

<sup>3</sup> Por volta de 1939, com o advento da Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra, submersa no conflito de dimensões continentais, viu-se obrigada a dispor de muitos de seus bens no exterior. O governo britânico então determinou o

Com isso, a CTNP, comprada por acionistas brasileiros, torna-se CMNP – Companhia Melhoramento Norte do Paraná - um empreendimento que teve como pressuposto a venda de glebas rurais e que, junto do governo do estado, colonizadores e posseiros reconfiguraram o território norte paranaense – sendo assim, como demonstra na imagem a seguir (figural):

**Figura 1 - Localização da área colonizada pela CMNP no estado do Paraná.**



Fonte: CMNP, 1975.

Na sequência a esse período observa-se o maior pico de revalorização das terras do norte do Paraná, as quais foram planejadas a atenderem o dinamismo hierárquico das cidades que seriam fundadas. Isto é, a partir desse momento, as terras adquiridas pela companhia passaram a atender ao valor do mercado e não somente ao valor cultural, histórico e afetivo como os primeiros povos promoviam. Frente a esta revalorização e incentivo a busca por novas terras se propagava como

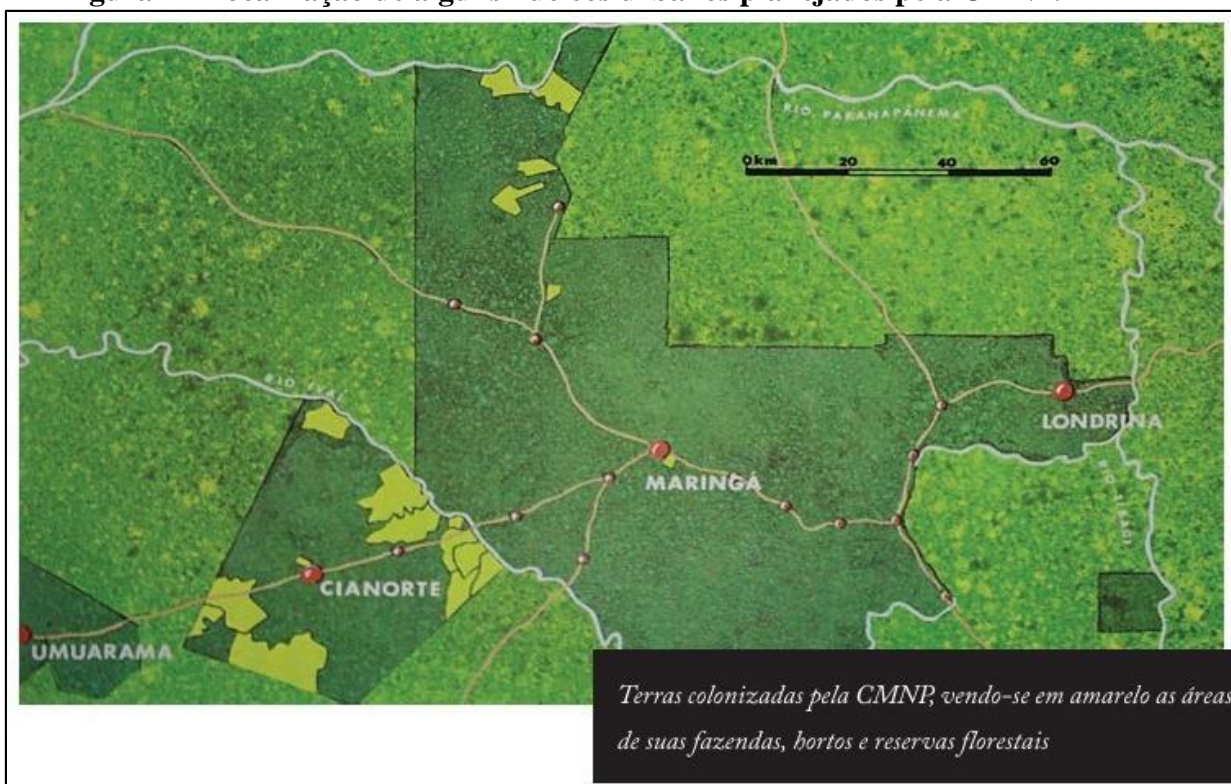
---

retorno automático dos capitais ingleses em aplicação fora do país, o que resultou na venda da até então chamada Companhia de Terras Norte do Paraná a um grupo de empresários paulistas [...]. A Companhia de Terras Norte do Paraná, agora sob controle de investimentos nacionais, passou a denominar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). (Tomaz, p. 7, 2010)

“[...] “Nova Canaã”, “Eldorado”, “Terra onde se anda sobre o dinheiro”, “Terra da promessa” [...]” (Dias e Gonçalves, 1999, p.117).

Sendo assim, de acordo com Almeida (2010 apud Muller, 2001), os principais centros urbanos como Londrina, Maringá e Cianorte (figura 2) localizar-se-iam no espigão, paralelo a ferrovia e a estrada de maior importância, sendo que estas cidades teriam distâncias regulares de 100 km entre si. A partir desse planejamento, entre as cidades polos haveria pequenos núcleos urbanos com distâncias entre 15 a 30 km umas das outras, os quais serviriam, apenas, para atender os moradores rurais das proximidades. Desse modo, constituindo um planejamento hierárquico que promoveria a dinâmica de colonização, a drenagem da produção regional e o acesso ao espaço urbano.

**Figura 2 - Localização de alguns núcleos urbanos planejados pela CMNP.**



Fonte: CMNP, 1975.

Em geral, nos núcleos urbanos centravam o comércio, estações de trem, indústrias e moradias, enquanto os lotes rurais (de 5 a 30 alqueires) eram divididos a partir de vias importantes (carreadores situados nos divisores de água) até a baixa vertente (córregos). Muitas vezes a parte superior da vertente servia para plantações e as partes mais baixas para casas e pastagens.

Quanto a Marialva - cidade planejada pela CMNP - o ritmo não foi diferente: agricultores,

principalmente descendentes de italianos e japoneses<sup>4</sup>, impulsionados pela alta demanda de terras em Marialva, estabeleceram-se nesta localidade, entre 1936 e 1940, impulsionando, assim, a atividade cafeeira que foi carro chefe<sup>5</sup> na ocupação territorial do Norte do Paraná, principalmente por conta da “terra roxa” – um solo altamente favorável a esta atividade, atribuindo, assim, um novo cenário ou reterritorialização nesta região.

Destas terras, de coloração avermelhada em virtude da decomposição de rochas basálticas<sup>6</sup>, em Marialva, suas riquezas, em sintonia com as condições climáticas e geológicas favoráveis se resumem no aparato pedológico, o qual é formado pelas seguintes composições:

- Nitossolo Vermelho Eutroférico Típico: de maior representatividade no município, com uma área de quase 245KM<sup>2</sup> ou um pouco mais de 50% de ocupação no município de Marialva, este solo, seguindo as análises de Graça; Silveira e Terrassi (2014), apresenta-se em relevo de baixa declividade (3 - 20%) com uma distribuição entre a região central ao extremo sul do município de Marialva.

- Latossolo Vermelho Distroférico Típico: um solo de alta profundidade, porosidade e relativamente drenado, tendo, assim, de baixa a média fertilidade natural. Desse modo, de acordo com Graça; Silveira e Terrassi (2014) este solo ocorre sobre relevo com declividades menores que 8% e associada aos topos de interflúvios. Além disso, correspondendo um pouco mais de 96 km<sup>2</sup> ou 20% do município, esta classe é encontrada nas regiões centro-norte e sudeste de Marialva.

- Neossolo Litólico Eutrófico: presente em quase 30% do município de Marialva ou ocupando uma área de quase 135 KM<sup>2</sup>, este tipo de solo, segundo Graça; Silveira e Terrassi (2014) está associada a relevos de declividades acima de 20%. Possuindo uma textura argilosa, em geral apresentam baixa profundidade, onde predomina o processo de morfogênese. Além disso, no município de Marialva esta classe de solo é encontrada nas regiões norte, sudoeste e sul.

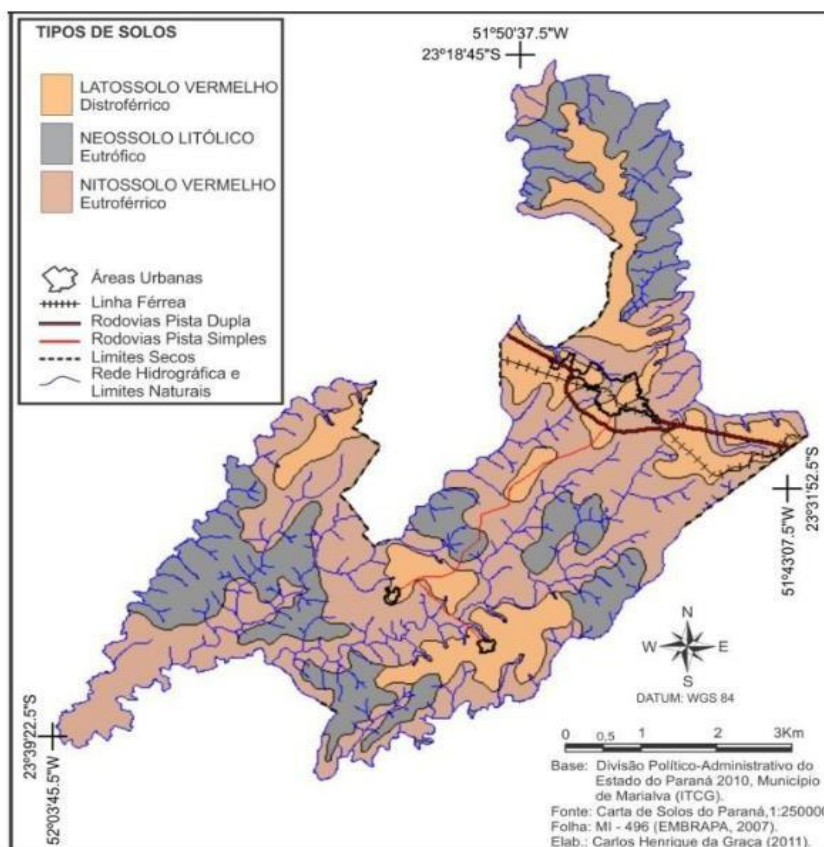
---

<sup>4</sup> O desbravamento e pioneirismo em Marialva não ficaram ileso aos esforços de “braços” brasileiros, como é o caso do baiano Joaquim de Messias da Silva, que, como relata Ricieri (2008) se dedicou ao desbravamento do interior e abertura de poços na região de Marialva.

<sup>5</sup> A atividade de pastoreio também era significativa. Havia também culturas menores de arroz, mandioca, feijão, algodão, milho, trigo, entre outros. deparavam com caboclos e indígenas, ou mesmo com instrumentos arcaicos que atestavam a existência de habitantes primitivos.

<sup>6</sup> De origem eruptiva, ou seja, devido o extravasamento de lava e seu posterior resfriamento, estes são os tipos de rochas mais abundantes na crosta terrestre. Tendo em sua composição, por exemplo, o ferro, estas rochas em contato com os processos intempéricos provocam sua oxidação, apresentando processos de formação de relevos (morfogênese) e de solos (pedogênese) em tons avermelhados.

**Figura 3 - Tipos de solos predominantes no município de Marialva –PR.**



Fonte: Graça; Silveira e Terrassi (2014).

No mais, os diversos povos que desbravaram estas terras, especialmente em Marialva, retratam a imensidão da riqueza natural que compunha o Norte do Paraná, e que, conseqüentemente, fizeram do café, uma produção de sucesso. É, portanto, que segundo o IBGE, o município de Marialva possui em sua formação as iniciativas da cultura do café junto às ricas terras – ditas terras roxas – e o clima subtropical, que atraiu povos desde a segunda década do século vinte, os quais se espalharam pelo norte paranaense, como é retratado a seguir:

As primeiras plantações de café surgiram a partir de 1860 com as frentes de fazendeiros que ocupavam parte do norte do Paraná. Mas é a partir de 1930 que a produção cafeeira passa a ser fundamental para o desenvolvimento da região. Em 1942, o Paraná era um “mar de cafezais” e tornou-se, em pouco tempo, a região produtora mais importante do país. A cafeicultura em Marialva teve início em 1937, quando chegam as primeiras famílias de japoneses. O café era a cultura básica, mas cultivava-se também arroz, milho, trigo, bata inglesa, mandioca, feijão e algodão, entre outros. As pastagens também ocupavam boa parte do solo da região do município. (Marialva, 2015, p. 13)

Sendo assim, décadas após os primeiros impactos dessa atividade na região, Marialva inicia seus tramites políticos já em meados do século vinte, a qual foi “Desenhada para servir de posto

intermediário no mapa da conquista do Norte Novíssimo pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) na década de 1930 [...]” (Marialva, 2015, p.17). E que, além disso, de acordo com a Prefeitura Municipal de Marialva (2023), no ano de 1947 a atual cidade passa a ser Distrito Administrativo do município de Mandaguari, tendo os representantes locais a oportunidade de participar ativamente da política. Segundo Ricieri (2008), ainda como distrito de Mandaguari em 1950, Marialva, alcança um pouco mais de 21 mil habitantes, sendo quase 18.600 pessoas vivendo na zona rural.

Ainda, segundo a Prefeitura Municipal de Marialva (2023), foram precisos apenas cinco anos de categoria como distrito de Mandaguari para Marialva ser elevada ao título de município no ano de 1952. Seu nome, em homenagem ao cavaleiro português D. Pedro de Alcântara de Menezes Noronha Coutinho (1713-1799) – o "Marquês de Marialva", tal qual termo derivou da língua ugarítica: "mhraby" que significa "vigor paternal"; "vigor ancestral".

Marialva desde quando se tornou município possuiu cinco distritos, os quais se mencionam da seguinte periodização: Itambé (1960-1960), Sarandi (1960-1981), Marialva (1960-atual), Cambuí (1960-atual), São Luiz (1967-atual) e Santa Fé do Pirapó (1968-atual).

Como se observou, a divisão territorial do município de Marialva passa a ser constituída pelos distritos de Marialva, Santa Fé do Pirapó, São Luiz e São Miguel do Cambuí, os quais se consolidaram somente a partir do ano de 2001, permanecendo até os dias atuais.

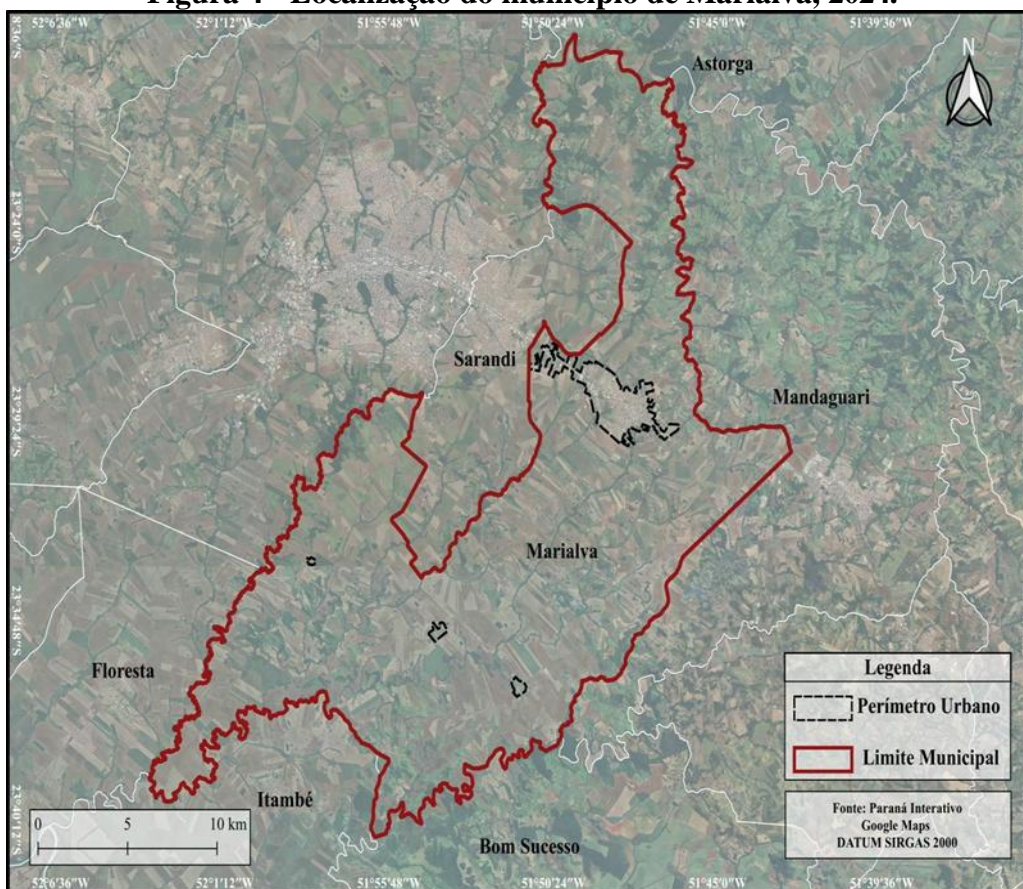
De todo modo, com a crise do café que se processou, Marialva, consolidando sua municipalidade, adota uma singularidade em relação aos municípios da região – tendo a viticultura como uma prática agrícola de alta aposta econômica por parte dos pequenos agricultores (já que, financeiramente, não conseguiam investir na atividade de grãos) que queriam continuar a cultivar suas propriedades. (Marialva, 2015). Outro detalhe marcante foi a abrupta redução da população marialvense em um intervalo de 10 anos, devido a emancipação política do distrito de Sarandi, fazendo a população de 42.354 habitantes, em 1980, cair para quase metade, chegando a marca de 22.625 habitantes, em 1991.

Desse modo, observou-se que Marialva se transformou em um lugar propício ao cultivo da uva fina de mesa, principalmente, por parte de descendentes de japoneses. Ademais, essa atividade inicia sua validação a partir da década de 1960, tendo importância econômica já nas décadas de 80 e 90 do mesmo século. (O exemplo da uva fina, 2021).

Com base em informações do Plano Municipal de Educação (Marialva, 2015), o município de Marialva, a 602 metros de altitude e com 450 quilômetros de distância da capital estadual,

encontra-se na zona fisiográfica do Ivaí, precisamente no terceiro Planalto, no popular norte da Paraná e na região sul do Brasil. Sendo assim, possuindo sua sede municipal entre as coordenadas geográficas de 23°29' de latitude sul e 51° e 44' oeste de Greenwich. E conforme demonstra o mapa a seguir (Figura 4), Marialva possui seus limites territoriais com os municípios de Astorga, ao norte, Mandaguari, a leste, Bom Sucesso, ao sul, Floresta, a sul-sudoeste, Itambé, a sudoeste, Maringá, a lés-sudoeste e a nor- noroeste, e Sarandi, a oeste.

**Figura 4 - Localização do município de Marialva, 2024.**



Fonte: Figura do autor, 2024

Atualmente, o município de Marialva compõe a região metropolitana de Maringá que, conceitualmente corresponde, segundo a Constituição Federal, no § 3º do art. 25, à “[...] agrupamentos de municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum.” Desse modo, objetivando o aprimoramento de políticas públicas para os municípios que compõe cada região dessa tipologia. Sendo assim, de acordo com o site do Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana (PDUI/RM) de Maringá (2022), as RMs são:

[...] caracterizadas pelo agrupamento político e geográfico de Municípios limítrofes, ou seja, cidades ao entorno de uma metrópole ou Município polo, conforme critérios do IBGE. Esse agrupamento é constituído por lei e representa uma unidade territorial estadual. A formação das RMs decorre de relações significativas de interligação, partindo principalmente do Município polo. Dessa forma, é possível caracterizá-las por fenômenos urbanos, tais como: conurbação (junção da malha urbana de Municípios distintos), movimentos pendulares (deslocamentos intermunicipais diários por motivos de estudo e trabalho) e relações de dependência de equipamentos públicos, comércios e serviços.

De tal modo, para a Região Metropolitana de Maringá, na orientação da elaboração do Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado (PDUI), foi levado em consideração a “estrutura intraurbana, integração e conurbação em arranjos populacionais, papel metropolitano na rede de cidades brasileira, posição central em importante região agrícola etc.” (Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado, 2022, p. 15).

Em função da dinâmica regional e a proximidade do município de Marialva ao município de Maringá, este último exerce diversas funcionalidades diretas com o primeiro. Disso, é possível mencionar a atividade migratória pendular que muitos moradores de Marialva realizam à Maringá – principalmente, pela concentração de instituições empregalísticas e de ensino em Maringá, os quais atraem pessoas em busca de emprego, mercadorias e estudos. De acordo com Rodrigues, Godoy e Souza (2015, p. 81), somente dos municípios de Marialva junto ao município de Paiçandu e Sarandi “[...] quase metade das pessoas que trabalham ou estudam (43%) sai de seu município de origem, e desses, mais de 90% dirigem-se a Maringá”.

Embora esse movimento migratório, o município de Marialva possui como um dos principais “motores” impulsionadores de sua economia, a fruticultura, que, junta a atividade agrícola de grãos, substituíram a primeira atividade econômica local, em razão das medidas restritivas impostas pelo Governo Federal em virtude da alta produção cafeeira e das intensas geadas que assolaram as atividades agrícolas em meados século XX<sup>7</sup>.

Conhecida como a “Capital da Uva Fina”, nos últimos anos, apesar do recuo na quantidade de propriedades de viticulturas, o município se destaca no mercado, sendo que, além dessa prática agrícola, Marialva aposta sua economia em diversas atividades primárias – em sua maioria, agricultura familiar - em especial, o cultivo da lichia, rosas, plantas suculentas, criação de abelhas e

---

<sup>7</sup> Tais medidas fizeram erguer a culturas de soja e trigo, além da pecuária, os quais exigiam maiores capitalizações e aumento das propriedades. Além desse fator, as geadas de 1962, 1966, 1969, 1972, 1979 e 1981 também contribuíram com esse processo. Tudo isso, por conta das periodizações do café desde a formação do plantio, gastos com manutenções e prejuízos com a produção irrecuperável, até o endividamento dos cafeicultores. Com a “Geda Negra”, de 1975, tem-se a destruição de todos os cafezais.

muitas outras, as quais fortalecem a economia municipal junto a atividades secundárias e terciárias – no caso da indústria e comércio, respectivamente.

Chegando ao número de 41.851 pessoas, segundo dados do censo demográfico do IBGE (2023), o município de Marialva recebe uma característica peculiar em relação às cidades que compõe a região metropolitana de Maringá, a qual este município pertence. Marialva alcança o nível de 4ª cidade mais populosa da região, sendo que, economicamente crescente, este município possui certa influência sobre os que estão em sua volta – característica esta que atrai indivíduos de diferentes localidades, tanto regionais quanto em nível nacional, os quais objetivam, principalmente, oportunidades de trabalho e melhores condições de vida.

Com essa discussão até aqui trabalhada, evidencia-se que para que possamos compreender as interações e caminhos socioespaciais traçadas pelos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, se fez necessário analisar a formação do município de Marialva, da população e do território. Com essa análise construída é possível relaciona-la com os sujeitos e as práticas presentes na realidade escolar.

Aqui está a conexão socioespacial – o sujeito, o espaço e o tempo. Juntos construindo, cronologicamente, espaços geográficos pelas mãos de sujeitos sociohistóricos. Alcançando uma realidade que situa os lugares na atual globalização, cada qual com sua forma e sua função, como exemplificaremos a seguir sobre a atualidade de Marialva – município este situado como espaço geográfico e, especialmente, um lugar.

### 3.2. A ATUALIDADE DE MARIALVA

Para situar Marialva Marialva como um lugar do mundo globalizado é necessário identificar abordagem desses conceitos de amplo interesse para a Geografia, os quais se tornam ferramentas para o entendimento do objeto de estudo desta pesquisa. Assim, o destaque primeiro vai para o entendimento de espaço geográfico – um espaço marcado historicamente pelas ações e concretizações antrópicas. Nele se encontra, sistematicamente, as ações e objetos, ambos em constantes movimentos de adaptações, os quais ditam que:

O espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. (Santos, 2008, p. 30)

Este espaço, quando colocado à vista da temática analisada neste trabalho, constrói ou contribui para uma interpretação socioespacial sobre o lugar em questão, no caso, o município de Marialva.

Em Marialva, como espaço geográfico, estão as pessoas, e essas possuem relações com este espaço tal qual construa um pertencimento. E sobre isso vale ressaltar o conceito de “lugar”. Isso se dá pelo fato de que sua conceituação nos leva a refletir sobre as peculiaridades da população, os sentimentos, o pertencimento, as ocasiões. Pois assim o conceito de lugar se configura como:

[...] a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contacto com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado. Por isso fala-se na imprevisibilidade do evento que Ricoeur chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história de ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. (Santos, 2008, p. 163)

Este lugar expressa sentidos por meio de suas funcionalidades socioespaciais, as quais atribuem valores a seus objetos. Com isso, de todo modo, a dinamicidade do município de Marialva se perpetua pelo espaço que o conecta – um espaço de intra e inter-relações, as quais todos os lugares expressam suas subjetividades, suas funções, suas redefinições. Ou seja, “é o lugar que atribui às técnicas o princípio da realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica.” (Santos, 2006, p. 58). Para tanto, a ocupação territorial define a utilização dos espaços geográficos, os quais se organizam através das diferentes sociedades. Atribuindo, assim, as formas de apropriações e utilizações do espaço físico.

No processo de formação de Marialva, situado no item anterior, pode ser identificado o processo de constituição do espaço geográfico ou poderíamos dizer, do território usado, cujo fundamento se dá pelo “[...] trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.” (Santos, 2006, p. 14).

Do período anterior à ocupação por migrantes italianos e japoneses nesse lugar já havia indícios de povos indígenas, caboclos que praticavam ainda formas mais primitivas de produção e consumo. Da formação inicial até a atualidade, as transformações socioespaciais incluem atualizações com a incorporação ao território, além de novos contingentes populacionais, de meios técnicos, técnico-científicos e, técnico-científicos e informacionais. Essa atualização faz de Marialva um espaço em rede ou um lugar da globalização.

As produções espaciais servem desse modo, a uma unificação por meio de redes, sendo essas, “[...] vetores de modernidade e também de entropia.” (Santos, 2008 p. 153), marcados pelos espaços das horizontalidades e verticalidades, ou seja, daquilo que Santos (2021) chama do encontro entre o interno e o externo, o velho e o novo, e assim, seguindo as formas e normas da globalização, regidas pela competitividade mundial. A referência citada à palavra entropia associada com a modernização expressa esses encontros, ainda não consolidados, gerando desorganizações e incertezas sobre o presente e o futuro, entropias.

É fundamental à atenção neste seguinte escrito: as verticalidades impostas pela globalização marcam a perturbação das horizontalidades dos lugares, lugares estes que presenciavam uma contiguidade funcional, mas que, atingidas pela conectividade das redes globais, alteram seus valores para escalas globais, ofertando, em prioridade, aquilo que Marx (1983) chama de valor de troca, isto é, neste momento o ponto central está na quantidade e não na qualidade que o lugar pode oferecer ao mundo. Em outras palavras, a centralidade da globalização está no quanto os lugares podem estabelecer relações de troca das e não na capacidade que cada lugar possui de satisfazer determinada necessidade (valor de uso - Marx (1983)). O exemplo disso, Marialva, reconhecida por sua produção de uva fina de mesa, imposta pelas verticalidades, precisa expressar seu lugar na globalização, assegurando o máximo da reprodução desse produto no mercado a fora.

Nesse sentido, a prioridade está na rentabilidade da uva fina de mesa, ou seja, no quanto ela pode ser trocada, e não na usabilidade/propriedade/qualidade que esse produto pode oferecer. Isto é, se anteriormente, sem as tecnologias e insumos atuais, a uva fina de mesa possuía sua qualidade em prioridade em vista de sua baixa reprodução (desde o trabalho empregado no cultivo até a chegada mercado consumidor), hoje, com o avanço das tecnologias e insumos, esse mesmo produto possui sua quantificação em prioridade, e mesmo que isso não signifique, necessariamente, uma redução em sua qualidade, agora a preocupação está voltada na alta reprodução desse produto. E, esse foco em produzir valores de troca, ou seja, para o mercado torna-se expressão do novo se consolidando.

Por isso, em meio ao mercado mundial, Santos (2008) afirma que os territórios assumem o peso das redes que carregam as regras e normas impostas pelas verticalidades, restando às horizontalidades o papel de se adaptar a estas imposições. Inevitavelmente, “[...] as contradições do nosso tempo passam pelo uso do território.” (Santos, 2008, p. 143).

Em suma, é este o lugar estudado neste trabalho – um lugar que se origina pela sua operatividade sociocultural, que no território expressa sua técnica e que no espaço expressa sua indissociabilidade, e que, portanto, “[...] se especializam, em função de suas virtualidades naturais,

de sua realidade técnica e de suas vantagens de ordem social.” (Santos, 2006, p. 248).

Essa indissociabilidade se dá na medida em que o município de Marialva apresenta uma relação intramunicipal e intermunicipal cada vez mais intensa, e tudo isso motivado pela hierarquização que impulsiona o agir da globalização, como mencionada no início deste trabalho: onde *o mundo possibilita, os lugares oportunizam e as pessoas necessitam*. E em Marialva o *agir da globalização* se fez mais intenso na medida em que esta cidade, além de estar inserida em uma das principais regiões metropolitanas do Paraná, tem sido um espaço de atração para indivíduos que *necessitam construir oportunidades nas possibilidades* ofertadas por esta região. Por isso, o agir da globalização nos lugares.

É vultosa a crescente permanência de indivíduos de diferentes origens em Marialva. Desde seu processo inicial de reocupação até os dias atuais, o município, em especial, a cidade de Marialva recebeu e recebe fluxos e objetos que a destacam na região metropolitana de Maringá.

Dito isso, em acordo com Bhizzo e Ribeiro (2016) é certo que diferente dos municípios circunvizinhos a Maringá - como Sarandi e Paiçandu que possui uma população cada vez mais crescente -, em Marialva a prioridade está em manter a quantidade e favorecer a qualidade de vida da população, uma vez que a cidade de Maringá possui um porte regional referencial. No entanto, com o curso do tempo, Marialva apresentou um acelerado crescimento urbano pelos mesmos motivos que havia lhe tornada pequena. Isto é, sendo um município de reconhecida qualidade de vida e localizando-se a poucos quilômetros dos principais postos de trabalho e instituições de ensino superior situados em Maringá,

Por questões de viabilidade econômica as famílias que dependem da agricultura municipal, além da viticultura, Marialva aposta sua economia em diversas outras atividades primárias praticadas no setor rural. Cabe destacar em especial, a viticultura, o cultivo de hortaliças, plantas ornamentais, desenvolvimento da apicultura e muitas outras. Ainda, a inserção de monoculturas de cana-de-açúcar e de grãos, como a soja, milho, trigo e café. Quanto à pecuária, o município aposta no gênero bovino e frango de corte. Sendo assim, todas elas fortalecendo a economia municipal, conforme demonstra os dados coletados pelo levantamento da produção rural paranaense por município, da safra 2022/2023 (SEAB/DERAL, 2023).

Portanto, junto a esses aspectos estão as atividades secundárias e terciárias – no caso da agroindústria, comércio e serviço. Por isso, a agroindústria em Marialva vem se destacando com a inserção de empresas de transformação e comercialização com produtos agrícolas de demanda nacional. É o caso de atividades de gêneros alimentícios, como cooperativas de grãos, terminal de

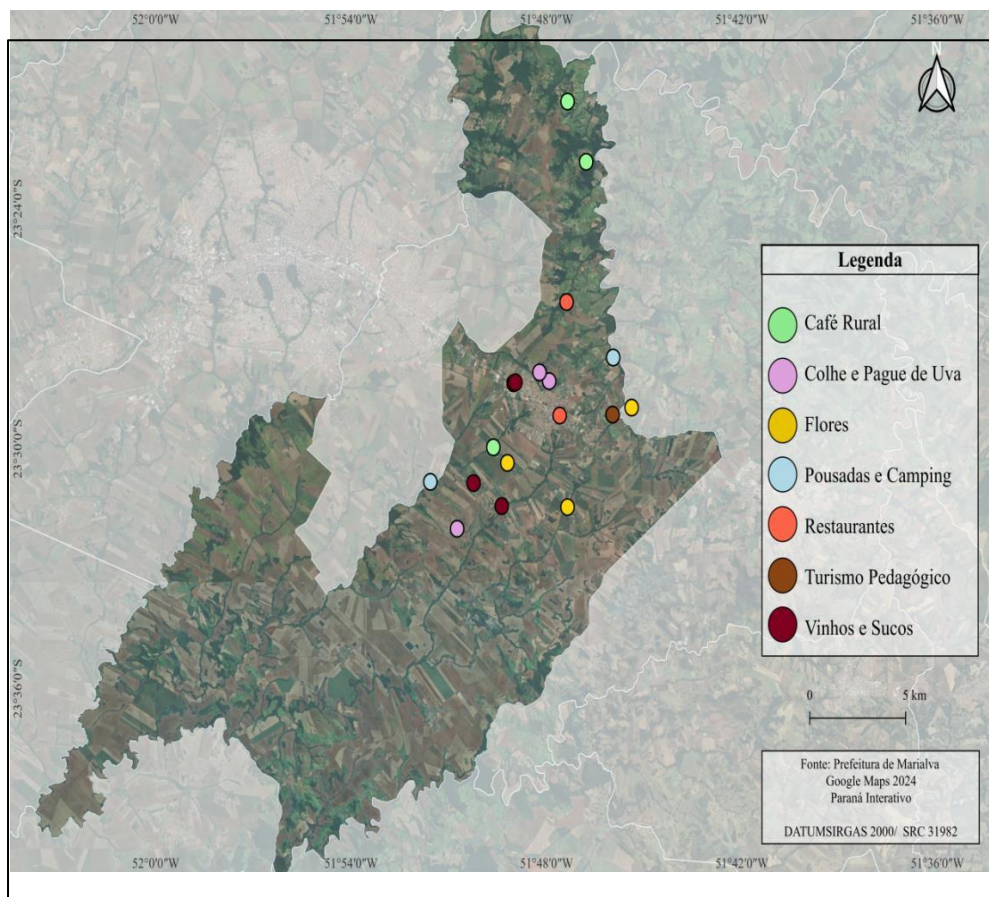
cargas e descargas de grãos e derivados e cooperativas de viticultores, e gêneros combustíveis como o biodiesel e outros derivados. Ainda, empresas comerciais e de assistência técnica, ligadas aos ramos de insumos agrícolas e equipamentos articulados com atividades do campo, empregam diretamente e indiretamente milhares de pessoas no campo e no espaço urbano.

Sobre o setor comercial, empresas do seguimento de vestuário, calçados, utilidades e estética atuam de uma maneira crescente em Marialva, distribuindo-se na região central do espaço urbano e ou em outras porções estratégicas da cidade. Esse fato torna interessante mencionar que na cidade de Marialva o comércio e diversos outros setores de atendimento ao público tem se descentralizado de modo a atender os novos redirecionamentos de habitação do público-alvo. Atualmente é relevante o número e loteamentos e construções e moradias em diversos pontos periféricos da cidade. Em geral, são empreendimentos de pequeno porte e de iniciativa local, ou seja, idealizada por empresários do próprio município.

Outro setor de significativo crescimento no município de Marialva é o de serviços - uma modalidade econômica resultante do próprio desenvolvimento do município, que vão da colonização a municipalização, do rural ao urbano, do café à uva, da agricultura à agroindústria e de abrangência regional ao nacional. A realidade do município expressa esse sentido, onde as atividades econômicas primárias abriram espaços para o desenvolvimento do setor terciário, por exemplo, o turismo rural. Evidencia-se isso pelo fato de Marialva apostar em atividades culturais e turismo rural como é o caso de chácaras de lazer e locação, estancias turísticas, turismo pedagógico rural, agroindústrias de suco, geleia e vinho, praticado, principalmente, pela agricultura familiar e cooperativas de fruticultores (Caminhos da Uva, rota do turismo rural de Marialva é lançada na Expo Ingá 2022, 2022).

Esses aspectos foram fatores que possibilitaram, de acordo com Moura (2018), a criação do programa “Caminhos da Uva”, mencionada no site da prefeitura municipal, “[...] pode atrair, por ano, de R\$ 1,5 milhão a R\$ 2 milhões a mais para a economia do município”. Com isso, utilizando a plataforma do Google Maps, a Prefeitura de Marialva construiu um mapa online com propriedades que participam da rota de turismo rural do município, as quais podem ser mencionadas na representação a seguir (figura 5):

**Figura 5 – Mapa de localização dos componentes do Turismo Rural de Marialva, 2024<sup>8</sup>.**



Fonte: Elaborado pelo autor com base no Google Maps, 2024.

Entre as propriedades destacadas na representação acima, estão pousadas e campings, restaurantes, colhe e pague de uva, floriculturas, vinícolas, café rural e turismo pedagógico todas elas integrantes do programa “Caminhos da Uva”, desenvolvido pela Secretaria de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer de Marialva, e aberto para novos empreendimentos de turismo rural do município.

Arelado a essas ações e objetos presentes no município de Marialva e, caracterizando- a como um lugar que prioriza a qualidade de vida em contraposição ao desorganizado crescimento populacional, neste município, as pessoas exercem fluxos que redirecionam as funções desse lugar. Em geral, muitas pessoas que residem neste município, por questões de qualidade de vida e pelo convidativo custo de vida em relação aos municípios circunvizinhos, acabam sendo atraídas, temporariamente, pelas altas oportunidades de consumo, de trabalho e de estudos ofertados,

<sup>8</sup> O mapa virtual com as propriedades participantes do programa “Caminhos da Uva” pode ser consultado através do link a seguir: [https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1ByjvD0aW\\_fDnOxHDNGw3500HUIJ85E113&ll=-23.450117124063638%2C-51.8037608703013&z=11](https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1ByjvD0aW_fDnOxHDNGw3500HUIJ85E113&ll=-23.450117124063638%2C-51.8037608703013&z=11).

principalmente, pelo município de Maringá.

Esses fluxos realizados temporariamente pelos marialvenses são evidenciados por diversos fatos, entre eles, o atraente número de empresas, o crescente número de veículos que transitam entre os dois municípios e o alto número de pessoas que utilizam o transporte coletivo metropolitano. Tudo isso, direcionando consumidores, trabalhadores e estudantes ao município de Maringá.

Sendo assim, localizando Marialva no mundo globalizado por meio da análise dos conceitos de ‘Espaço Geográfico’, de ‘Lugar’ e de ‘Território Usado’ evidencia-se que esse município é um espaço marcado historicamente pelo ser humano, como também permitindo a construção de suas particularidades e, assim, a troca de suas ações e objetos. O espaço geográfico, nesse sentido, resulta das relações entre a sociedade e a natureza, moldado por práticas econômicas, culturais e políticas que se entrelaçam ao longo do tempo. Marialva não é apenas um ponto no mapa, mas um lugar carregado de significados, memórias e vivências cotidianas, que conferem identidade e sentido aos que ali habitam. Além disso, ao se considerar o conceito de território usado, compreende-se que o município é palco de apropriações e usos diversos, desde a agricultura até as dinâmicas urbanas, revelando uma constante interação entre atores sociais e objetos tecnológicos. Dessa forma, o espaço marialvense é simultaneamente produto e produtor de relações sociais, permitindo não só a construção de suas particularidades locais, mas também a troca e circulação de saberes, produtos e valores, inserindo-se nas dinâmicas mais amplas do mundo globalizado.

Assim, veremos a seguir como esse ‘Espaço Geográfico’, esse ‘Lugar’ e esse ‘Território Usado’ se configuram na construção do caminho histórico da educação escolar em Marialva, atribuindo destaque aos passos dados pelo Colégio Saldanha Rocha.

### 3.3. O CAMINHO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM MARIALVA E OS PASSOS DO COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA

Como relatado no Plano Municipal de Educação (Marialva, 2015, p. 20), Marialva, sob a propaganda de suas riquezas naturais e vantagens econômicas, tornou-se um lugar atrativo para diversas famílias que buscavam melhores oportunidades. Até o momento, ranchos (que são propriedades rurais com moradia e atividades voltadas à pecuária), lavouras e seu sustento eram formados. Do restante, muito do que precisava ao funcionamento desse lugar, ainda era preciso construir. Afinal, seja pela distância, seja pelas condições estruturais, tudo era muito longe e exaustivo àqueles que chegavam à Marialva, em especial aos que foram se estabelecendo em áreas rurais.

Mas quanto aos estudos, onde estavam as escolas? E os filhos desses agricultores, como estudavam? A resposta estava dentro e envolta dos lares dessas crianças e jovens, as quais tinham a ínfima e rara oportunidade de ler um livro, resolver questões e até mesmo receber conhecimentos de pessoas mais velhas, parentes e vizinhos, pois, a escola não marcava presença nestes lugares. E quando presente na realidade das crianças e jovens que precisavam residir no espaço rural, a relação entre a escola e os alunos se faziam da seguinte forma:

As crianças não precisavam deslocar-se às cidades para frequentarem as escolas, uma vez que havia vários estabelecimentos de ensino no espaço rural em virtude da grande quantidade de crianças em idade escolar residindo nessas localidades. Os materiais escolares não eram levados em mochilas, comum nos dias atuais, e sim nos chamados embornais, feitos em casa com retalhos de tecido, principalmente o jeans. [...] não havia transporte público nem particular para levar essas crianças à escola. O percurso era feito a pé ou no lombo de animais. [...] os alunos que residiam até 10 km da cidade conseguiam frequentar a escola, com a utilização de bicicletas ou até mesmo a pé. As crianças que residiam a uma distância maior ficavam impossibilitadas, haja vista a dificuldade no traslado casa - escola. **O mais curioso é que as pessoas que viveram essa realidade escolar recordam com alegria e saudade dessa época.** (Almeida, 2010, p. 33, grifo nosso).

Somente, a partir das iniciativas populares é que se observa a chegada da tão esperada escola para os filhos dos trabalhadores que possuíam suas residências e todas as suas atividades concentradas no campo. Apesar da existência de diversas escolas rurais, “[...] as crianças só tinham acesso ao primário (atual Ensino Fundamental I), pois o ginásio (atual Ensino Fundamental II) só era ofertado no espaço urbano.” (Almeida, 2010, p. 33).

Com o auge da população rural, segundo Ricieri (2008), necessitava-se de diversas escolas para atender a população ao longo do território municipal. Sendo assim, entre 1945 a 1986 foram construídas 63 escolas rurais<sup>9</sup>. Mesmo assim, enquanto o problema da falta de escolas era solucionado, outros surgiam - entre eles a falta de formação de professores. De acordo com a mesma autora, além de muitos professores possuírem somente o curso primário, a maioria tinha que percorrer quilômetros até chegarem à escola que iriam ministrar suas aulas.

Reconhecida como a primeira escola de Marialva, a “Casa Escolar”, construída onde atualmente é o Fórum, serviu como curso primário, sendo cada ano do curso (1º, 2º, 3º e 4º) ministrado em diferentes lugares da cidade. Contudo, somente em 1949 que se formalizou a primeira escola – o Grupo Escolar de Marialva (atual Escola Dr. Milton Tavares Paes).

A partir desse momento, apoiando-se no Plano Municipal de Educação, no ano de 1953,

---

<sup>9</sup> Estas escolas correspondiam a pequenas edificações, muitas delas de madeira e espaços reduzidos. A maioria dessas escolas eram em casas.

onde hoje está o Colégio Estadual Dr. Felipe Silveira Bittencourt, é que se cria o Ginásio Estadual de Marialva nesse período atendendo as quatro séries do antigo curso ginásial.

Enquanto isso no espaço urbano, Ricieri (2008) ainda ressalta que, pensando na formação dos professores, em 1954 é criada em Marialva a Escola Normal Regional Nivaldo Braga, que correspondia ao curso ginásial (atual ensino fundamental I) e, anos depois, foi criada a Escola Normal Colegial nível 2º Grau (atual ensino médio). Interessante também ressaltar que na década de 1960 já se pensou em um ensino supletivo e profissional em Marialva. Ricieri (2008, p. 73) lembra que o Mini Ginásio Gabriel de Lara, com Ensino de 1º e 2º Grau e Supletivo, atendeu jovens “[...] bancários, escriturários, comerciantes e outros profissionais [...] A maioria pretendia cursar a Escola de Comércio, área profissional da qual pertenciam”. Por isso, “Em 1973 [...] passou a oferecer também a habilitação profissional de Técnico em Contabilidade”, mas até encerrar suas atividades até o ano de 1999.

Portanto, os desafios iniciais demonstraram o quanto à escola, desde o início, se tornou um lugar de intensa procura, principalmente para os pais e responsáveis que necessitavam trabalhar durante várias horas do dia enquanto seus filhos estavam em um ambiente seguro e que lhes ofereciam oportunidades diferentes daquelas que seus pais tinham a oferecer, isto é, o trabalho na roça que por via geral, não era nada brando. A escola, assim, poderia oferecer a seus alunos a oportunidade de uma formação, primordialmente, menos braçal e exaustivo como o trabalho na agricultura proporcionava.

Atendendo as necessidades da população rural que se sustentavam principalmente do trabalho com a cafeicultura, as escolas rurais fizeram sentido até certo tempo. Ou seja, desde a chegada das primeiras famílias de japoneses e italianos na década de 1930 em Marialva, por conta do intenso desenvolvimento que o café e as culturas complementares proporcionavam a região norte do Paraná, a área rural se consolidou como atividade principal no que se refere ao desenvolvimento econômico das famílias que chegavam a esta região.

Sabe-se que em meados do século XX a crise cafeeira fora despertada por quatro principais fatores, como menciona Almeida (2010): a superprodução cafeeira, a intervenção do Governo do Presidente Juscelino Kubitschek com o confisco cambial dos exportadores de café, a implantação do Estatuto do Trabalhador Rural e as geadas de 1960 a 1970<sup>10</sup>. E como relatado na seção 2.1 deste

---

<sup>10</sup> Na década de 1950, as produções de café no Norte do Paraná alcançaram patamares de destaque nacional, mas que, no entanto, motivaram os quatro fatores mencionados, os quais serviram como uma série de obstáculos perante a cultura cafeeira. Com essas mudanças, vê-se um contexto de desmotivações para os agricultores, tanto aqueles de porte grande aos pequenos agricultores. Afinal, antes mesmo das últimas e drásticas geadas, fatores econômicos, principalmente por parte do Governo Federal já afetavam os proprietários rurais, pois estes não estavam aptos a aceitarem os novos

trabalho, todos estes fatores, erradicando diversas áreas de cafezais, fizeram grande parte dos agricultores migrarem para as áreas urbanas. Com isso, não somente estava decretado o fim do ciclo do café, como também o fim de um ciclo populacional rural – isso referente ao “inchaço” populacional no campo. Afinal, a população que se consolidava nestas áreas dependia da mesma para sua reprodução, a qual estava calcada na cafeicultura. Sendo assim, para os que não se adaptaram, não havendo chances de se reproduzirem, também restaram opções a não ser iniciarem novos ciclos – neste caso, o ciclo da população urbana.

E esse fenômeno em Marialva não soou diferente: muitos povos que estabeleceram “suas raízes” no campo, não tiveram escolhas a não ser buscarem por outros meios de sobrevivência: agora, no meio urbano. Afinal, a crise cafeeira não somente afetou a principal economia norte paranaense, como também acarretou mudanças bruscas na dinâmica populacional.

No mais, o condicionamento de Marialva como um lugar da globalização se deu dessa forma e dessa função: realocando as funcionalidades dos lugares construídos. Dessa maneira, obedecendo as verticalidades impostas nas horizontalidades já estabelecidos por esse município.

E, por isso, diante das inúmeras escolas construídas em zonas rurais, é necessário refletir: a que consequência chegaram essas instituições no cenário atual? Afinal, as escolas não permaneceram ilesas aos impactos da globalização, fenômeno que reorganizou profundamente o espaço geográfico e alterou dinâmicas sociais, econômicas e educacionais. Com o avanço das chamadas “verticalidades” — expressas por fluxos e decisões vindas de esferas externas aos contextos locais — muitas dessas escolas passaram a ser desvalorizadas ou consideradas obsoletas diante de um modelo educacional cada vez mais urbano e centralizado. Esse movimento levou ao redirecionamento das políticas e infraestruturas educacionais para os centros urbanos, provocando o esvaziamento das áreas rurais e a consequente desativação de escolas que antes atendiam a essas comunidades.

Como resultado, muitas edificações escolares rurais, hoje, encontram-se abandonadas, deterioradas pelo tempo, como símbolos materiais de uma mudança forçada que desconsiderou as especificidades locais. Esse deslocamento evidencia uma substituição de sentidos, em que o ‘novo’ — associado ao urbano, ao tecnológico e ao global — se impõe sobre o ‘velho’, entendido como rural, tradicional e local. Essa sobreposição gera tensões e descompassos, interferindo diretamente

---

critérios legislativos, como direitos trabalhistas e confiscos cambiais. Almeida (2010, p. 28) continua destacando os pontos mais atingidos pelo pequeno proprietário, o qual: “[...] ficou impossibilitado de adquirir maquinários em substituição à mão-de-obra, já que não tinha condições nem de arcar com salários, muito menos com máquinas modernas e com custo proporcional a sua inovação”.

na relação entre o aluno e a escola. Os vínculos afetivos, a identidade territorial e as práticas pedagógicas que antes faziam sentido naquele contexto passam a ser atravessadas por incomodações, instabilidades e rupturas, ocasionadas por transformações nos aspectos socioespaciais e didático-pedagógicos.

Diante desse panorama, para que possamos compreender de maneira mais profunda as interações e os caminhos socioespaciais percorridos pelos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, será apresentada na próxima seção uma análise dos trajetos históricos, sociais e geográficos que moldaram essa comunidade escolar até os dias atuais.

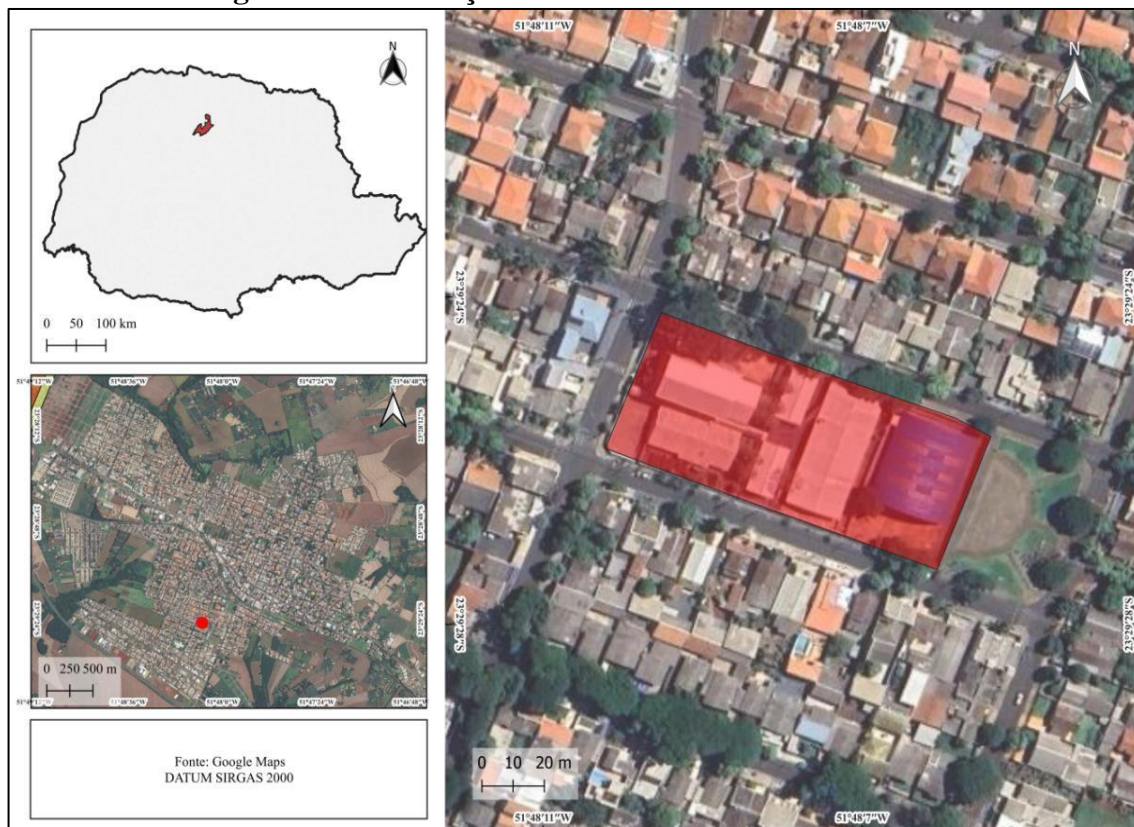
## SEÇÃO IV - O COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA

Neste momento veremos como se deu os principais passos elaborados pelo Colégio Saldanha Rocha, relacionando as ‘interações’ e os ‘caminhos’ percorridos por meio de fatores socioespaciais, os quais ditaram a atual prática pedagógica desse Colégio e o grau de dissociação da escola com a realidade dos alunos.

Marialva, no curso do tempo, adquiriu diferentes instituições de ensino público (do infantil ao médio), das quais, atualmente, 14 (quatorze) são municipais e seis estaduais. Dentre elas está o Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, que, possui seu foco voltado, desde sua criação, para adolescentes e jovens em idade escolar.

Como demonstrado na imagem abaixo (figura 6), este Colégio localiza-se na porção sul da área urbana da cidade de Marialva, em um bairro com constante desenvolvimento, tal qual fez essa instituição de ensino existir:

**Figura 6 - Localização da Unidade Escolar.**



Fonte: Elaborado pelo autor com base no Google Maps, 2025.

O surgimento desse Colégio se deu pela necessidade de implantação de um Colégio em uma área estratégica da cidade, a qual consiste em uma região que se encontrara em crescente

desenvolvimento. Isso é, nessa área observava-se a abertura de vários bairros residenciais, com uma grande abrangência de jovens e adolescentes em idade escolar. Com isso, este Colégio foi construído a partir da reivindicação da comunidade, a qual necessitava de uma instituição que oferecesse Ensino Fundamental dos anos finais e Ensino Médio, tanto diurno quanto noturno.

Desse modo, desde sua implantação, esse Colégio passou por diversos processos que evoluíram e recuaram de acordo com as necessidades da comunidade escolar e com os impasses políticos. Assim, quando iniciou seus trabalhos no ano de 1991, sendo denominada como Escola Estadual do Conjunto Habitacional Marialva II Ensino de 1º Grau, este Colégio passou por problemas estruturais por dividir seu espaço com a Escola Municipal Nilo Peçanha, fundada em 1968.

No ano de 1993 passou a chamar Escola Estadual de Marialva Ensino de 1º Grau. E dois anos após, fica autorizado o funcionamento do curso profissionalizante “Auxiliar de Contabilidade” em nível de 2º Grau. A Escola passa a chamar Colégio Estadual de Marialva Ensino de 1º e 2º Grau. E já no ano de 1996, passa a denominar-se Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha – Ensino de 1º e 2º Graus, em homenagem a uma pioneira marialvense. No ano de 1998, com melhorias em sua estrutura e o aumento no número de alunos, mesmo com a cessação do ensino profissionalizante, foi implantado o ensino médio, e somente no ano de 2006 é instalado o curso Técnico em Administração. Em geral, esse Colégio sempre teve a necessidade de implantação de cursos técnicos em virtude da necessidade da formação técnica para aqueles que queriam entrar no mercado de trabalho com maior preparo.

Com a configuração dita acima, fica evidente que, com o constante crescimento desse município, a população que se estabeleceu, junto às novas atividades agrícolas e econômicas, necessitou-se de diversos investimentos, entre os quais está a educação, a qual acompanhou a dinâmica social do município, olhando, principalmente, para o distanciamento espacial que o município presenciava em virtude do seu crescimento populacional – primeiramente rural e em seguida urbano.

Diante dessa evolução e mudanças populacionais aumentou também a demanda por educação escolar. A rede de ensino ampliada com o surgimento dos Colégios públicos instalados em Marialva, entre os quais está o Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha. Segundo seu Projeto Político Pedagógico (PPP), hoje esta instituição de ensino oferece Ensino Fundamental, Ensino Médio, Médio Integrado e Curso Técnico subsequente, além de programas de ampliação de jornada, as quais serão apresentadas posteriormente.

Contudo, ao analisar a realidade socioespacial dos alunos desta escola aferindo os aspectos problemáticos presentes na interlocução entre aluno e escola percebe-se que os caminhos percorridos pela educação não fugiram à dinâmica socioespacial construída no município de Marialva. Como explanado dos tópicos anteriores, este estabelecimento encontra-se em uma área de constante expansão populacional, e em virtude desse fator, este Colégio passa a atender um público oriundo de bairros diversos e de zonas rurais do município de Marialva.

Como consta no referido Projeto Político Pedagógico – o qual será discutido com maiores detalhes no tópico a seguir - as famílias atendidas são, em sua maioria, de baixa renda, sendo que uma parte considerável de todo o público atendido apresenta, apenas, o Ensino Fundamental incompleto. Por razão disso, visando a conscientização de seus alunos perante as desigualdades sociais – que, inclusive, é marcante no entorno do Colégio – essa instituição de ensino trabalha na tentativa de evidenciar a seu público as contradições desta sociedade de modo a superá-la.

Essa instituição possui estruturas, em geral, de qualificação boa (veremos detalhadamente mais adiante) para recepcionar o alunado e sua comunidade escolar. E isso é demonstrado pelo próprio PPP do ano de 2024 e através da entrada principal do Colégio, como menciona a imagem a seguir (figura 7):

**Figura 7 - Fotografia da entrada do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha.**

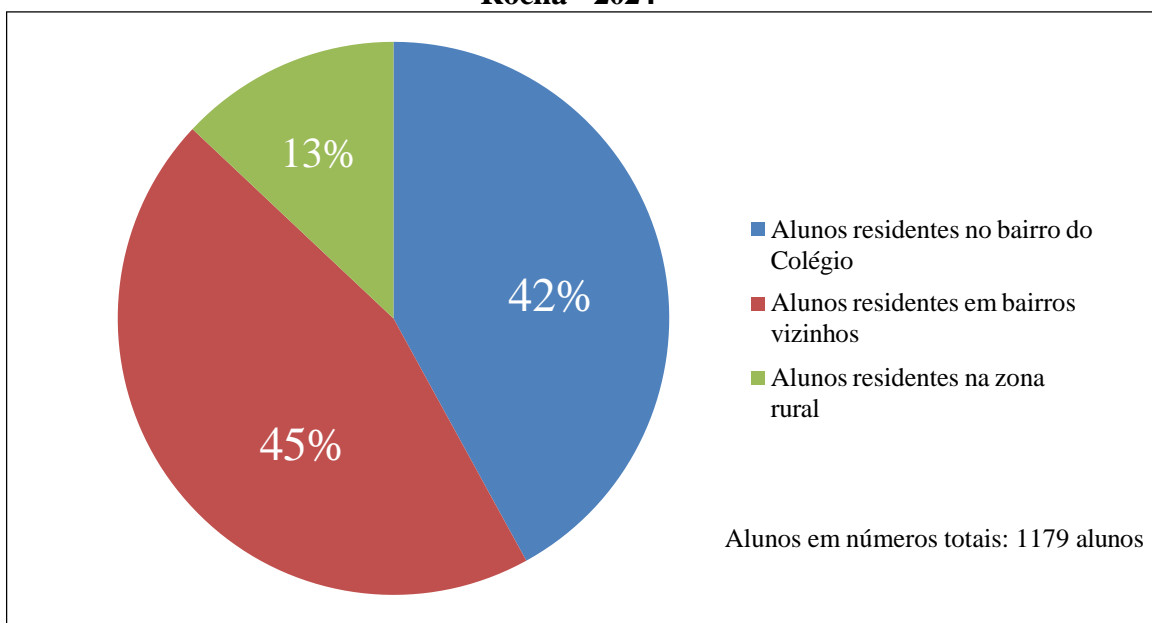


Fonte: Figura do autor, 2024.

De fachada é um belo e diferente Colégio! E por dentro, como funciona? Vejamos o que descreve o gráfico e a tabela a seguir:

Atualmente, de acordo com levantamentos realizados pelo próprio Colégio, o Saldanha Rocha atende uma quantidade de alunos com diferentes configurações sociais e espaciais, como demonstra o gráfico a seguir (figura 8):

**Figura 8 - Gráfico com porcentagem de alunos atendidos pelo Colégio Saldanha Rocha - 2024**



Fonte: Elaborado pelo autor com base no Projeto Político Pedagógico (2024)

Observa-se, portanto, que devido a questões espaciais, muitos alunos necessitam do transporte escolar para se locomoverem até este Colégio. Em muitos casos, apesar da distância entre suas residências e o Colégio Saldanha Rocha, muitas famílias recorrem a esta instituição como preferível para matricularem seus filhos.

No quadro a seguir (Quadro 1), percebe-se a partir dos dados sobre a estrutura física e de recursos humanos, que há uma tentativa por parte do Colégio em suprir as demandas da comunidade escolar, principalmente em termos de infraestrutura e funcionalidade:

**Quadro 1 - Infraestrutura e funcionalidade do Colégio Saldanha Rocha – 2024.**

<b>QUADRO FUNCIONAL</b>			
<b>GERAL</b>	<b>MANHÃ</b>	<b>TARDE</b>	<b>NOITE</b>
<b>Horário de atendimento: 07:10 às 23:05</b>	Horário de atendimento: 07:10 às 12:20	Horário de atendimento: 12:55 às 18:05	Horário de atendimento: 18:45 às 23:05
<b>Alunos matriculados: 1197</b>	Alunos matriculados: 746	Alunos matriculados: 436	Alunos matriculados: 15
<b>Professores: 74</b>	Professores: 53	Professores: 41	Professores: 4
<b>Professores de Geografia: 8</b>	<b>Professores de Geografia: 4</b>	<b>Professores de Geografia: 4</b>	-
<b>Pedagogas: 7</b>	Pedagogas: 4	Pedagogas: 2	Pedagogas: 1
<b>Funcionários gerais (inspetores, portaria, secretariado, manutenção e alimentação) 34</b>	27	20	3
<b>INFRAESTRUTURA</b>			
<b>GERAL</b>	<b>MANHÃ</b>	<b>TARDE</b>	<b>NOITE</b>
<b>Salas de aula: 21</b>	Salas de aula: 21	Salas de aula: 15	Salas de aula: 2
<b>Ensino Fundamental, Médio e Profissional</b>	- Ensino Fundamental II; - Ensino Médio (1ª, 2ª, 3ª ano); - Ensino Médio Profissionalizante (em Farmácia, até o 3º ano, e Administração, até o 4º ano);*	- Ensino Fundamental II;	- Curso Técnico Subsequente (1º, 2º, 3º Semestre);
<b>Sala de recurso multifuncional: 7</b>	4	3	-
<b>Sala de recurso multifuncional Altas Habilidades: 3</b>	3	-	-
<b>Mais Aprendizagem: 4</b>	2	2	-
<b>Aulas Especializadas de Treinamento Esportivo (AETE): 3</b>	-	2	1
<b>CELEM: 2</b>	-	1	1
<b>Robótica: 3</b>	1	2	-

<b>Libras: 1</b>	-	1	-
<b>Direção 1</b>	1	1	1
<b>Sala de equipe pedagógica: 2</b>	2	2	1
<b>Sala de professores</b>	1	1	1
<b>Sala de apoio</b>	1	1	1
<b>Laboratório de ciências</b>	1	1	-
<b>Laboratório de informática</b>	2	2	2
<b>Cozinha/refeitório</b>	1	1	1
<b>Quadra poliesportiva</b>	1	1	-
<b>Biblioteca</b>	1	1	1
<b>Banheiro</b>	6	6	4

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

O quadro acima, construído através de dados inseridos no PPP do Colégio com informações extraídas em pesquisa *in loco*, demonstra que o Saldanha Rocha funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, sendo o Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino Profissionalizante (em Farmácia e em Administração) no turno da manhã; Ensino Fundamental II, a tarde e; o Ensino Técnico em Segurança do Trabalho e uma turma de espanhol, a noite, além de uma quantidade significativa de funcionários, salas de aula, ambientes específicos para estudos e áreas diversas - aparentemente consonante com a realidade da comunidade.

O fato mencionado seria mais favorável como aparentemente é, se o público que é atendido e os que desejam serem atendidos recebessem maiores flexibilidades como era, gradualmente, alcançado desde a criação do Colégio. Exemplo disso é o caso das aulas no turno da noite que desde sempre foi necessidade para a comunidade. No entanto, o contexto atual do Colégio Saldanha Rocha demonstra que apenas 2 (duas) turmas são atendidas no turno da noite, sendo uma do Ensino Técnico em Segurança do Trabalho (com duração de 3 semestres), com apenas 15 alunos e uma turma do espanhol.

Em consulta a equipe do secretariado, o Colégio Saldanha Rocha possuía, até o ano de 2020, o 1º 2º e 3º ano do Ensino Médio e o Curso Técnico em Segurança do Trabalho, passando ano após ano a perder essas turmas. Sendo isso, em 2021 houve o encerramento do 1º ano, em 2022, do 2º ano, em 2023, do 3º ano, e agora, em 2024 o encerramento da única turma do Curso Técnico em Segurança do Trabalho.

Esses cortes de turmas e o fechamento do Colégio no turno da noite para atividades letivas se dão pelas seguintes justificativas: falta de demanda, ou seja, pouca procura para matrículas - uma vez que a quantidade mínima para se abrir uma turma no noturno seria de 35 alunos; falta de

anuência dos pais para que seus filhos realizassem o Ensino Médio a noite; alta evasão escolar e; a política exercida pelo Governo o estado através de meios mais curtos para o aluno ser aprovado, seja por avaliações, como o do ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), seja pelo EJA (Educação de Jovens e Adultos) que é ofertado em outra instituição de ensino do mesmo município. Tudo isso motivando o encerramento das atividades letivas no turno da noite, evitando, assim, “gastos” financeiros com poucos alunos.

Com isso, questiona-se: se desde a criação desse Colégio em 1991 houve a necessidade de oferecer educação escolar, principalmente nos turnos da manhã e noite, com possibilidades de ensinos técnicos profissionalizantes, por que, gradualmente, a oferta de ensino, principalmente a noite, vem diminuindo? Destacamos isso porque havia ensino médio e profissionalizante a noite para os alunos que não tinham possibilidades de estudar em outro turno devido, por exemplo, a necessidade de trabalhar, justamente pelo grau econômico de suas famílias, como mencionado aqui. Atualmente, em Marialva, apenas um Colégio oferta o ensino a noite e, somente na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), porém com um público reduzido.

Além dessa situação recente, outra problematização é quanto ao uso de materiais didáticos para os estudantes e professores, onde, geralmente, neste Colégio são disponibilizados revistas, jornais, livros, mapas e globos terrestres, mas que, gradualmente vem sofrendo impactos negativos em sua oferta e demanda devido as constantes solicitações do sistema de ensino público estadual pelo uso de materiais eletrônicos/digitais e suas funcionalidades. A disponibilidade de TV’s “Educatrons” em salas de aula é um exemplo disso – embora seja uma polêmica um tanto quanto chamativa, pois em sua maioria esses “Educatrons” apresentam instabilidades em internet, falhas eletrônicas e até mesmo desuso por estarem danificadas e/ou sem manutenção.

Apesar dessas situações um fato também observado foi a presença de salas- laboratórios (de informática e ciências) devidamente equipadas com instrumentos pedagógicos e com um ambiente interno adaptado para atender, com flexibilidade, os alunos. A biblioteca do Colégio apresenta um ambiente interno com ótimas condições de uso, tanto em condições de conforto (mesas, cadeiras, espaço para leitura e descanso e ambiente climatizado), quanto na apresentação de materiais didáticos (livros, revistas, cartazes, atlas, computadores, máquina impressora, etc. (apesar de muitos desses já possuírem tempo de uso avançado)). Além disso, percebe-se o uso frequente, principalmente por parte dos alunos e professores, para o uso de livros, folhas impressas e utilização do espaço para resolução de atividades.

Em termos de apoio para o ensino de Geografia, os materiais geralmente utilizados, vão desde os livros didáticos e retroprojetores até mapas, atlas e globos terrestres, no entanto, é ínfima

a demanda por parte dos alunos e professores, justificada pela falta de tempo em trabalhar em sala de aula com esses instrumentos, uma vez que as Tv's "Educatrons" ofertam, virtualmente esses instrumentos.

Apesar dos avanços e das dificuldades, pode-se observar através do estudo *in loco* e analisando o PPP desse Colégio, que essa instituição de ensino foi elaborando compromissos em oferecer a comunidade, uma educação qualificadora. Por meio de suas articulações de ensino e modernização estrutural, esse Colégio possibilita garantir o atendimento dos anseios da população atendida. E mais do que importante, destacando a educação como um instrumento de elaboração da cidadania, a instituição possui como um de seus "pilares", a formação de uma consciência crítica-reflexiva como formas do indivíduo aderir para atuar na sociedade.

De todo modo, o Colégio Estadual Juracy Raquel Saldanha Rocha possui uma considerável quantidade de alunos oriundos de diversos bairros da cidade e um público diverso em termos sociais, econômicos e culturais. Esse cenário percorrido até aqui abre espaço para adentrarmos na esfera política do Colégio, isto é, o seu Projeto Político Pedagógico, mais conhecido como PPP. Esse projeto, mais que um simples documento que norteia os passos de uma instituição escolar, serve como uma compilação de orientações dedicada às especificidades da comunidade escolar. Afinal, o PPP "[...] registra o que se planeja, o que se define como objetivos, bem como as ações e os métodos necessários para atingi-lo, sendo uma redação prévia das intenções da escola." (Projeto Político Pedagógico, 2024, p. 12).

Em outras palavras, segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2010, p.345-346), o PPP "é um documento que reflete as intenções, os objetivos, as aspirações e os ideais da equipe escolar, tendo em vista um processo de escolarização que atenda a todos os alunos".

Sendo assim, este documento evidencia o contexto atual da instituição de ensino, considerando este cenário como um apanhado de contextos que foram reformulados, interferindo na atualidade do Colégio no espaço geográfico. Por isso, há anos, este documento busca alternativas eficazes, que de fato atenda aos diversos interesses da comunidade que está em sua volta. Com isso, esta instituição de ensino analisa que:

Nossos alunos são oriundos de diferentes níveis sociais, diferentes composições familiares, culturas e níveis de aprendizagem. Assim sendo, temos presente em nosso Colégio uma grande variedade cultural, econômica, social e nível de escolarização dos pais, ou seja, temos famílias com pouco grau de estudos, mas também temos famílias com graduação e pós-graduação. Neste contexto, enfrentamos inúmeros problemas relacionados a ensino e aprendizagem. Percebemos a falta de comprometimento em relação à educação dos filhos para o convívio na sociedade e para a importância dos estudos. Destacamos que em nossa comunidade existem vários casos de envolvimento com drogas lícitas e ilícitas,

gravidez na adolescência, violência, abandono e outras situações de risco. (Projeto Político Pedagógico, 2024, p. 69).

No mais, percebe-se que estes fatores socioespaciais identificados na comunicabilidade entre a escola e a realidade do aluno, interferem nas práticas educativas do Colégio Saldanha Rocha. Com isso, este Colégio passa por algumas situações as quais se agravam com o passar do tempo em caso da não resolução. Assim, seu Projeto Político Pedagógico expressa alguns problemas enfrentados, dos quais, em destaque estão no foco desta pesquisa:

Em relação aos educandos percebemos a multiplicação de atitudes tais como: o **descompromisso com o outro; a falta de motivação para algumas atividades; a ausência de perspectiva para si mesmo; a indisponibilidade para realizar algumas reflexões;** a sexualidade banalizada; a violência em suas diversas manifestações; o uso de drogas, dentre outros aspectos que geram insucessos nos estudos levando os alunos à evasão ou repetência que, no período noturno é bastante acentuada, mas ocorrem também nos demais períodos. (Projeto Político Pedagógico, 2024, p. 71).

Além disso, quanto a fatores didático-pedagógicos, o PPP menciona sobre o processo de ensino-aprendizagem, discutindo desde os resultados do contato direto com o alunado até a readaptação de planos de trabalhos e conselhos de classe – sempre focando no trabalho em coletividade e na coerência com o referencial de trabalho pedagógico da escola, isto é, a realidade do público atendido.

Ao mencionar função da educação escolar, o PPP do Colégio destaca a sua preocupação com a formação da cidadania, isto é, uma formação que prepare seu público a participação ativa em função das questões econômicas, sociais e políticas da sociedade. Com isso, a valorização do saber científico torna-se uma condição fundamental para a compreensão da realidade, onde o estudante se reconheça como um ser social.

A partir disso toca-se no assunto sobre o ensino profissionalizante. Com isso, justificando a presença de diferentes cursos técnicos articulados com o ensino médio, o Colégio ressalta o seguinte:

A crescente necessidade de que os indivíduos sejam sujeitos conscientes de suas ações na sociedade é devido ao exigente mundo do trabalho que solicita profissionais que não sejam meros executores de tarefas, mas seres pensantes capazes de transformar sua prática social a partir do entendimento da sua realidade. Desta maneira, nossa preocupação, para além do mercado de trabalho, é com a formação de um indivíduo responsável socialmente pelos seus atos através da construção de conhecimentos científicos. (Projeto Político Pedagógico, 2024, p. 72)

Por isso, entende-se que a necessidade dessa articulação Ensino Médio – Ensino

Profissionalizante justifica-se pelo foco em capacitar seus estudantes para o mercado de trabalho, para cursos superiores e concursos, ativando o pensamento crítico sobre as contradições da sociedade capitalista e, assim, desenvolvendo “[...] no educando a capacidade de buscar, através da leitura, da observação, da percepção e da discussão coletiva o melhor caminho para a organização da vida em sociedade.” (Projeto Político Pedagógico, 2024, p.73).

Além disso, o PPP justifica a interação do Ensino Médio e Técnico Profissionalizante por se referir que o conhecimento é fundamentado por:

[...] um processo humano, histórico, incessante, de busca de compreensão, de organização, de transformação do mundo vivido e sempre provisório; a produção do conhecimento tem origem na prática do homem e nos seus processos de transformação da natureza (SMED, 1999, p.34 apud Projeto Político Pedagógico, 2024, p.118).

E sendo assim, o PPP do Colégio ressalta que o currículo é elaborado dando à escola o papel de atribuir sentido ao mundo real e que desafia a capacidade de todos. Diante disso, diversos documentos, ferramentas, metodologias, avaliações e entre outros meios surgiram como forma de reorientar a educação escolar paranaense, sendo, de acordo com as propostas estabelecidas, posto a intenção de priorizar modos de recuperar/recompor/readaptar o aluno que havia se “desconectado” da escola. Isso é o que expressa os diversos documentos justificativos do sistema educacional do Paraná, como é o caso do denominado “Caderno Currículo Priorizado”, mencionado no PPP do Colégio Saldanha Rocha, assim expressando os conteúdos essenciais da rede estadual de ensino.

São adicionadas a isso as plataformas educacionais elaboradas pelo Governo do estado do Paraná das quais, são: o Desafio Paraná (Quizizz), Eduteck, Inglês Paraná, Leia Paraná e Redação Paraná, sendo eles justificado no PPP do Colégio:

O Projeto Político-Pedagógico que visa à formação crítica e desenvolvimento da autonomia, pressupõe a viabilização de uma organização escolar que integre as tecnologias digitais aos processos formativos planejados e implementados. Os espaços de aprendizagem, antes utilizados majoritariamente para a transmissão de saberes, modificaram-se, são dinâmicos, presenciais e digitais, com evidenciada atuação mediadora dos docentes. (Projeto Político Pedagógico, 2024, p.133).

Se muito contribuiu ou muito perturbou a educação escolar é uma análise a ser efetivada, porém, pode-se afirmar que as mudanças que aconteceram alteraram as condições para as atuais gerações, provocando mudanças. No mais, aplicado anterior a essa instrumentalização tecnológica do ensino está a ação de programas de ampliação de jornada, que são atividades de

complementação curricular e de apoio, as quais, se tornaram uma opção muito recorrida pelos alunos. O conjunto desses programas possibilita que no Colégio possa atuar as seguintes opções de formação complementares:

- Programa Mais aprendizagem: destinado a alunos com necessidades de reforço em leitura, escrita, interpretação e resolução de problemas;

- Atendimento Educacional Especializado: com uma turma tendo Professor de Apoio Educacional Especializado (PAEE), no período da manhã e, duas no período da tarde, ambos atendendo alunos autistas. Além de duas turmas de sala de recursos no período da manhã e da tarde, atendendo os alunos no contraturno.

- Sala de Recursos Multifuncional tipo I Altas Habilidades/Superdotação: onde atende às necessidades educacionais especiais do aluno com indicativos de altas habilidades/superdotação matriculados na rede estadual de educação, que requeiram ampliação ou suplementação dos conteúdos escolares.

- CELEM (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas) Libras: com uma turma de Curso Libras I e aulas ocorrendo duas vezes na semana no período da tarde.

- Aula Especializada de Treinamento Esportivo: com atividades esportivas destinadas ao aprimoramento individual.

De modo geral, o PPP desse Colégio demonstra a intenção em garantir a qualidade de um ensino significativo, indo além da formação de profissionais para o mercado de trabalho, preocupando-se com a construção de sujeitos responsáveis socialmente, fazendo da escola um espaço de inclusão que garanta “[...] o acesso, a permanência e o progresso do aluno, isto é, uma escola para todos, trabalhando a diversidade e respeitando as diferenças.” (Projeto Político Pedagógico, 2024, p.75). É oportuno e necessário destacar que um Projeto Político Pedagógico é um planejamento, uma intencionalidade a ser realizada, buscada.

Quanto à Geografia como um componente curricular, cabe o papel de participar da vida dos estudantes na medida em que se insere como uma estimuladora crítica, e sendo assim, utilizando diversas ferramentas como a linguagem cartográfica, aula de campo, jogos de tabuleiro e eletrônicos, sala invertida e entre outros. Os quais são possíveis por meio das habilidades existentes para a Geografia enquanto um componente curricular.

Para o Ensino Fundamental II, por exemplo, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) citado no componente curricular de Geografia do Projeto Político Pedagógico do Colégio Saldanha, menciona que “[...] o estudo da Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais possa contribuir para o delineamento do projeto de vida dos jovens alunos, de modo que eles

compreendam a produção social do espaço e a transformação do espaço em território usado.” (Crep, p. 3, 2021 apud Brasil, 2017).

Ainda, o próprio PPP (2024) ressalta que nas discussões do currículo é fundamental a argumentação sobre as contradições existentes na sociedade, uma vez que a própria escola deve formar alunos críticos com capacidades de transformar a realidade para melhor. E assim, o currículo é pensado de maneira ampla, refletindo sobre a seleção de conteúdos de modo a repensar os saberes presentes no currículo, compreendendo os diferentes momentos históricos. Sendo assim, atribuindo sentidos e significados aos conteúdos trabalhados com os alunos.

Por assim ser, no Ensino Médio sua proposta curricular se baseia na construção de possibilidades formativas dos sujeitos, os quais se constituem por adolescentes, jovens e adultos, sendo que esta proposta se promove por meio da autonomização da organização pedagógica e do currículo, como também da interdisciplinaridade e contextualização do trabalho. Assim, o PPP do Colégio Saldanha Rocha salienta:

A proposta do Novo Ensino Médio estabelece que essa etapa do ensino esteja voltada para a formação integral do estudante, possibilitando que ele tenha a oportunidade de fazer as escolhas curriculares que colaborem à realização de seu Projeto de Vida. Portanto, a proposta do Novo Ensino Médio apresenta modificações substanciais para essa etapa de ensino. A Lei n. 13.415/2017 (BRASIL, 2017), define uma estrutura curricular que é composta por uma Formação Geral Básica (FGB) e Itinerários Formativos (IF) e está organizada em áreas do conhecimento. (Projeto Político Pedagógico, 2024, p.225).

Em outras palavras, com a introdução do Novo Ensino Médio, atendendo a legislação vigente e a BNCC, várias modificações ocorreram, onde o currículo se estrutura baseando-se na denominada Formação Geral Básica (FGB) e nos Itinerários Formativos (IF), sendo o primeiro uma reorganização do currículo base em áreas, a pensar: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e; Ciências Humanas e Sociais aplicadas, sendo a Geografia compreendida nessa última área. E o segundo, o IF, sendo o mais flexível e obedecendo ao contexto local e às condições dos sistemas de ensino, podendo as disciplinas dessa área serem divididas em IF de Ciências da Natureza, IF de Ciências Humanas, IF de Linguagens, IF de Matemática, e IF que integram duas áreas do conhecimento.

Diante disso, vale ressaltar que a Geografia no Ensino Médio mais que uma disciplina dentro de uma escola, exercia e ainda deve exercer um papel articulador entre o sujeito e o espaço em que se relaciona. Em última instância a Geografia, como componente curricular, estuda a sociedade que se encontra em constante mudança, fazendo dessa disciplina uma amalgama de momentaneidades resultantes de um acúmulo de tempos e espaços que não se explicam por si só,

mas pelo, o que veio e pelo, o que vai. Ou seja, uma sociedade construída e reconstruída por fatos e interpretada considerando as relações sociais.

Sobre essas idas e vindas a Geografia Escolar se torna uma ferramenta fundamental para a compreensão desse movimento, cabendo a ela proporcionar um ensino-aprendizado resultante da presença participativa do professor e dos alunos, os quais possam analisar estas relações - em muitos casos, globais - a partir do local de sua vivência. Ou seja, fazendo esses sujeitos enxergarem de perto os espaços e tempos globais, isto é, as dinâmicas e as concretizações que se remodelam pelo tempo e pelo espaço geográfico.

Percorrido a construção dos principais passos dados pelo Colégio Saldanha Rocha até sua atualidade, percebe-se o quanto fatores socioespaciais ditam a atual prática pedagógica desse Colégio e o grau de dissociação da escola com a realidade dos alunos. Isto é, chega-se a um ponto em que se evidencia a interferência externa na educação escolar dos alunos, as quais podem ser mencionadas por meio dos diferentes níveis: Familiares – principalmente ocasionados por problemáticas na estrutura familiar, refletindo em um ínfimo compromisso de muitos pais e responsáveis com a educação escolar; Sociais – principalmente ocasionados por preconceitos, violências, uso de drogas e banalidade da sexualidade, e; Culturais – principalmente ocasionadas pela construção da identidade dos alunos com os lugares.

Sendo assim, resulta-se em diferentes fatores didático-pedagógicos que, a exemplo do Colégio Saldanha Rocha, se manifesta através das dificuldades em anular a ideia de que os alunos serão, simplesmente, executores de tarefas no mercado de trabalho; das dificuldades em promover motivações para os alunos serem sujeitos ativos em sala de aula, e; das dificuldades de coibir as evasões ou repetências anuais. Tudo isso, fazendo da escola, aparentemente, um espaço que pode preparar o aluno, quando não para nada, para o mercado de trabalho ou mesmo para outro nível de ensino e assim desfocar sua essência que é tornar o aluno um sujeito capaz de superar os desafios construídos pelas relações familiares, sociais e culturais aqui mencionadas e as quais serão retratadas no próximo tópico.

#### 4.1. A COMUNICAÇÃO ENTRE ALUNO E ESCOLA COMO PRÁTICA DE ALEGRIA

*“Desvendar o aparente tornando-o significativo - eis a essência da educação geográfica”.*

Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos

A ideia de escola vai para além de uma preparação para o mercado de trabalho ou mesmo para um ensino superior, como assim é aparentemente disseminado. Sua essencialidade está em

tornar seu público sujeitos capazes de se desenvolverem (no sentido relacional) em sociedade, ou seja, podendo entendê-la e entender si próprio nela.

E para fazer acontecer esses entendimentos sabe-se que há um cenário social moldado pela velocidade das informações, pela diversidade cultural e por relações complexas, tanto de cooperação quanto de conflito. Nesse contexto dinâmico e desafiador, a educação passa por transformações constantes, buscando se adaptar às mudanças do mundo e responder às novas demandas da sociedade.

Existe uma sistematização que prepara estas informações para se tornarem conhecimentos para os alunos, isto é, um saber interpretado e com significado. Desse modo, como afirmara Freire (1979, p. 84) é certo que a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo, mas é preciso, primeiramente, que o mundo mude a educação. Desse modo, Goergen (2010, p. 14, grifo nosso) demonstra que:

Não é exagerado dizer que a educação se encontra num momento de profundas transformações cujos rumos ainda não podemos prever. Um dos aspectos marcantes dessas mudanças é o fato de elas terem **origem externa**, ou seja, de serem estimuladas por inovações e movimentos vindos outros contextos e ambientes [...]. Vivemos o desconforto e a insegurança da instabilidade fecunda de tempos criativos em que **o novo desafia o velho** [...].

Sobre isso, Santos (2021) retoca um pouco mais essa relação ao dizer que, quando o novo surge, um choque é despertado. As relações que anteriormente estavam dispostas são alteradas pelo choque com as variáveis externas que adentram naquele lugar.

E sobre essa relação do interno com o externo – das verticalidades, do novo que vem de fora com as horizontalidades de cada lugar - “o ensino de geografia, com certeza, pode propiciar o exercício e a aprendizagem do pensamento complexo” (Miranda, 2012, p. 60), onde se fundamentem na necessidade de expor a utilidade da ciência geográfica no mundo, principalmente no que diz respeito ao lugar do homem no espaço geográfico e o seu entendimento sobre o arranjo organizacional dos lugares. Não muito distante disso, Monbeig (1956, p. 16) afirmava em seus escritos que:

Enviamos nossos filhos às escolas não somente para que encham suas cabeças, mas principalmente para que o façam bem. Esperamos dos professores que ensinem a nossos filhos e filhas literatura, matemática, línguas mortas ou vivas, história, geografia, ciências físicas e naturais, mas também exigimos que estes professores lhes desenvolvam as faculdades intelectuais ainda embrionárias. Da mesma forma que o treinador de desportos põe os músculos em condições de trabalho, o professor, treinador espiritual, tem o terrível encargo de lhes ensinar a observar, refletir, criticar e escolher.

Para isso, a reflexão que se constrói não se limita ao domínio do professor sobre a disciplina e a temática trabalhada, mas também em conhecer os percalços que surgem ao longo da docência. Isto é, cabe ao professor conhecer a realidade de cada público e saber produzir juntamente com estes, conhecimentos que atraiam, sejam acessíveis e que produzam certos significados em sala de aula – ou mesmo, aquilo que Snyders (1988) chama de “alegria na escola”.

A escola é o lugar do encontro, do diálogo e das transformações - do encontro de realidades, do diálogo de ideias e das transformações de pessoas. As expectativas e desejos aprisionados dos alunos vão de encontro com a educação da escola. Por vezes esses encontros provocam incômodos jamais esperados. Apesar disso, a estrutura escolar com todos os conflitos eminentes precisa demonstrar a seu público que estes, enquanto estiverem inseridos nela, não devem ser “empurrados” pelo professor em termos de aprendizado, mas deve enxergar e considerar os passos dados pelos seus alunos durante a vida e demonstrar a eles os possíveis caminhos pelos quais podem desenvolver seus passos.

Como bem mencionado, o mundo muda a educação, a educação muda as pessoas que por sua vez mudam o mundo, e por isso, observa-se que esse espaço geográfico mudou e junto a ele a educação se reformulou. É certo que a realidade atual fragilizou muitos setores da educação, mas também fortaleceu outros, abrindo espaços para as possibilidades em meio às desigualdades socioespaciais. Apesar dos pesares é evidente que a escola tem ganhado (a passos curtos) um desenvolvimento jamais visto, onde diversas possibilidades emergiram nas últimas décadas.

Aprimorando essa problemática atual, questiona-se, como sensibilizar o conhecimento significativo aos alunos? Ou, como construir na escola a dita alegria? Ou, como oportunizar espaço e tempo para a necessária relação das pessoas com o conhecimento? Ou, qual é a preocupação da geografia com os ambientes das relações e dos objetos os quais são conectados dialeticamente através das ações humanas? E assim, como identificar os possíveis fatores socioespaciais existentes na construção do espaço geográfico dos alunos?

Indica-se Carvalho (1999) quando ele destaca a menção sobre a alegria na escola (Snyder (1988)) - uma alegria que seja construída por significados, que responda suas indagações, onde a escola tenha como ponto basilar a cultura dos alunos, da experiência imediata, apresentando uma cultura elaborada, que auxiliará a analisar de forma crítica a sua experiência. Assim tem-se uma alegria de compreender a realidade de modo que o motive a agir sobre ela de maneira ativa. O autor ainda ressalta que:

O conceito de alegria desenvolvido por Snyders não é uma alegria qualquer, um estado de graça, um descomprometimento, um afastamento da realidade e seus problemas. É a alegria de compreender, de sentir, descobrir a realidade, de poder decifrá-la e sobre ela atuar, de romper com as inseguranças e incertezas, buscar a plenitude, as formas mais acabadas, seja nas artes, nas técnicas, na ciência, etc. A alegria que Snyders tem em mente é a busca da originalidade, da criatividade, da autossuperação e crescimento constante das potencialidades dos indivíduos, da supressão (ou pelos menos sua diminuição) das inseguranças, do medo e incertezas. É a alegria de saber, de conhecer e poder escolher criticamente as diversas possibilidades oferecidas pela realidade. (Carvalho, 1999, p. 164)

Ao falar sobre a “alegria na escola”, Snyders (1988) discute sobre dois tipos de culturas: a cultura primeira e a cultura elaborada, quando assim ele retrata que a cultura primeira é aquela adquirida na experiência do cotidiano, nas ações simples e imediatas, nos momentos individuais e coletivos, mas nem sempre alcançando, valores reais e fundamentais da vida, isto é, a alegria. São as aparências que o mundo oferece, não obrigatoriamente questionando-se sobre o “por que” das coisas, mas as vivenciando em procura da satisfação cultural – do momentâneo, do que alegra, do que satisfaz o indivíduo. Para Snyders (1988, p. 23) a cultura primeira assim se define:

Há muitas alegrias que não têm necessidade do sistemático – Há formas de cultura que são adquiridas fora da escola, fora de toda autoformação metódica e teorizada, que não são o fruto do trabalho, do esforço, nem de nenhum plano: nascem da experiência direta da vida, nós a absorvemos sem perceber; vamos em direção a elas seguindo a inclinação da curiosidade e dos desejos; eis o que chamarei de cultura primeira.

Em outra esfera, está a cultura elaborada. Cultura essa que não menospreza a existência da cultura primeira, mas que, elaborada de modo sistemático, faz-se alcançar com maiores chances os objetivos propostos pela cultura primeira, isto é, a satisfação cultural. O “porquê” das coisas são evocados, e refletindo sobre a relação dessas duas culturas, pode-se com maiores facilidades alcançar os valores com plenitude. Esse se torna o momento de ampliar horizontes, de elaborar acordos entre interesses. Assim, Snyders (1988, p. 28) retrata:

A cultura elaborada não tem nada de medicamento – milagre; é inicialmente um esforço para apoiar-se em métodos e procedimentos que, de perto ou de longe, relacionam-se com grandes sucessos, aquisições fundamentais – de tal modo que os próprios jovens (mas chegarão aí sozinho?) adquiram consciência do que se passa em profundidade no seu grupo; um questionamento inseparável de tentativas de reorganização.

Por isso que, da cultura primeira podemos falar sobre a aparência das coisas e da cultura elaborada, a sua essência. É claro que a aparência e a essência podem coexistir em ambas as culturas, mas aqui retrata-se que em muitas situações a cultura primeira (aquela do senso comum)

expõe que tais fenômenos simplesmente existem ou não se baseiam em explicações científicas, e a cultura elaborada (aquela sistematizada), expõe o “por que” dos fenômenos existirem, agora, baseando-se em explicações científicas. Neste sentido, não é válido a ideia de que a cultura primeira seja absolutamente falível e inquestionável, e nem que a cultura elaborada seja absolutamente infalível e questionável, mas em geral, satisfazer os interesses são as mesmas finalidades dessas culturas, porém com caminhos diferentes.

A partir disso, fala-se sobre a satisfação cultura escolar (um dos objetivos da cultura elaborada). E sabendo desse objetivo, aquela cultura primeira expõe questões que, por vezes, ela mesma, infamavelmente, não consegue responder, mas abre espaços para que a cultura elaborada (no caso, a escolar), por meio da formalidade, possa responder, ou seja, satisfazer a situação. Desse modo, a escola objetiva uma satisfação cultural por meio da educação escolar, não desprezando a cultura primeira, mas atribuindo explicações científicas aos fenômenos.

Embora a escola como uma cultura almeje recriar no aluno uma satisfação cultural escolar, Snyders (1988, p. 189) ressalta que diversas insatisfações são despertadas em seus alunos. Essas situações se revelam com as queixas e desejos contrários à escola, onde se observa alunos que “[...] vão à escola sem nenhum entusiasmo [...] eles estudam “pela nota” e frequentemente o confessam ingenuamente; no fundo estudam para ter a paz esperando trabalhar para ter o salário”. No mais, a escola revolta os alunos pela sua postura de obrigação, de orientação e de intervenção quando assim Snyders (1988, p. 211) confessa que:

A escola é o local onde se apresenta aos jovens, a todos os jovens um tipo de poesia, de modos de raciocínio rigoroso que eles não tinham atingido até então. Na medida em que o cultural elaborado está em ruptura com a cultura imediata, a escola é difícil; os alunos não poderiam obter sucesso por suas próprias forças; é preciso para isso a obrigação, a orientação, a intervenção do professor.

Com isso, corroboramos a ideia de que não somente a aparência e a essência podem coexistir em ambas as culturas, como também podem ser complementares uma a outra, seja pelo sentido de que a cultura primeira necessite de uma explicação (refutação ou justificativa) científica, seja pelo sentido de que a cultura elaborada necessite de uma simplificação (através dos modos de vida) do senso comum.

Neste sentido, a escola, portanto, deve incomodar aos acomodados, fazer cansar os descansados e fazer movimentar aos estagnados, pois estes se encontram em estado de sutil satisfação, da alegria aparente e mesmo da armadilha do “ah, tudo bem”. Quando a escola surtir o efeito do necessário incômodo, a insatisfação e a estagnação do aluno darão lugar a verdadeira

alegria na escola. Uma alegria que é necessária para realizar uma comunicação entre aluno e a escola e despertar significados em seus alunos. Com isso, Goergen (2010, p. 42) expressa que:

[...] a comunicação prioriza a relação, o envolvimento em pé de igualdade do processo comunicativo e a veracidade de todos. Que fique, então, inicialmente claro que o fato de nos encontrarmos numa sociedade por vezes designada, sociedade da comunicação" não significa que estejamos envolvidos em processos dialógicos de entendimento. O diálogo representa, antes de tudo, a organização de um espaço público no qual possam ser discutidas as novas questões relativas aos sentidos éticos, políticos e culturais que servem de orientação ao agir das pessoas em sociedade.

Ao mesmo tempo em que esta comunicação deve ser propiciada na escola, não se deve desconsiderar a vida cotidiana dos alunos. Estes que, para além da cultura elaborada pela escola, possuem uma cultura primeira – de gostos, prazeres, desafios e rejeições construídas fora do ambiente escolar, mas que de certa forma reflete na cultura escolar, por vezes, de maneira insatisfatória.

A comunicação, portanto, remete a abertura de espaço para o público. É aquela que, tomando conhecimento das subjetividades, as envolvem como algo importante nas conexões culturais e as desenvolvem de modo a superar as barreiras do inexplicável ou daquilo que aparenta não ser influenciável nas relações culturais. Levando esse conceito em consideração, podemos evidenciá-lo dentro do contexto escolar. Não como uma mera comunicação oral, mas uma ação relacional, onde expõe o comportamento dos alunos diante da vida escolar.

A comunicação aqui expressa está muito para o sentido de aproximação ou não da realidade dos alunos com a realidade pedagógico-didática da escola. Uma realidade medida pelas situações socioespaciais acarretadora do grau de dissociação aluno-escola. Tudo isso, mediadas pelo nível de diálogo entre estes dois elementos/componentes ou do espaço geográfico.

Por isso, construir uma comunicação do aluno com a escola é fazer a esse sujeito enxergar essa instituição como significativa na sua vida. Não se trata em tornar desse aluno um trabalhador somente apto ao mercado de trabalho, mas de um sujeito capaz de superar seus desafios e rejeições, atingindo a satisfação cultural por meio da formação integral do aluno enquanto um cidadão que compõe uma sociedade. Por isso, a comunicação entre aluno e escola pode se efetivar quando, por exemplo, baseamos no seguinte escrito sobre os jovens:

Não recusamos o que lhes toca, sua maneira de abordar a existência: é sem rejeição de sua cultura primeira que esperamos vê-los progredir rumo as satisfações da cultura elaborada. Aceitar realmente, gostar dos alunos como eles são para levá-los a ser tais como deveriam ser; confiança primordial no aluno... Capaz de progredirem direção às tarefas culturais, capaz de atingir a satisfação cultural para a qual

queremos direcioná-los. (Snyders, 1988, p. 217)

Daí que o conhecimento seja significativo ao aluno. Que o conteúdo desperte interesse. Que a aula motive participação. Que a realidade expressa na “lousa” seja próxima da realidade do aluno. De fato, como expressa Snyders (1988, p. 274):

Gostaria que a escola se organizasse como um lugar onde o aluno se sentisse suficientemente em segurança para tentar, esforçar-se, abordar o novo, o difícil, lançar-se mais ousadamente do que fora da escola: questionar sistematicamente o que foi vagamente percebido “na vida”, colocar todas as cartas sobre a mesa. A escola não é para escapar da vida, evitar a vida.

Pois assim, no ambiente escolar, esperançosos com a presença significativa da escola na sua vida, os alunos expressam suas necessidades e tensões, como também Snyders (1988) revela que eles sonham “[...] em serem levados em consideração, serem conhecidos e reconhecidos em sua individualidade, em sua vida pessoal; [...] nas quais poderiam revelar ao professor seus gostos, seus problemas e mesmo seus defeitos, desvendar sua personalidade [...]”.

No mais, o autor, ao concluir sua escrita, retrata que a escola tem como objetivo extrair a alegria da orientação, da intervenção – daquilo que é obrigatório, pois a escola busca almejar uma alegria específica: aquela da cultura elaborada, onde não se alcança por outros meios, mas que, todos aqueles que vivenciarem a obrigação dessa cultura sistemática saberão o motivo de ir à escola.

A escola, com suas experiências, vivências e exigências é o lugar que integra a vida do aluno. É o lugar do acontecer e do transformar. É também o lugar da globalização – marcado pelas ocasiões, onde reconhece as desigualdades e oferece possibilidades, sem que não se deixe apagar o essencial do aluno – a sua cultura primeira. Assim, analisa-se seu espaço geográfico de modo a identificar possíveis fatores que dissociam o sujeito, enquanto aluno, da escola.

Sobretudo, a escola, de fato, é difícil, pois esbarra nas subjetividades de seus alunos. Sua comunicação pode ser interrompida ou mesmo nem iniciada quando fatores socioespaciais atingem seus alunos, sejam por questões conflitantes causadas em ambientes familiares, sociais, políticos, econômicas e entre outros. A existência do aluno é marcada por estas resistências socioespaciais, mas que não devemos aceitar por simplesmente “passar a mão na cabeça do seu aluno”, mas aceitar por entender a situação sabendo que a figura da escola pode ultrapassar seus muros e amenizar ou aniquilar seus obstáculos socioespaciais.

Além disso, é vultoso destacar a importância da “abertura cultural” mencionada por Goergen (2010) quando assim ele retrata que esta abertura possui duas dimensões: uma voltada

para a essencialidade do interior, e outra para as características evolutivas do exterior. A partir disso, surgem fatos resultantes da abertura cultural e os quais provocam certo desequilíbrio (ou mesmo, incômodo, como bem mencionado) entre as dimensões interiores e exteriores. Esse autor ressalta que, ao refletirmos sobre a cultura, um dos aspectos indispensáveis “[...] é o fato de que, quando nos referimos à cultura, sempre estamos nos referindo à relação e essa implica sempre em diálogo. [...] não basta ampliar as conexões para aumentar o diálogo cultural entre as culturas.” É preciso, também, um exame interno e externo dessas culturas, uma vez que o encontro entre elas pode provocar desconfortos e falta de diálogo devido o não reconhecimento do outro.

Na seção a seguir, uma reflexão sobre como o diálogo, fundamentado na teoria habermasiana, pode contribuir para a superação de conflitos, a construção de sentidos compartilhados e a promoção de relações mais justas e democráticas na sociedade.

#### 4.2. O DIÁLOGO NA ESCOLA: UMA LEITURA A PARTIR DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

Diante da complexidade das relações humanas no mundo contemporâneo, o diálogo surge como uma ferramenta essencial para a construção de entendimentos mútuos e consensos. Neste contexto, a proposta de refletir sobre o diálogo nos conduz à Teoria da Ação Comunicativa, desenvolvida por Jürgen Habermas, que oferece fundamentos filosóficos e sociológicos para compreender a linguagem como meio de interação racional entre os sujeitos.

Em um dos seus principais escritos, Habermas (2012, p. 134) diz que “A ação comunicativa é orientada para o entendimento. Os participantes, ao contrário de simplesmente perseguirem seus próprios sucessos individuais, procuram alcançar um entendimento comum sobre a situação e coordenar suas ações com base nesse entendimento”. E sobre isso podemos enquadrar essa ação comunicativa na realidade relacional entre aluno-escola, onde inclua um processo de escuta a todos os indivíduos inseridos, a mencionar os alunos, pais/responsáveis, professores, equipe pedagógica e direção.

Para Habermas, o agir comunicativo não se limita à simples troca de informações, mas envolve a busca por entendimento baseado em argumentos, reciprocidade e reconhecimento mútuo. Assim, ao considerar o diálogo como ponto de partida, abre-se espaço para discutir as condições ideais de comunicação, os princípios da racionalidade comunicativa e as possibilidades de transformação social a partir de práticas discursivas orientadas ao consenso.

Complementar a isso, de acordo com a análise de Gonçalves (1999, p. 125), o estabelecimento “[...] que os sujeitos estabelecem entre si, mediados por atos de fala, dizem

respeito sempre a três mundos: o mundo objetivo das coisas, o mundo social das normas e instituições e o mundo subjetivo das vivências e dos sentimentos”. Ou seja, Gonçalves indica que a teoria de Habermas ressalta a interação entre esses três mundos, onde o mundo objetivo das coisas diz respeito à construção de conhecimentos – correspondendo às pretensões de validade da verdade; o mundo social das normas e instituições diz respeito às regras que a partilha de conhecimentos devem seguir – correspondendo às avaliações éticas; e o mundo subjetivo diz respeito às perspectivas construídas por cada sujeito – correspondendo à exposição da interioridade dos sujeitos.

No mais, nessa relação, a linguagem acaba por assumir o papel principal. Isto é, “Habermas propõe um modelo ideal de ação comunicativa, em que as pessoas interagem e, através da utilização da linguagem, organizam-se socialmente, buscando o consenso de uma forma livre de toda a coação externa e interna”. (Gonçalves, 1999, p. 133).

Ao enquadrar tudo isso no contexto escolar, a ação comunicativa se torna um poder de superação das problemáticas socioespaciais, podendo, assim, potencializar as aptidões intrapessoais e interpessoais, na medida em que não deve colocar o conteúdo sistemático no “fim da linha”, mas a partir dele ampliar espaços para o envolvimento, a democracia, a interatividade e o desenvolvimento do conhecimento na vida formativa dos sujeitos em prática.

Além disso, tomando como base os fundamentos teóricos propostos por Habermas (1999), Goergen (2010) amplia a compreensão do conceito de “agir comunicativo” ao apresentá-lo como uma forma de conversa entre indivíduos que transcende a simples troca de informações. Para Goergen, o agir comunicativo configura-se como uma interação pautada no reconhecimento recíproco entre os participantes, processo fundamental para a construção da autoconsciência. Ou seja, o encontro com o “outro” não apenas possibilita a comunicação, mas promove uma reflexão constante sobre si mesmo, tornando-me um sujeito capaz de renovar e reconstruir minha própria identidade a partir dessa relação dialógica.

Nesse sentido, a interação entre as pessoas, mediada pela linguagem e pelo entendimento mútuo, constitui-se como um espaço dinâmico onde os saberes compartilhados ganham funcionalidade e significado prático. É por meio dessa circulação de conhecimentos e perspectivas que o que Habermas chama de “agir comunicativo” se realiza efetivamente, possibilitando a cooperação, a coordenação de ações e a construção conjunta de sentido. Assim, o agir comunicativo não é apenas um processo linguístico, mas um mecanismo social fundamental que viabiliza a vida em comunidade, o desenvolvimento pessoal e a transformação social, sustentando as bases para a convivência democrática e o respeito às diferenças.

Nesse parâmetro, o “discurso”, enquanto prática orientada ao entendimento, é considerado por Habermas a situação ideal do *agir comunicativo*, pois nele se estabelecem as condições para que as interações entre os sujeitos se realizem de maneira racional, ética e fundamentada. O discurso, nesse contexto, não é qualquer tipo de fala ou opinião, mas sim uma forma de comunicação que pressupõe abertura ao outro, argumentação livre de coerções e disposição para revisar pontos de vista a partir de justificativas racionais. É nele que se sustentam as *pretensões de validade* — verdade, retidão, veracidade e compreensibilidade — que organizam e legitimam as opiniões, decisões e normas sociais. Ou seja, para que o agir comunicativo se efetive, é preciso que os sujeitos se engajem em discursos nos quais suas afirmações possam ser questionadas, justificadas e, se necessário, reformuladas com base no diálogo argumentativo.

Nesse sentido, o diálogo ou debate, para cumprir sua função dentro da perspectiva habermasiana, deve estar alinhado às necessidades, contextos e interesses dos indivíduos envolvidos. Trata-se de reconhecer que a comunicação só produz entendimento verdadeiro quando parte das realidades concretas dos interlocutores, respeitando suas experiências e pontos de vista. Assim, o objetivo último do discurso é alcançar um entendimento mútuo e cooperativo, construído coletivamente, que permita não apenas a coordenação de ações, mas também o estabelecimento de fins comuns, capazes de promover consensos legítimos e socialmente relevantes.

A partir disso, Goergen (2010, p. 75) diz que “a educação orientada pelo agir comunicativo permite conceber outro tipo de relação pedagógica baseada na reconstrução dos processos educativos fundados no paradigma de intersubjetividade”, sendo assim, reconhecendo o “outro” pelo poder do diálogo.

Diante das reflexões apresentadas, é possível concluir que a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas oferece uma base sólida para compreender a importância do diálogo autêntico nas relações humanas e sociais. Para Habermas, a linguagem não é apenas um instrumento de transmissão de informações, mas o meio fundamental pelo qual os sujeitos se reconhecem, constroem consensos e transformam a realidade de forma cooperativa. O “agir comunicativo” se estabelece quando os interlocutores buscam, por meio do discurso livre de coerções, alcançar o entendimento mútuo, fundamentado em argumentos racionais e na disposição para ouvir o outro.

Ao reconhecer o outro como sujeito ativo e legítimo no processo de diálogo, abrem-se caminhos para práticas mais justas, inclusivas e democráticas, tanto na sociedade quanto em contextos específicos como a escola, onde o diálogo entre aluno e instituição torna-se elemento essencial na construção do saber e da cidadania. Nesse cenário, o papel do professor de Geografia ganha destaque, pois é ele quem media as relações entre o conhecimento e a realidade vivida pelos

estudantes.

Para que esse diálogo seja efetivo, é fundamental que o docente esteja devidamente instrumentalizado — não apenas no domínio teórico da disciplina, mas também em competências comunicativas e pedagógicas que favoreçam uma aprendizagem crítica e significativa. A instrumentalização do professor, compreendida como um processo contínuo de formação e reflexão será aprofundada no item a seguir, evidenciando sua importância na promoção de práticas educativas alinhadas à racionalidade comunicativa e aos princípios de uma escola mais dialógica e democrática.

#### 4.3. A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA FRENTE ÀS SUBJETIVIDADES DOS ALUNOS

Para além do que se imagina o ato do professor de geografia em se instrumentalizar não se refere em se apropriar de recursos ou materiais didáticos para a efetivação do ensino-aprendizagem. Diferente disso, se instrumentalizar significa apropriar-se de conhecimentos de modo a aprimorar o ensino prestado pelo professor. Isto é, se apropriar de ferramentas culturais e científicas para problematizar certo cenário, construindo assim, uma aula rica em perguntas que tornem o aluno interessado pelo conteúdo de tal forma que encontre significados. Este é o cerne da Geografia Escolar que deve estar na essencialidade do ser professor.

Ao aluno, mais que saber a informação e armazená-la é preciso saber interpretar enquanto o meio para que se alcance o objetivo – o conhecimento. Não um conhecimento pronto, mas um conhecimento passível de mudanças. E para isso, de acordo com Callai (1995, p. 41), o professor deve “[...] fazer das suas aulas oportunidade a que os alunos construam os seus conhecimentos, se interessem pelas aulas e pelas tarefas e compreendam o significado que tem tudo isto”.

Para isso, a verdadeira aula é aquela que seja participativa, alternativa e significativa, ou seja, onde o professor esteja a postos para as intempéries de uma aula com seus alunos. Afinal, a cada encontro, tudo pode acontecer de estranho ao planejado, principalmente quando o professor se depara com um emaranhado de diversidades, as quais possuem influências de diferentes campos.

Mas afinal, que intempéries são essas? São situações/problemas que vão desde o simples ato de um aluno não compreender determinado conteúdo prestado em uma aula ou mesmo ocorrerem situações conflitantes dentro da sala de aula, como um desentendimento entre alunos ou imprevistos no ambiente escolar, como falta de recursos básicos para o bom funcionamento da aula (seja energia elétrica, materiais didáticos e entre outros). Também questões que envolvem a

parte psicológica/fisiológica/comportamental/social do seu alunado – desde alunos que enfrentam problemas mentais, de acessibilidade física, ou mesmo questões financeiras e familiares, que por vezes pode afetar negativamente no rendimento escolar. Ter a atenção e agir nessas situações é necessário, caso contrário deixaríamos de lado o sentido da escola enquanto um espaço educacional inclusivo e dialógico. Por isso, Goergen (2010, p. 46) diz o seguinte:

A educação é um diálogo permanente que se aproveita de inúmeras oportunidades e está atenta aos riscos do tom de voz, dos silêncios, da linguagem corporal, dos gestos. No diálogo é necessário encontrar formas de convivência baseadas na confiança, na generosidade, no compromisso e na abertura. [...] Os educadores não podem, em nome do diálogo, ser omissos com relação aos posicionamentos, sugestões, propostas firmes e definidas que, ademais, os educandos deles esperam. Isso, contudo, não evita o surgimento de conflitos como elementos inerentes à própria práxis pedagógica, em especial numa sociedade envolta em permanente processo de mudança de comportamentos, regras, valores etc. faz-se, então, necessária uma nova cultura pedagógica, a cultura do debate, da discussão, da polêmica, enfim, do diálogo.

As situações acima apontadas provocam questionamentos, tais como: será que cabe ao professor deixar de lado a sua especificidade profissional e assumir a postura de um psicólogo, clínico geral, terapeuta ou economista? Ou mesmo, como o professor, em especial, o professor de Geografia, fará para executar esse incentivo em meio a esta diversidade? Uma diversidade em que, por exemplo, o lugar de residência dos alunos e níveis de renda se tornam dois fatores presentes na citada diversidade e ou dificuldades discentes.

Evidentemente, em situações mais graves, medidas superiores devem ser tomadas, mas em caso de visível solução simples, o professor pode readaptar sua aula as situações ocorridas. Para se desdobrar diante dessas situações é preciso praticar o ser professor. A didática da Geografia refere-se às articulações estabelecidas entre o conhecimento geográfico e os saberes pedagógicos, ou seja, trata-se da forma como os conteúdos específicos da disciplina são traduzidos em práticas de ensino que façam sentido para os estudantes em seus contextos sociais, espaciais e culturais. Assim, não se trata apenas de adaptar-se às características dos alunos de forma superficial, mas de compreender profundamente suas realidades, trajetórias e modos de ver o mundo, de modo a tornar o ensino significativo e dialógico.

O grande desafio, portanto, não está apenas em transmitir informações e conceitos prontos, mas em ensinar Geografia a partir das dinâmicas e complexidades da realidade contemporânea. Nesse cenário, cabe ao professor desenvolver estratégias didáticas que possibilitem ao aluno interpretar criticamente o espaço em que vive, reconhecendo-se como agente transformador. Essa proposta exige uma postura ativa, investigativa e reflexiva do docente, que deve integrar os

conteúdos geográficos a métodos pedagógicos capazes de estimular a autonomia, o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento. Eis o desafio de uma Didática renovada da Geografia Escolar.

É frente a essas realidades que a essencialidade do professor deve emergir. Uma essencialidade em que o professor sabe o que está ensinando, para quem está ensinando e para quê está ensinando, desse modo, formando uma compreensão das conexidades entre diferentes realidades. Refiro-me que “[...] aos educadores incumbe-se a importante tarefa de conhecer os desejos, aspirações, lutas e especificidades culturais características dos alunos [...] a fim de estabelecer diálogos pedagógicos interculturais e reflexivos, minimizando ações excludentes.” (Goergen, 2010, p. 99).

O mesmo autor ainda fala sobre a cultura do corpo. Uma cultura que é tratada pela dialética entre razão e sensibilidade, entre o intelectual e o material, onde estas práticas corporais, construídas historicamente, expressam a educação e o diálogo. O corpo, portanto, torna-se uma construção cultural, composta pelos sentimentos, racionalidade, criatividade, comunicação e expressões subjetivas e complexas. Contudo, a preocupação da educação deve voltar-se a ressignificação do sujeito, para o encontro do sujeito e sua identidade. Neste sentido, Goergen (2010, p. 169) evidencia a educação como:

[...] formação do sujeito ético/moral e estético capaz de agir de maneira intercomunicativa na (re) construção dos diferentes saberes, visando a sua autonomia e emancipação, a todo o momento o homem aprende e se educa, seja pelo saber letrado, gestual, mítico, sagrado, cotidiano ou religioso. Contudo, a racionalidade contemporânea faz com que haja dificuldade em se justificar e conciliar erudito e popular, mítico e científico, sensibilidade e razão. E instauram-se, novamente, rupturas.

Tudo isso, de modo a manipular, através do diálogo, o outro a uma construção social do conhecimento, de modo a excluir a ideia da temática em estudo como algo findado, transformando-a em um produto que faça reconhecer na racionalidade humana as diferenças, percepções e dimensões do corpo, ou seja, do que é subjetivo.

Enquanto professores, devemos perceber que tornar os conhecimentos geográficos acessíveis e significativos aos alunos, é caracterizar tal conteúdo como adequado ao alunado. Alunado este que é formado por um conjunto de subjetividades, com “[...] diferentes gêneros, religiosidades, pertencimentos étnicos e culturais, trajetórias de vidas, saberes acumulados, fazeres, espacialidades vividas, temporalidades etc.” (Goergen, 2010, p. 98). Tudo isso remetendo ao desenvolvimento de uma pedagogia da diversidade que desenvolva um diálogo permanente e

atento entre aluno e professor.

Para isso, a reflexão que se constrói não se limita ao domínio do professor sobre a disciplina e a temática trabalhada, mas também em conhecer os percalços que surgem ao longo da docência. Isto é, cabe ao professor conhecer a realidade de cada público e saber produzir juntamente com estes, conhecimentos que atraiam que sejam acessíveis e que produzam certos significados em sala de aula.

Busca-se, assim, uma aproximação entre conteúdo-realidade, onde torne os conhecimentos geográficos acessíveis, atraentes e significativos aos alunos. E sobre isso, “o ensino de geografia, com certeza, pode propiciar o exercício e a aprendizagem do pensamento complexo” (Miranda, 2012, p. 60), onde se fundamentem na necessidade de expor a utilidade da ciência geográfica no mundo, principalmente no que diz respeito ao lugar do homem no espaço geográfico. Nesse sentido, abre-se um parêntese para retornarmos aos escritos de Goergen (2010, p. 178) quando ele destaca que a relação da escola e a cultura do corpo:

No sistema escolar, a cultura do corpo não se concretiza somente por formas tradicionais de ensino, mas valoriza o aprendizado coletivo para além do livro didático, considerando a ação pedagógica de músicas, poesias, literatura de cordel, mitos, filmes, documentários, pinturas, esculturas e outros. Nesse sentido, o processo educacional é viabilizado por meio das relações interpessoais [...] pelas várias linguagens do corpo, como forma de comunicação. [...] Tais ações tornam os alunos partícipes do processo educacional, explorando seu potencial criativo/crítico, solidário na relação com o outro, valorizando as experiências que trazem consigo.

Como bem retratado, ao professor não cabe retirar sua função de dentro da sala de aula (a sua profissionalidade), mas antes de tudo, este professor não lida simplesmente com alunos ou números, e sim, seres humanos ou corpos que em sua essencialidade possui sentimentos, compreensões e realidades que por vezes são afetadas por problemáticas socioespaciais – que seja conflitos intrapessoais e interpessoais, tensões familiares, econômicas etc.

É possível, ainda, recorrermos aos escritos de Goergen (2010) quando ele fala sobre a ética do cuidado em que ele afirma que isso se refere a um diálogo necessário para se pensar nas práticas sociais e dos assuntos humanos, mas que a sociedade atual não contempla com a intensidade necessária. Sobre isso, essa ética do cuidado se resume em uma educação integradora que objetive alcançar as vivências humanas racionais e livres, além de saber qual a finalidade do agir humano. O autor ainda menciona que a busca por essas vivências remete a uma crítica da crise contemporânea, isto é, presencia-se uma humanidade ao mesmo tempo instável e individualista, onde predomina seus interesses e impulsos, muitas vezes impedindo a convivência (a ética). E por isso, entende-se “[...] a crise da ética como a crise da falta de diálogo.” (Goergen,

2010, p. 182). É desse modo que o autor destaca que a ética do cuidado encerra, ou, ao menos, diminui os dilemas que abalam o futuro da humanidade. E assim ele expressa:

A busca deve ser a de um tempo eticamente sustentado, esteticamente aperfeiçoado e democraticamente participativo que será alcançado por meio da acolhida indiscriminada do outro [...] com o propósito de com ele estabelecermos uma união duradoura e comprometida. Lugar propício para estabelecimento de laços tão profundos é a educação, processo pelo qual a humanidade elabora a si mesma em todos os seus vários aspectos. (Goergen, 2010, p. 182)

À luz dessa reflexão, o mesmo autor ainda retrata que, com a ética do cuidado – aquela que se importa com as transformações da humanidade – faz-se sentido analisar as condições para a formulação de novas histórias, cativando-as de maneira cooperativa, voltando-se, principalmente aqueles que oprimidos, condenados e silenciados (em termos de diálogo). Por isso, que “[...] a humanidade carece de sensibilidade para as questões que afetam diariamente a sua vida [...] ao tomar consciência da existência do outro, assuma também o cuidado como diretriz inexorável do comportamento moral.” (Boff, 2003a, apud Goergen, 2010, p. 201).

Mais do que uma reflexão sobre as práticas sociais, a ética do cuidado pensa nas práticas educacionais, na emancipação do ser humano, em seu desenvolvimento. Um cuidado ético com uma sociedade que se encontra cada vez mais distanciada, individualizada e longe de uma realidade concreta.

Eis, então, um mar profundo e extenso a navegar, onde cabe ao professor lidar com cada situação e saber alternar diante delas. O olhar atento do professor ultrapassa as barreiras do ensinar por ensinar, alcançando os patamares do ensinar para desvendar o aparente. Meu aluno precisa compreender o espaço geográfico o qual ele é integrante. Sendo ele um sujeito participante de uma sociedade contraditória, enfrentando casos e acasos, a este aluno não cabe o papel de vítima da sociedade, mas de um cúmplice que almeja contornar as intempéries sociais, ou seja, compreendendo as circunstâncias pelas quais está vivenciando tal situação/problema. Dá-se, assim, sentido as aulas participativas, alternativas e significativas.

Por vezes as dores e vulnerabilidades que os alunos enfrentam em seu dia a dia acabam aflorando dentro do ambiente escolar. De fato, em termos de frequência, a escola se torna uma segunda casa para os alunos, os quais frequentam desde os primeiros anos de vida até à juventude ou mesmo fase adulta. Por esse e outros motivos, a convivência proporcionada pela escola produz conveniências, mas também muitas inconveniências em que os alunos remetem esse problema (de maneira exacerbada e exclusiva) à própria instituição de ensino e, assim, barra as sensações da “alegria na escola”. Isso é perceptível, muitas vezes, pelas breves falas espalhadas entre os

próprios alunos, seja pelo “não gosto de ir à escola”, “essa escola é muito ruim”, “isso não muda nada em minha vida” até o “pra quê estudar?”, “é sério que amanhã tem aula?”.

No mais, a prática pedagógica não se resume aos “decretos” do conteúdo, mas a partir deles, abrem-se um leque de diálogos que sejam conciliantes às diversidades geográficas dos alunos – referentes à localização, influências sócio-históricas, culturais, comportamentais e etc. Sendo assim, ao professor fica o cargo de assumir a sala de aula e exercer aquilo que é de sua essência – o incentivo à produção escolar significativa de conhecimento. E isso não está englobado apenas às aulas de geografia, mas também desde as aulas de matemática, ciências, química, história até a tais disciplinas inseridas atualmente na grade curricular da escola, que seja a disciplina de pensamento computacional, robótica, educação financeira etc.

Com isso, se a escola cumpre o papel de promover o desenvolvimento humano, este humano, através das disciplinas ofertadas, precisa encontrar nesta oferta o seu verdadeiro desenvolvimento. E tudo isso em meio às suas dificuldades, dúvidas e questionamentos que ele tenta compreender e responder ao longo da vida. Afinal, se a escola promove o desenvolvimento humano, o aluno precisa não somente ser participante, mas ser a escola — estar integrado, representado e ativo no processo educativo. É nesse contexto que se insere o ensino da Geografia, cuja didática precisa ser pensada de forma a dialogar com as vivências do estudante, conectando o conteúdo ao seu cotidiano e às transformações do espaço em que vive.

No próximo item, portanto, será abordado sobre essa didática da Geografia escolar, destacando como ela pode contribuir efetivamente para o processo comunicativo que promova a alegria entre o aluno e a escola.

#### 4.4. SOBRE A DIDÁTICA DA GEOGRAFIA ESCOLAR

A questão que se desvenda agora é saber: qual didática escolar atenderia a alegria da escola? Pensar sobre um ensino que promova o desenvolvimento humano, como bem mencionado anteriormente, seria uma missão um tanto quanto fácil se não fosse a necessidade de introduzir didáticas - que por via de regra não se resume a arte de transmitir conhecimentos, mas de comunicá-los de modo a orientar, por meio de técnicas e métodos, um conteúdo a determinado público, assim construindo uma educação escolar eficiente, que promova uma pedagogia-disciplinar-didática, portanto, inspiradora aos olhos dos alunos.

Assim como em todas as escolas, didatizar um conteúdo a um público diversificado, de diferentes origens, percepções e anseios, é uma tarefa complexa, árdua e reflexiva, como é o caso do alunado do Colégio Saldanha Rocha. Faz o professor pensar e repensar sobre os conteúdos

ministrados, ensinamentos, relações e respostas dentro da sala de aula. Por isso que, Libâneo (2013) ao tratar sobre a ideia de didática, discute-a em dois campos: no teórico da educação e na prática pedagógica, ou seja, mencionando o quanto a relação dessas duas ramificações são essenciais para o professor, destacando o quanto a didática aprimora a qualidade do ensino. E para que isso ocorra, e relacionando com a centralidade do presente trabalho (que é o aluno), Libâneo (2013) continua destacando a importância da relação entre professor e aluno. Isto é, para ele é preciso considerar os aspectos socioculturais que influenciam nessa relação. Afinal, é preciso enfatizar um ensino que considere o que é necessário aos alunos.

Em virtude disso é preciso que aquele saber disciplinar-pedagógico-didático produzido na formação profissional do professor de Geografia, percorrendo constantes reflexões e adaptações, deve ser transformado no ato docente em conhecimentos geográficos, para que de fato cumpra a sua função social, compreendendo a realidade.

Daí que recorremos a Libâneo (2013) quando ele trata sobre a prática pedagógica e a metodologia do ensino de Geografia, a qual seus conteúdos devem ser contextualizados. De todo modo, para o autor, os fenômenos geográficos precisam estar conectados com a experiência vivida pelos alunos, pois evidenciar por meio dos conhecimentos produzidos em sala de aula os acontecimentos próximos da realidade do aluno é tornar o ensino mais significativo e relevante. E tudo isso inclui o debate sobre todas as relações que o ser humano constrói com o espaço, sejam elas sociais, ambientais, econômicas etc.

De todo modo, de acordo com Callai (1995) o professor deve “[...] fazer das suas aulas oportunidade a que os alunos construam os seus conhecimentos, se interessem pelas aulas e pelas tarefas e compreendam o significado que tem tudo isto.” (p. 41). Evidentemente, isso não se torna uma tarefa de fácil resolução em vista das constantes formas de organizações que o homem encontra para poder se adaptar a sua própria mudança e, a qual, Goergen (2010, p. 14) evidenciará que não se torna extraordinário dizer que no campo da educação, que também se encontra em mudança, os novos rumos serão imprevistos, justamente pelos desafios que o novo impõe ao que é velho. Com isso, para o ensino de Geografia, Pierre Monbeig (1958 p. 41) afirma a seguinte situação:

Conhece-se o bom professor pela sua arte em graduar as dificuldades e em saber adaptar o ensino à idade mental e à qualidade de seus alunos. Não só de faculdade de observação aproveita o ensino de geografia, mas também ao espírito crítico, pois o jovem interrogado sobre uma carta ou uma fotografia é obrigado escolher o essencial e o secundário. Aprende assim a raciocinar com método e exercitar-se nas escolhas dos dados apresentados à sua observação. Ao mesmo tempo sua mente simples habitua-se a reconhecer as relações entre os fatos. Relações muito simples no

começo; como por exemplo, entre certo clima e certa produção vegetal; depois, relações mais complexas que não são exclusivamente de causa e efeito, mas lhe ensinam que nem tudo é um jogo de ações recíprocas.

A partir dessa configuração tem-se uma junção – Geografia e a educação, as quais se comunicam nesta proposta de trabalho. Duas ferramentas que transformam o sujeito enquanto um ser sociohistórico. Com isso, enquanto disciplina a Geografia deve assumir um papel didático consistente para o entendimento da realidade dos sujeitos que compõe aquele espaço em ação. Uma didática que rompa com a pedagogia tradicional, introduzindo meios que se articulem entre a realidade do conteúdo e a realidade dos sujeitos. E tudo isso, primeiramente, por meio da formação de conceitos geográficos abrangentes, como cita Cavalcanti (2008, apud Libâneo, 2016a): paisagem, lugar, região, natureza, sociedade e território. Os tratando do ponto de vista do raciocínio e da interpretação.

Desse modo, Azambuja (2010), favorável às ideias de Paulo Freire e Dermeval Saviani, menciona o trabalho com metodologias cooperativas no ensino escolar, as quais objetivam romper com a pedagogia tradicional, possibilitando “[...] práticas de ensino escolar fundamentadas na pedagogia do oprimido e ou na pedagogia histórico-crítica [...]” (p. 172) tendo, assim, a prática social educativa como a forma basilar de qualificação do ensino- aprendizagem. E, ao buscar essa aproximação entre conteúdo-realidade, Azambuja (2010 p.174) ressalta que:

Não se trata de seguir um modelo estático de planejamento pedagógico. A prática de cada escola é singular. O importante é assumir uma forma temática de planejamento sintonizada com a construção social do conhecimento escolar. Os temas precisam se constituir como socialmente significativos para os sujeitos da comunidade escolar, principalmente para os alunos e professores. Precisam assumir a forma de tema/problema para o estudo.

Frente a todos estes aspectos, é possível mencionar o papel da Geografia visto sua articulação entre o sujeito e o espaço de sua reprodução – o espaço geográfico. Daí o professor de Geografia assume uma postura ativa junto a seu público alvo.

Considerando isso, cabe tratar sobre os desafios, os limites e as possibilidades que o professor, em especial, de Geografia encara no decorrer de sua vida docente.

Enquanto professores é possível perceber que tornar os conhecimentos geográficos acessíveis, atraentes e significativos aos alunos, é caracterizar tal conteúdo como adequado ao alunado. Para isso, a reflexão que se constrói não se limita ao domínio do professor sobre a disciplina e a temática trabalhada, mas também em conhecer os percalços que surgem ao longo da docência. Isto é, cabe ao professor conhecer a realidade de cada público e saber produzir

juntamente com estes, conhecimentos que atraíam que sejam acessíveis e que produzam certos significados em sala de aula. Portanto, aquele saber disciplinar-pedagógico- didático produzido na formação profissional do professor de Geografia, percorrendo constantes reflexões e adaptações, deve ser transformado no ato docente em conhecimentos geográficos, para que de fato cumpra a sua função social, compreendendo a realidade.

Mesmo que de importância atual, Pontuschka (2000, p. 147) desde o final do século XX já sensibilizava sobre a importância do trabalho da disciplina geográfica na vida do aluno quando questionou: “Que conteúdos selecionar? Que método utilizar? Que linguagens priorizar? Como sensibilizar os alunos para a importância do conhecimento geográfico para a sua própria vida, em suas múltiplas dimensões?”. E assim, problematiza:

Como encaminhar um trabalho pedagógico na disciplina Geografia que permita ao aluno assumir posições diante dos problemas que enfrenta na família, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participa ou que poderá vir a participar, aumentando o seu nível de consciência sobre as responsabilidades e os direitos sociais, participando efetivamente de uma transformação social? (Pontuschka, 2000, p. 148)

Partindo dessas fundamentações é possível propor caminhos para a problemática do presente trabalho, o qual se fundamenta na relação entre escola-aluno, identificando possíveis fatores que fazem parte desse processo, interferindo, portanto, no significado da escola e na “alegria” discutida por Georges Snyders.

Os alunos necessitam disso. Em sala de aula, a alegria da escola é construída quando o professor conhece a realidade de seu público e, apesar das circunstâncias, torna o conhecimento tão acessível, tão próximo e tão significativo à vida desse educando, que este último se permite abrir espaços para diálogos que até então estavam longe de cogitação, em uma escala tão distante que aparentava fugir da realidade do aluno e, por isso, indiscutível.

A função didática do professor em ensinar o aluno está intrinsecamente relacionada à função de inspirar as pessoas, mas que não deve ser confundida como uma função que soluciona todos os problemas dos alunos, afinal aqui não se referencia a fazeres prontos, pré-definidos. É sobre estimular os sentidos: o de uma audição atenta aos ruídos do espaço geográfico, de um paladar sedento por motivações na vida (e na escola), de um olfato fluído em meio às intempéries da sociedade, de um tato sensível aos objetos que se remodelam no espaço e de uma visão fixa as ações que se processam ao longo do tempo.

Desse modo, ao percorrer mais um ano letivo, o aluno sabe o quão importante e

indispensável foi à participação do professor na vida dele. Este professor não somente alegrou o conhecimento em seu aluno como também fez seus cinco sentidos se atentarem ao espaço geográfico em sua volta, percebendo que as problemáticas socioespaciais existem, mas que o conhecimento sobre essas situações devem prevalecer.

Por isso, ao tratar sobre a didática da geografia escolar ou sobre como entender que deva ser a prática de ensino de geografia na perspectiva de mais envolvimento dos alunos, não cabe mencionar que há uma “receita pronta”, mas dizer que, a Geografia escolar pode ser muito significativa, simplesmente com o uso de um giz e um quadro. Basta que o professor, principalmente, em seu papel como docente antes de entrar na sala de aula, se instrumentalize de conhecimentos e técnicas que, em sala de aula, atraíam seus alunos.

Há que se retratar que a escola possui um papel fundamental na vida dos alunos, os quais, ao longo dos anos de vivência com este ambiente transformam sua visão de mundo. Quanto a isso, a prática pedagógica na educação básica, em especial do professor de Geografia, deve proporcionar ao alunado um despertar participativo focando na importância do estudo de temáticas recortadas da realidade e com análises multi-escalares, ou seja, contemplando interpretações do local ao global, ou seja, abordando a realidade do aluno no contexto do conteúdo explicado em sala de aula. Sendo assim, verificando o quanto os alunos despertam curiosidades e participações durante as aulas, uma vez que estas devem permitir a comunicabilidade entre professor, conhecimento e o aluno, uma amálgama que não deve ser desassociada na medida em que define o sentido da educação escolar em meio ao mundo atual.

O conhecimento aqui referido é o geográfico, ou seja, de aprendizagem da interpretação das relações dos sujeitos sociais e o lugar onde vivem. Quer dizer, oportunizar aos alunos a compreensão da realidade e com isso, da sua inserção no espaço geográfico compreendido e constituído enquanto “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]” (Santos, 1994, p. 90). Compreender ainda, que este espaço construído e em constante reconstrução torna-se objeto de estudo da Geografia e da Geografia Escolar.

No período atual dessa realidade socioespacial efetivada cada vez mais pela ciência, tecnologia e informação, os lugares do acontecer unitário, desigual, mas solidário se aproximam, tendo cada lugar como determinante do quando e como esse “acontecer” se efetiva. Isso se dá pelo fato de que a conceituação de lugar nos leva a refletir sobre as peculiaridades da população, os sentimentos, o pertencimento, as ocasiões.

Esse lugar expressa sentidos por meio de suas funcionalidades socioespaciais, as quais atribuem significados a seus objetos. Assim, conjectura-se que a Geografia corresponde a uma

ciência histórica e atual que se instrumenta de leituras e releituras de espaços, tempos e sujeitos tendo como ponto inicial suas categorias de análise. Por isso, Santos (2008, p. 63) esclarece que a Geografia precisa se preocupar com o processo de formação das relações e dos objetos os quais são conectados dialeticamente através das ações humanas e onde cada singularidade se torna interdependente.

De todo modo, o que se tem por excelência é que Geografia Escolar não é decorativa como muitos pensam. Pelo contrário, deve-se trabalhar o conhecimento, onde se fundamentem na necessidade de expor a utilidade da ciência geográfica no mundo, principalmente no que diz respeito ao lugar do homem no espaço geográfico e como este homem pode construir caminhos diferentes em busca do seu próprio sentido de existência no mundo, ou seja, sempre relacionando a realidade do conteúdo explicado com a realidade do sujeito que a estuda.

Sendo, talvez, a Geografia Escolar mais real, próxima e acessível aos alunos que a estudam, seus estereótipos seriam anulados e substituídos por razões que os aproximem não somente do conteúdo, mas da escola e das conexões que movem sua realidade.

Percorrido até aqui, percebe-se que tornar o conhecimento acessível e democrático em sala de aula desperta olhares jamais vistos na escola. E sobre isso, Mello apud Libâneo (1985, p. 16) ao discutir sobre a democratização da escola pública, retrata que “A escola é mediadora entre a condição concreta de vida da clientela que nela ingressa e a destinação social desta clientela”. No entanto, com base em Libâneo (2016b, p. 47) questiona-se essa mediação na atualidade, uma vez que “A escola se reduz a atender conteúdos "mínimos" de aprendizagem numa escola simplificada, aligeirada, atrelada a demandas imediatas de preparação da força de trabalho”. E com isso, reduz-se a importância de didatizar um conhecimento na medida em que o processo de ensino, por meio da funcionalidade do professor, é desvalorizado, acarretando consequências em “[...] tudo o que diga respeito à pedagogia, à didática, ao ensino”. (Libâneo, 2016b, p. 48).

E sobre isso, veremos, especificamente, a seguir, algumas razões que dificultam ou mesmo facilitam essa mediação entre escola e o aluno, provocando razões de afastamento ou aproximação comunicativa (não, necessariamente físico), e mesmo, do aluno e o ensino de Geografia em específico.

## SEÇÃO V - OS ALUNOS E A ESCOLA – RAZÕES DE AFASTAMENTO COMUNICATIVO

Em vista de todos os aspectos até aqui mencionados, faz-se necessário analisar a realidade socioespacial da comunidade escolar e em especial dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha. Essa análise dará elementos para interpretar o quanto a escola encontra-se, em muitas situações, desassociada da realidade dos alunos e como a Geografia pode exercer um papel fundamental na interpretação entre estes dois objetos que são produtos e produtores do espaço geográfico.

Com isso, analisaremos as razões principais que interferem nas relações comunicativas entre aluno-escola, sendo estas situações destacadas pelas 26 pessoas entrevistadas na data entre 10 de novembro a 13 de dezembro de 2024. Na exposição dos resultados, as identidades dos entrevistados foram preservadas, sendo eles identificados neste trabalho por meio de nomes fictícios, divididos em cinco grupos como expressa a tabela a seguir (tabela 1):

**Tabela 1 - Organização dos dados.**

Nomes fictícios
Professores > Prof1, Prof2, Prof3 e Prof4.
Equipe pedagógica > PG1, PG2 e PG3.
Direção > D.
Alunos > A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11 e A12.
Pais/Responsáveis > PR1, PR2, PR3 e PR4.

Fonte: Santos, Gabriel Benedito Oliveira de Sá (2024).

A análise a seguir apoia-se numa proposta de classificação desenvolvida por Bardin (1977) – Análise do Conteúdo -, sendo esta, organizada da seguinte forma:

Os 26 entrevistados relataram suas percepções considerando a definição das quatro categorias a seguir:

- 1º Percepções das pessoas sobre Marialva enquanto um lugar;
- 2º A relação entre alunos-família-escola no Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha
- 3º A educação escolar e o ensino de Geografia como significado na vida dos discentes;
- 4º As perspectivas comunicativas com a escola.

Todas estas categorias estando em comunhão com a ação comunicativa a qual, envolve a interação entre todos os participantes, a fim de alcançar um objetivo, um entendimento mútuo, ou seja, uma validade por meio da linguagem coletiva. Sendo assim, estas categorizações serão descritas, embora separadamente, mas na construção de um entendimento coletivo e integrado e

transversal perante cada percepção, conforme exposição a seguir:

### 5.1. PERCEPÇÕES DAS PESSOAS SOBRE MARIALVA ENQUANTO UM LUGAR

Ao estudar o lugar, recorda-se que o mesmo só o é quando, possibilitado pelo mundo, ocasiona o acontecer. Isto é, segundo as palavras de Santos (2008), sabendo que o mundo oferece as oportunidades, o lugar oferece os meios pelos quais essas oportunidades possam se introduzir.

De tal modo, ao oportunizar o acontecer o sujeito constrói, de maneira sensorial, seu lugar na sociedade. Isso quer dizer que ao se sentir pertencendo àquele lugar, o sujeito sente que sua realidade não está desconexa dos acontecimentos em escalas globais, pois suas particularidades (o interno) se constroem pelas ofertas das universalidades (do externo). Disso, o conhecimento adquirido do e no lugar desperta o interesse do sujeito pelo espaço geográfico. Assim, Castellar (2009, p. 44) dirá que:

O conhecimento das potencialidades do Lugar e das capacidades de ação das pessoas que ali vivem são condições fundamentais para o exercício de fazer do Lugar aquilo que interesse a quem nele vive. Essas potencialidades são marcas decorrentes da estrutura física do Lugar, do contexto em que se insere, das formas de organização das pessoas para realizarem seu acesso aos bens e da forma com que se constitui o tratamento da diferença e da justiça social.

Por isso que, quando se fala na construção do lugar, aqui se faz referência ao processo de pertencimento das pessoas ao espaço que se fixa. E disso, em prática, qual a relação de pertencimento que as pessoas possuem ao residir no município de Marialva?

Detalhando essa relação, a tabela a seguir expõe casos em que alguns pais e/ou responsáveis legais (PR) e alunos (A) relatam suas construções de vida até o presente momento, e em resposta a isso, em termos de comparação entre os diferentes sujeitos sociohistóricos, assim disseram:

**Quadro 2 - A história com o município de Marialva – O que os pais dizem? E o que os alunos dizem?**

Pais e/ ou responsáveis	Alunos
<p>- <b>PR1:</b> Faz 44 anos que moro aqui. A princípio, quando mudei pra cá eu não me acostumava, porque eu sempre morei em Maringá. Ai eu vim pra cá, me casei, porque meu esposo era daqui. Agora, gosto mais daqui do que de lá. A vida aqui é mais tranquila.</p>	<p>- <b>A1:</b> Comparada a minha vida antiga (porque eu morava em São Paulo, na cidade Presidente Prudente e lá era muito barulhento) aqui é melhor, mais tranquilo. E minha relação com minha família é boa, mesmo meu pai não morando comigo, tenho uma boa relação com ele. Com meus amigos também é boa, porque não sou de brigar e costumo fazer amizades rápidas. E assim, os lugares que frequento é basicamente escola, igreja e uma conveniência. No mais, só isso mesmo. Aqui é um lugar tranquilo pra se viver.</p>
<p>- <b>PR2:</b> Eu sempre morei aqui. Eu gosto de cidade tranquila, pequena. Ultimamente não está sendo tão tranquila, mas morando aqui a vida toda (esse ano fez 48 anos), sinto que aqui é uma cidade boa.</p>	<p>- <b>A2:</b> eu sempre morei aqui, então é normal, mas as vezes acontece de eu sair, passear para os lugares. Aqui é uma cidade tranquila. Eu já ouvi falar de outras cidades, mas cidade grande eu não me acostumo. A minha relação com minha família sempre é muito boa. Com meus amigos também. Agora com os lugares eu gosto muito de sair com os amigos pra sorveteria, com meus pais para o shopping. Mas tudo isso, geralmente, final de semana.</p>
<p>- <b>PR3:</b> Faz 20 anos que moro aqui dentro da cidade de Marialva. E desde que estou aqui, acho uma cidade boa pra se viver. Na verdade, eu sou daqui do município, mas já morei em Santa Catarina durante um ano, mas eu tinha ido pra lá só pra dar aula e retornei para Marialva porque aqui eu havia passado em um concurso.</p>	<p>- <b>A3:</b> Minha vida é boa até! Eu faço bastante coisa diferente desde quando eu me mudei pra cá. Hoje trabalho com minha mãe na reciclagem, e também saio com ela pra passear. Eu morava em Paiçandu e vim pra cá quando tinha sete anos, e hoje tenho 13. E eu vim pra cá por que a família da parte da minha mãe chamou minha mãe pra morar aqui, porque aqui é um pouquinho melhor que Paiçandu. E assim, minha relação com minha família é bacana: moro com meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Com meus amigos, mesmo sendo muito brincalhões e que as vezes irritam, também é bacana. E assim, eu acho que a escola me faz bem, é um lugar relaxável pra eu aprender mais, e a igreja também é um lugar que gosto de ir. A igreja permite que eu viaje pra outras igrejas dela que tem pelo Paraná.</p>
<p>-<b>PR4:</b> Eu moro aqui há 26 anos. Antes eu morava em Santo André, em São Paulo, mas você sabe! Morar em cidade grande é complicado. Muita gente, muito barulho... E morar aqui em Marialva, que é uma cidade pequena, é tranquilo. É um dos melhores lugares pra educar o filho.</p>	<p>- <b>A4:</b> Eu era de Sarandi e morava com meus pais, ai meu pai separou e fui morar com minha mãe em Maringá, mas só que ela se tornou usuária de drogas e foi presa e passei a morar com meu pai em Sarandi. Ai depois de Sarandi a gente veio pra cá, mas só que meu pai foi preso também, mas logo foi solto. Então, eu moro com meu pai, minha tia, meu tio e minha madrasta. E assim, aqui é um lugar bem tranquilo, bem sossegado, que tem uma cultura diferente. Só fico triste porque quando meu pai foi preso, eu sofri muito bullying, porque enquanto ele estava preso eu fiquei no Lar das Crianças. Mas hoje eu não sofro mais com isso, porque já me acostumei a ficar longe da minha mãe e também vivo com meu pai. Hoje eu saio bem pouco com meus amigos, e ai quando eu saio é mais com meu pai, e é geralmente, por aqui em Marialva mesmo.</p>

<p>- <b>PR5:</b> Moro aqui há dois anos, porque, assim, eu morava em São Pedro do Ivaí, e vim pra cá porque aqui eu já tinha minha filha. E, nossa, aqui é muito bom. Tudo aqui é muito perto, tem mais opções, e tudo mais. Aqui é mais gostoso, tem opção pra tudo.</p>	<p>- <b>A5:</b> Sempre que me entendo por gente sempre vivi em Marialva, e vivo bem porque meus pais tem um emprego muito bom e isso me faz viver bem. E agora com a Flávia, que era a então diretora do Saldanha, como futura prefeita do Município, acho que Marialva vai melhorar muito, assim como ela melhorou muito minha vida ao me trazer para este Colégio. Então eu considero um lugar muito bom pra se viver, e mais adiante com a ex-diretora daqui que foi uma excelente profissional, tenho certeza que Marialva irá melhorar muito. E o Saldanha é um exemplo disso, né?!</p>
---	--

Fonte: Coletado pelo autor com base nas entrevistas individuais (2024).

Com a organização desses resultados brutos, tem-se então a inferência e a possibilidade de interpretação mais específica dos dados coletados. A partir dessas informações existentes torna-se interessante notar que, ao comparar os relatos entre os pais/responsáveis e os seus respectivos menores sob tutela, a população deve ser vista como um conjunto de sujeitos socialmente históricos e, em alguns casos, os contrastes são evidenciados. As construções sociais que, tanto os pais e/ou responsáveis legais, quanto alguns alunos do Colégio Saldanha Rocha presenciaram se contrastam ao ponto de se perceber que não somente o Colégio, mas o município de Marialva se tornou palco de uma diversidade populacional imensa. É possível destacar situações diferenciadas como mencionadas na tabela acima, em que há pessoas originárias do próprio município e de outras localidades distantes, como também, pessoas com condições econômicas extremamente baixas até pessoas com poder aquisitivo alto.

Ainda, analisando a tabela anterior, não seria também exagerado dizer, que há pessoas que encontraram no município de Marialva uma tranquilidade que até então não haviam encontrado, e até mesmo, situações de pessoas, que por algum motivo desfavorável, ocasionaram traumas quase que irreparáveis para si e para a própria família, sendo que ao se estabelecer em Marialva, encontrou meios de se desvencilhar das problemáticas anteriormente ocasionadas. Há relatos como de um dos pais/responsáveis (PR1), onde, anterior a sua chegada à Marialva, descreve sua situação:

Embora, quando a gente era criança, e era pobre, a gente era morador de rua lá em Maringá, minha mãe sempre me deu uma educação boa. A gente veio de uma fazenda, e meu pai era capanga, e quando ele foi ameaçado pelo fazendeiro nós saímos fugidos de lá. Ai fomos pra Maringá, e ficamos na rodoviária. Minha mãe sofreu muito, porque era cinco filhos, não tinha o que comer. E o resultado era que

tinha um professor da UEM, que tinha farmácia, e meu pai pediu emprego lá e levou minha mãe pra trabalhar no rancho dele. E acabou que a gente morou lá no ranchinho também. Apesar disso tivemos uma educação de família boa. Mas hoje, morando em Marialva, posso dizer que minha vida deu um salto: consegui moradia, emprego, fiz cursos pra me capacitar, e hoje vivo bem.

Como se não fosse o bastante, situações como essas são comuns atualmente, porém, muitas delas acabam não tendo o mesmo desfecho como do relato anterior (PR1). As vezes, situações iniciais como essa acabam refletindo condições que fragilizam o modo de vida das pessoas – seus comportamentos e suas escolhas. Por isso retomamos os escritos de Santos (2008) ao demonstrar que o lugar é a oportunidade do evento. É nele que o evento deforma e é deformado. E assim como o evento é imprevisível, lembra-se de Goergen (2010) ao mencionar a imprevisibilidade da educação, afinal, vivemos em um mundo de transformações cujo seu rumo é indeciso e assim a educação também o é.

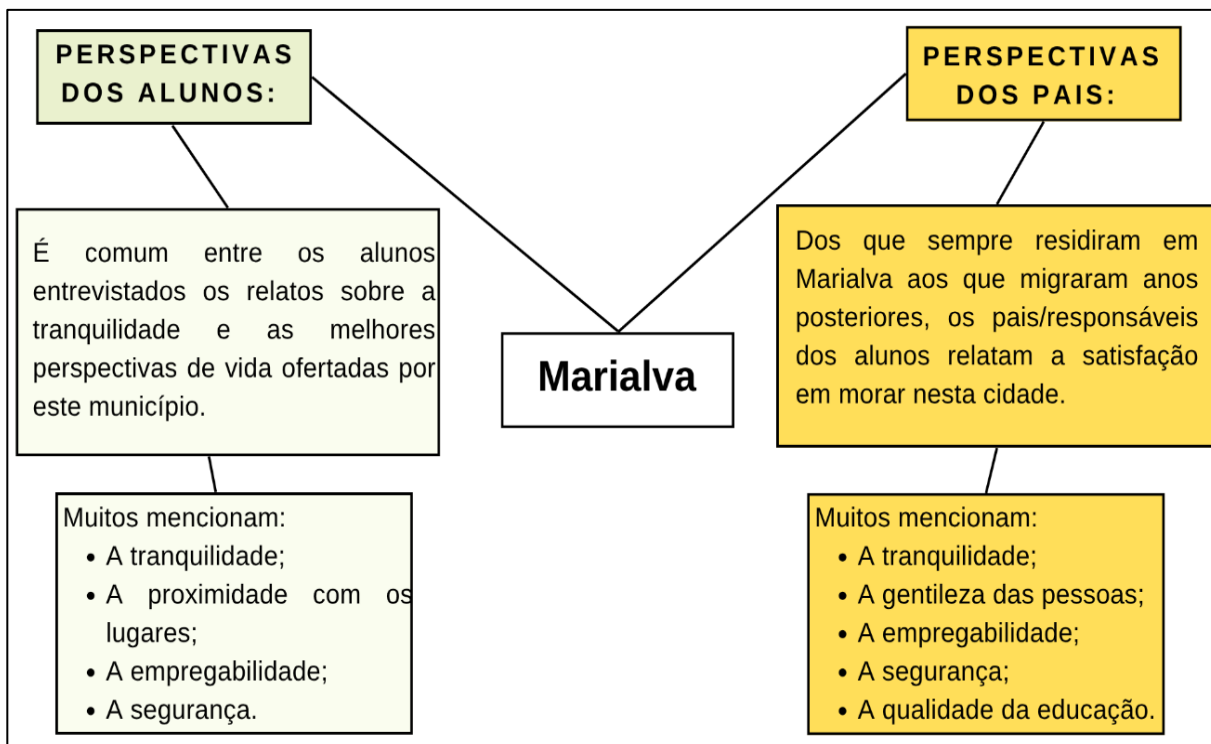
Ademais, em contrapartida, um caso que também chamou atenção foi de uma das alunas entrevistadas. Nomeada de “A5”, a mesma relata situações delicadas que passou ao longo de sua vida em Marialva, todas elas relacionadas a questões de relacionamentos com colegas, bullying, preconceito e questões psicológicas que acabaram em problemas cardiológicos. Interpretando essa situação torna-se complexo entender a atualidade de pessoas como esta, uma vez que em termo de condições financeiras e familiares, esta pessoa possuía um vínculo positivo por Morar em Marialva. Porém, outras ocasiões promoveram situações negativas, afetando seu relacionamento social e seu laço de pertencimento com o município de Marialva.

Com esses relatos, é possível, agora, organizar em um mapa conceitual as qualificações que alguns entrevistados atribuíram ao município de Marialva.

É válido destacar que, as figuras a seguir não se tratam de trabalhos realizados a partir de recursos estatísticos ou softwares que buscam dados quantitativos, mas de uma seleção e interpretação dos resultados de entrevistas, todas essas se baseando na Análise do Conteúdo de Bardin (1977). Sendo eles elencados em mapas mentais, infográficos, conjuntos de frases ou fluxogramas. Desse modo, ressaltando a abordagem qualitativa desta pesquisa.

Feito isso, primeiramente, é possível elencar as principais percepções realizadas pelos alunos e pelos pais/responsáveis de alguns deles, do Colégio Saldanha Rocha por meio do seguinte mapa mental:

**Figura 9 – Mapa mental das percepções sobre o município de Marialva – PR, 2024.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

Nesse cenário de percepções individuais sobre o lugar, é possível notar que, quando Santos (2008, p. 147) menciona que “o mundo oferece as possibilidades, e o lugar oferece as ocasiões”, de fato, o lugar “Marialva”, ofereceu às pessoas que estão pelo mundo, ocasiões oportunas para que as possibilidades fossem mais próximas de sua realidade, principalmente em termos financeiros.

Não é exagero dizer que as pessoas que em Marialva nasceram ou que chegaram anos posteriores, encontraram neste município ocasiões favoráveis para seu desenvolvimento. Nas entrevistas realizadas com alguns pais/responsáveis e com alguns alunos, nota-se que muitas pessoas encontraram ocasiões de moradias, de trabalho, de renda, de segurança e de estudos, os quais possibilitaram maiores e melhores qualidades de vida. A permanência das pessoas neste lugar se assegura pelas expectativas que constroem, principalmente quanto a fatores econômicos e de vivências. Chega-se, portanto, ao primeiro aspecto constitutivo do fenômeno ‘comunicação’ entre aluno-escola: a construção do lugar. Um recorte de um todo que compõe as razões de afastamento ou de aproximação comunicativa entre os alunos e a escola.

Marialva vista por alguns olhares – uma cidade tranquila, pequena e que há, seja nela ou próximo dela, de tudo um pouco. Uma cidade que apesar de um número populacional pouco

expressivo, desde sua criação, abarca um contingente diverso, que almeja trabalho, tranquilidade e expectativa de vida.

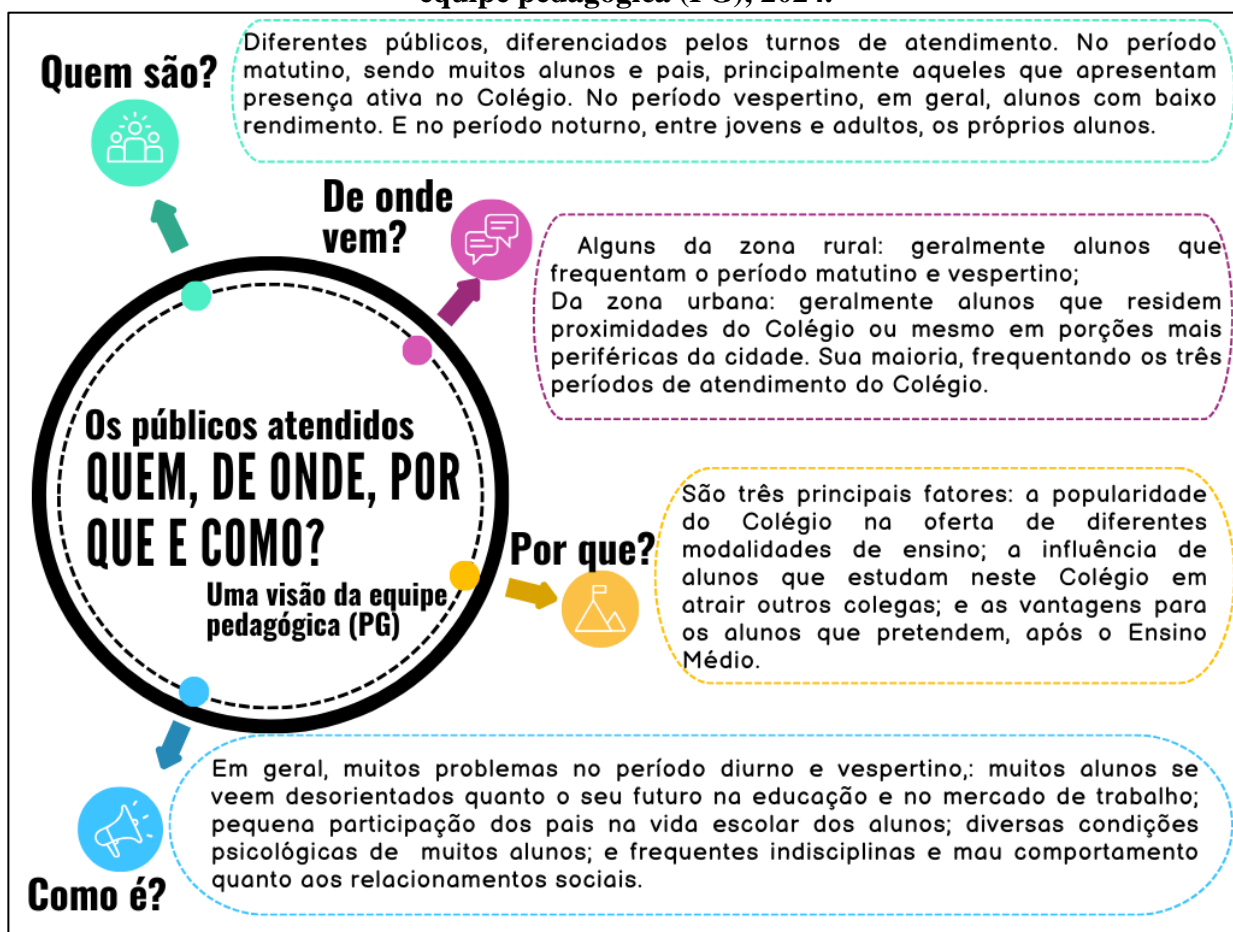
Outras questões que complementam os assuntos discutidos nesta categorização e abrem espaços para a categorização a seguir foi o diálogo sobre a educação familiar e escolar, abordando o papel da escola em gerações anteriores e atuais e o papel da família nesta mesma cronologia. O que os pais dizem? O que os alunos dizem? E o que a escola diz? Veremos a seguir como funciona essa relação.

## 5.2. A RELAÇÃO ENTRE ALUNOS-FAMÍLIA-ESCOLA NO COLÉGIO JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA

Como havíamos mencionado nas seções anteriores, desde o ano de 1991, quando foi criado o atual Colégio Saldanha Rocha, Marialva já havia construído uma configuração social que reflete até os dias atuais. Foi desse modo que a pesquisa empírica nessa instituição de ensino se fez necessária. Afinal, o município de Marialva refletiu no Colégio Saldanha Rocha um lugar que recebe uma gama de origens, de culturas e de marcas que se expressam pela presença de diferentes realidades as quais, revelam as dificuldades e/ou o não interesse de aprendizagem de muitos alunos e os desdobramentos encontrados pelo professor para o ensino inclusivo.

Além do mais, é importante questionar quais públicos este Colégio vem atendendo, quais motivos os levaram a se direcionar a este Colégio e quais assuntos são mais debatidos ou questionados sobre a interação entre os três sujeitos: escola, alunos e responsáveis. Isso é o que o infográfico abaixo (figura 10) demonstra, resumidamente:

**Figura 10 – Infográfico dos grupos atendidos pelo Colégio Saldanha Rocha – uma visão da equipe pedagógica (PG), 2024.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

O infográfico acima expõe as respostas das quatro perguntas sobre a relação dos alunos com a escola. Com isso, há que se responder:

Questionados sobre ‘Quem?’ são os públicos atendidos, a equipe pedagógica relata que, de acordo com o turno de atendimento, o número de atendimento e as notificações realizadas são alterados. À noite, por exemplo, como relata a pedagoga (PG1), os públicos atendidos são de pessoas adultas, em geral, indivíduos que já não necessitam da presença obrigatória dos pais. Enquanto isso, no período matutino é frequente o número de pais e alunos que necessitam de atendimento pedagógico, porém, como destaca a pedagoga (PG2), “[...] são aqueles que apresentam um bom rendimento”. E por essa fala, ela justifica:

Os que mais participam são os pais dos alunos que já são considerados, vamos dizer assim, com um bom comportamento, mas que de certa forma não é ruim que os pais desse tipo de aluno venha a escola, porque é preciso que todos venham, inclusive para saber dos elogios aos seus filhos. Mas eu vejo que se os pais, pelo menos a maioria buscassem sempre a escola nesse sentido, a parte pedagógica andaria um pouco melhor. Infelizmente

não ocorre o esperado.

Visto essa situação, há que se notar que os pais/responsáveis que mais precisam de atendimento são os que menos procuram o Colégio, como bem esclarecido pela pedagoga do turno vespertino (PG3): “No período da tarde, por exemplo, é imenso o número de alunos atendidos, mas são aqueles que os pais não se preocupam”. Por outro lado, também questionada sobre essa problemática da participação dos pais/responsáveis, a pedagoga do noturno (PG1) explica:

Os que mais participam são os pais dos alunos que já são considerados, vamos dizer assim, com um bom comportamento, mas que de certa forma não é ruim que os pais desse tipo de aluno venham à escola, porque é preciso que todos venham, inclusive para saber dos elogios aos seus filhos.

E, ela ainda complementa: “Fazemos bastante atendimento de alunos, principalmente que relatam bastante problema. Os pais até vem, mas são de alunos em que os pais são mais responsáveis ou que encontram um pequeno espaço de tempo entre o trabalho e as obrigações de casa”.

Até o momento observa-se uma linha ténue entre a escola e a falta de tempo (ou comprometimento) dos pais/responsáveis. Em outras palavras, um espaço marcado pelo o que a globalização rigorosamente cobra – o seu valor quantitativo. Assim como esse fenômeno global (exterior) aproximou-se das escalas locais (interior) por meio de suas oportunidades e seu imediatismo, esse mesmo fenômeno se opôs ao que para a escola era fundamental – seu valor qualitativo, sobrepondo suas ocasiões de ensino e seu papel de relação permanente com a comunidade.

Desse momento em diante, observa-se um fenômeno de afastamento da escola à sua funcionalidade. As oportunidades ofertadas pelo mundo foram tão quantificadas ao ponto de desconsiderar as diferentes realidades escolares. Além disso, esse exterior é tão marcante ao ponto de refletir na construção do lugar do aluno na escola, onde a ausência de muitos pais/responsáveis na vida escolar dos alunos justifica a ausência de comunicação entre estes alunos com a escola.

Quando perguntados sobre de ‘Onde?’ vem o público atendido, a equipe pedagógica demonstra que boa parte desse público é originada das proximidades do Colégio. Especificamente, no turno da noite, muitos alunos são da área urbana. No período matutino, há uma diversidade geográfica de alunos - o sentido de georreferenciamento do Colégio quanto ao atendimento dos alunos não se torna tão importante, uma vez que é nítido o número de alunos que residem próximo a outros Colégios Estaduais, mas que preferem estudar no Colégio Saldanha Rocha, como assim

mencionou a atual diretora do presente Colégio. Por exemplo, a PG2 explica: “De manhã são alunos do centro, de outros bairros e da zona rural. Alunos que os pais são empresários, que possuem um poder aquisitivo razoável, mas também famílias que sobrevivem de ajudas de igrejas, governo, assistência social [...]”.

Por outro lado, quanto ao período vespertino, como destaca a PG3, “[...] a maioria dos alunos vem de áreas periféricas pobres, onde possui pouca assistência do poder público.” E por isso, a equipe pedagógica relata o intenso e difícil trabalho de organizar os alunos nesse período, pois muitos deles apresentam condições complexas para o bom funcionamento do Colégio. Por assim dizer, são condições como problemas psicológicos, familiares e de conflitos entre os próprios alunos.

Ao perguntar o ‘Por que?’ dos alunos virem ao Colégio Saldanha, a equipe pedagógica ressalta o fator “localização”, isto é, da proximidade do Colégio com as residências dos responsáveis pelos alunos. Como bem tratado há seções anteriores, o Colégio foi construído em uma área estratégica de expansão da área urbana, em especial, de uma classe econômica mais inferior. Isso, portanto, contribuiu para a atração de boa parte do público.

Entretanto, outros fatores de atração, como relatados por alguns pais, alunos, direção e a equipe pedagógica, se referem ao tratamento humanizado e a oferta de um ensino profissionalizante, assim como relata uma das alunas (A5) entrevistadas: “Estou aqui porque foi o único Colégio que mais me adaptei, principalmente por conta da diretora Flávia que me apoiou muito. Se ela não fosse diretora daqui eu não ficaria aqui, porque ela teve um senso muito humano comigo.”. Complementar a isso, uma das pedagogas (PG1) explica um dos motivos dos alunos frequentarem o Colégio, no caso do período noturno: “Como a noite é ofertado o ensino profissionalizante, eles vem com o objetivo de trabalhar e de conseguir uma renda a mais.”.

Assim, ao tratar sobre o quesito de Ensino Profissionalizante, sabe-se que este Colégio oferta três cursos, sendo eles, o curso técnico em administração, o curso técnico em farmácia e o curso técnico subsequente em segurança do trabalho, onde uma quantidade significativa do público atendido almeja um trabalho imediato ao concluir o Ensino Médio e, por isso, optam por um Colégio que ofereça um Ensino Médio com essas modalidades, como é o caso do Colégio Saldanha Rocha. E isso é o que relata outra aluna (A6) entrevistada: “Sou muito focada nos estudos, justamente pra ter uma carreira estudantil e profissional através do ensino técnico que tenho aqui no Saldanha, pra realmente ser alguém na vida”.

Com isso, constroem-se três principais fatores de aproximação (ao menos física) entre o aluno e a escola: a proximidade do Colégio com a residência dos alunos; o tratamento

humanizado; e a oferta de um ensino profissionalizante. Sendo estes fatores promotores de fatores secundários, como é o caso da interferência atrativa que os alunos promovem a seus colegas que não estudam neste Colégio, fazendo desses, novos matriculados.

Por fim, ao questionar sobre ‘Como?’ são os públicos atendidos, o conceito de ‘Lugar’ assume uma posição de destaque ao se referir que é nítida a presença de diferentes ocasiões ou meios para que o atendimento ao público funcione neste espaço, sendo esses espaços, lugares criados e recriados temporariamente.

Quanto a isso, o Colégio Saldanha Rocha, atendendo aos três turnos, percorre diferentes relações de poder de acordo com o turno vigente. Assim, convém mencionar o relato destaque de cada pedagoga dos respectivos turnos. Pois assim, elas mencionam:

- PG1: “À noite, com as turmas reduzidas e um público mais adulto, é mais tranquilo. Os alunos demonstram apreço pelo Colégio. Parece outro mundo.”.

- PG2: “No período da manhã são muitos alunos perdidos. Principalmente os do Ensino Médio. Mas também presenciamos muitas mudanças boas que o Colégio fez na vida de muitos.”.

- PG3: “A tarde é complicado. Muitas brigas, casos de problemas psicológicos e falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos. O pior é que os problemas ficam apenas para a escola.”.

Com isso, baseando-se nos relatos gerais das pedagogas, se no turno da manhã (Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino Profissionalizante) os alunos apresentam um comportamento que convém com as regras da escola e, além disso, sendo mais participativos, interativos e ao mesmo tempo, indecisos quanto o que devam tomar para se desenvolver enquanto ser humano, no turno da tarde o cenário, isto é, as relações de poder se alteram. É no turno vespertino que os alunos (todos do Ensino Fundamental), em sua maioria, longe da atenção de seus responsáveis, originados de áreas periféricas pobres e vítimas do descaso político social, enfrentam problemáticas psicológicas e de convívios sociais produzidos externamente e refletidos na escola.

No turno da noite o cenário se altera novamente. Agora, um novo lugar, temporariamente construído, é marcado por um público adulto, que almejam por condições de vida imediata favorecida por uma educação profissionalizante (apenas o Ensino Técnico Subsequente). E sendo indivíduos, em geral, de idade mais avançada, muitos deles com famílias constituídas, fazem do Colégio Saldanha Rocha um espaço onde as relações de poder são construídas por comportamentos que almejam um futuro mais próximo e de certa responsabilidade.

Portanto, por meio de três principais conceitos (Espaço Geográfico, Lugar e Território) são

expressos os caminhos que direcionam o público atendido – desde alunos aos pais/responsáveis. É através do perfil educacional ofertado pelo Colégio que os alunos constroem neste lugar o seu sentimento de pertencimento. Nesse cenário, reafirmando o sentido do conceito de ‘lugar’, a escola oferece as oportunidades, e por meio do público atendido, as ocasiões para a realização da formação desejada e assim o preparo para a vida. Isto é, a resposta para a real funcionalidade do ensino ofertado é ocasionada quando questionada pelos interrogativos quem, como, onde e porque se fazem presentes e permanecem incluídos neste Colégio.

Complementar a isso, o conjunto de frases a seguir (figura 11) expressam as percepções gerais que a equipe pedagógica, os pais/responsáveis, a direção e os professores têm sobre o Colégio Saldanha Rocha, que sendo um lugar, é um espaço sujeito à instabilidade, mutabilidade e influenciável nos fluxos e fixos do público atendido.

**Figura 11 – Conjunto de frases sobre a relação Família-Aluno-Escola no Colégio Saldanha Rocha, 2024.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

Vale ressaltar que a figura acima não foi construída com finalidade estatística, mas interpretando e inferindo os relatos dos entrevistados, conforme metodologia de Bardin (1977). Por isso, foram destacadas as frases que mais resumiam cada relato. Por isso, com base no conjunto de frases acima, destacando as principais frases mencionadas pela equipe pedagógica, pais/responsáveis, direção e professores, é possível ditar que, assim como os alunos, todos os indivíduos que fazem parte da comunidade escolar (seja professores, direção, equipe pedagógica...) estão sujeitos aos domínios das emoções (até porque são seres humanos). No caso dos alunos, por exemplo, é nítido o quanto o apoio da família é imprescindível, principalmente hoje. Afinal, como demonstrou a figura anterior, frases como ‘A família é a base’, ‘O problema está em casa’ e ‘Não participo da vida escolar’, foram amplamente discutidas ao longo das entrevistas individuais com os diferentes públicos. Sobre isso, menciona-se uma citação de uma das professoras do Colégio (Prof4) que ao parafrasear palavras da ex-diretora do Colégio Saldanha, diz: “Lembro-me de uma frase da nossa querida ex-diretora, Flávia Cheroni, que disse: “Nessa relação aluno-professor, nunca se esqueça: você é o adulto.” E realmente, mesmo eu tendo as minhas emoções e problemas, eu sou adulta ali.” Complementar a isso outra professora (Prof2) explana:

A família é a base. A criança que não tem seus anseios básicos supridos por um pai ou mãe, não é o professor (que está com mais 30 alunos) que vai conseguir se dividir. Em muitas vezes eu passo o ano inteiro e nem sei o nome do aluno, e ele está lá com as particularidades dele, nem sei que problema ele tem de saúde mental ou física e também não sei se o problema está em casa ou na rua, porque mesmo a família sendo boa, às vezes ela não consegue suprir as necessidades do seu filho e isso vai refletir na escola. Tem uns autores, por exemplo, que falam que o aluno é uma folha em branco e chega a certa idade que ele vai escolher um dos perfis que moldou ele para ser aceito. Ele reproduz esse comportamento, principalmente enquanto adolescente, até chegar à fase adulta e repensar.

Com isso, está aqui outro aspecto pertencente à relação comunicativa entre os alunos e a escola. Um fenômeno ainda a ser entendido, mas presente em diferentes contextos: a desestruturação familiar. Sendo este fenômeno evidenciado pela falta de acompanhamento por parte dos pais/responsáveis com os alunos.

Não menos importante, entre os relatos que ocorreram, um dos responsáveis entrevistados fez uma comparação entre a educação familiar e escolar que recebia e a educação escolar e familiar atual. E assim a entrevistada (PR1) disse:

Naquela época a gente era muito discriminado, porque a gente era pobre, meu pai era preto, e na escola a gente apanhava muito e era separado dos colegas porque ninguém queria sentar com nós. Hoje, os alunos mesmo tendo todos os privilégios têm de tudo, e na realidade eles não têm nada. Porque antes a gente tinha de tudo: tinha carinho de mãe, de pai. E na realidade os pais entregaram pra escola o que eles tinham que fazer em casa.

São com relatos como estes que algumas necessidades são destacadas, por exemplo, a necessidade da escola em ser uma rede, onde os alunos, os professores, a direção, os funcionários em geral, precisam de apoio. É um efeito dominó, onde todos os envolvidos precisam ser ajudados.

Enquanto um ambiente educacional é preciso evidenciar que estes indivíduos não são número, mas sim, seres humanos, e por isso precisam de um olhar educacional, primeiramente familiar, e escolar mais humanizado, que não se limita a estatísticas forjadas por sistemas que querem apenas índices, mas que alcance o verdadeiro significado da educação enquanto promotora do desenvolvimento humano.

Por isso, nessa categoria os aspectos retratados denotam uma realidade relacional, sendo ela construída num espaço marcado historicamente pelo ser humano. Em constante construção e reconstrução o lugar colocado à vista das interações e caminhos dos sujeitos nele pertencentes, os quais, aqui analisados enquanto alunos de um Colégio contribuem para uma interpretação socioespacial do lugar em questão, no caso, o município de Marialva. Desse modo, a categorização a seguir retratará a função da educação escolar e o grau de influência, por exemplo, do ensino de Geografia aos estudantes.

### 5.3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E O ENSINO DE GEOGRAFIA COMO IMPORTANTE NA VIDA DOS DISCENTES

A categorização que abordaremos agora, diz respeito ao papel da educação escolar e o quanto o ensino de Geografia se torna significativo na vida dos discentes, em especial, dos alunos do Colégio Saldanha Rocha.

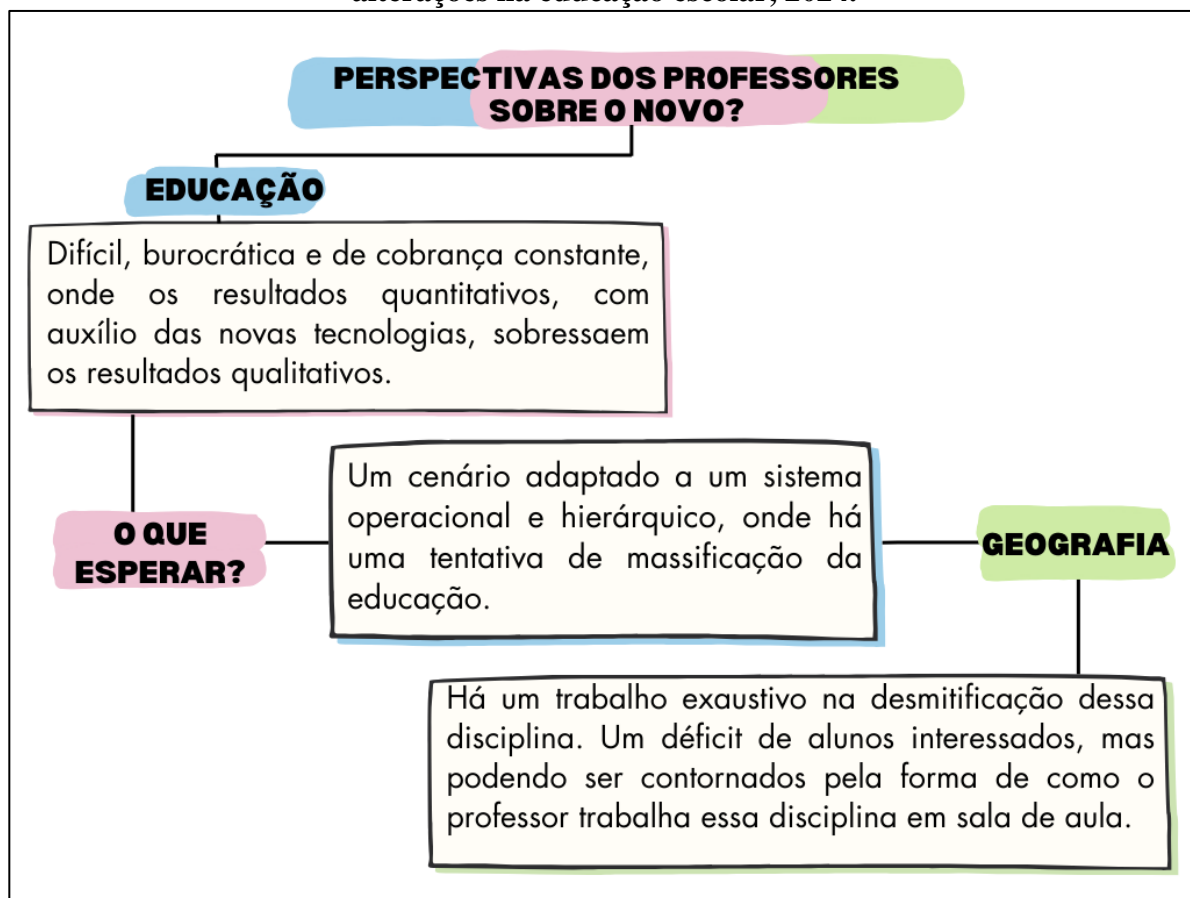
De antemão, retrata-se que, atualmente a educação escolar tem sido alvo de diversos questionamentos, entre eles, quanto ao grau de dissociação da escola com a vida dos educandos. Com as novas exigências que o mundo atual exerce sobre o ser humano, está a preparação para o mercado de trabalho. Afinal, hoje, o ser humano tem se movido por aquilo que é imediato, que produza um resultado, mesmo que ínfimo, mas acelerado. E este é o cerne do mercado de trabalho atual, das diferentes formas de precarização das relações de trabalho, em outras palavras, do sistema desigual e perverso produzido pelo desenvolvimento da sociedade capitalismo.

Não obstante disso, a educação precisa caminhar junto às essas regras, e assim ela a segue. Tem sido comum nas escolas da atualidade, a inserção de cursos técnicos profissionalizantes e, quando não, um sistema dominado pela “plataformização” da educação – fato esse que vem concretizando os aspectos das novas exigências que o mundo atual exerce sobre o ser humano.

Como bem retratado algumas vezes nesse trabalho, sabemos (Freire, 1979) que a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Mas devemos nos atentar que se trata de um ciclo aspiral, no qual, na medida em que as pessoas mudam o mundo consequentemente a educação muda. Prova disso é o caminho que atualmente a educação segue. Assim, temos um ciclo que sempre se atualiza.

Para chegarmos ao nosso ponto de interesse, podemos pontuar que, se, por exemplo, a Pandemia do novo COVID-19 não introduziu um novo ciclo, este fenômeno tem sido a última “gota d’água” que faltava para que o novo ciclo que estava em construção fosse mais evidenciado, e sobre isso falamos das atuais tecnologias e do novo necessário. E desse modo, o sistema educacional escolar não passou ileso. Por isso, veremos a seguir (figura 12), o que esse “novo” causou de estranho, por exemplo, no sistema educacional escolar, a partir da visão dos professores, em especial, de Geografia.

**Figura 12 – Mapa mental sobre as perspectivas dos professores de Geografia quanto às alterações na educação escolar, 2024.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

Sobre isso, há de se mencionar dois fatos ao analisar essas informações coletadas, onde a didática da Geografia se revela nas falas, uma vez que os professores entendem que é a forma de como o conteúdo é trabalhado que é o mais importante. Nesse sentido, uma das professoras entrevistadas realça que “Tudo depende da forma de como o professor aborda o conteúdo. Não adianta usar tecnologia se a gente não consegue ensinar o básico. Não é recurso que faz milagre, é a forma que você trabalha com ele, é claro, dentro das condições possíveis.” (Prof4).

Outro fato analisado são as novas tecnologias, que trouxeram novas oportunidades, mas também, novos e, talvez, insolúveis desafios. Dos professores entrevistados, podemos perceber que sua maioria demonstra descontentamento com o novo modelo de ensino, agora, mais “tecnológico” que o anterior ao período de Pandemia do COVID-19. É comum entre os relatos dos professores, e retratado por um deles (Prof1): “Há um cenário ruim para os professores, por causa, exatamente, dessa questão mais burocrática, sistêmica, de cobrança constante.”.

Dos relatos coletados, há que se mencionarem as queixas perante as constantes cobranças

aos professores quanto à utilização de plataformas digitais, atribuição de questionários online, preenchimento de sistemas de chamada e pontuação de alunos e aplicação de novos e contínuos modelos de avaliações, em muitos casos, reclamados como desconexos da realidade dos alunos ou mesmo atribuindo prioridade a resultados mais quantitativos, como cita um dos professores: “[...] o objetivo não é aprendido, é número, e nós não somos números, somos seres humanos.” (Prof2).

Com isso, estariam as novas tecnologias como ferramentas de educação escolar induzindo a um passado de abordagem tradicional da escola? Serão contraditórias as ditas ‘novas tecnologias’ retrocederem a antigas formas de ensinar, marcadas por padronizações, rigidez de sequenciamentos, foco em conteúdos desconexos da realidade dos alunos etc.

E quanto a isso, qual a visão dos alunos sobre a atual educação escolar e o ensino de Geografia em sua vida? Veremos alguns relatos:

A começar pelo aluno “A1”. Sendo questionado sobre o que a escola tem beneficiado na vida dele e o que ele espera para o presente e para o futuro com isso. Assim, respondeu:

- A1: “O Colégio tá me ajudando, praticamente, muito em focar nos estudos. Aqui as aulas são mais interessantes. E espero que a escola me ajude a poder me formar em Designer de moda.”.

Agora, sobre como tem sido a relação dele com os professores em sala de aula e se ele tem percebido que o ensino prestado pelos professores alcançam seus objetivos, em especial o(a) de Geografia(a). Demonstrando preocupação com a forma de ensino prestado pelos professores em relação a seu futuro, o mesmo aluno (A1) responde:

Tenho uma relação boa com os professores porque faço as atividades. E sim, mesmo que existam aqueles professores que não conseguem ter um ensino que me interesse, muitos professores me ajudam a alcançar meus objetivos lá na frente, porque tem coisas que preciso fazer no meu sonho que os professores me ajudam. Por exemplo, sobre o ensino de geografia, a professora me ensina a aprender sobre o relevo e as culturas de cada região. Então um pouco ela me ajuda na área que quero porque se ela me ensina sobre cultura, me ensina também sobre moda que é o que quero lá na frente. Até porque se a cultura muda, os estilos das pessoas também mudam. (A1).

Assim, as duas perguntas se repetiram para outros 11 alunos, dos quais mencionaremos apenas dois. Sendo, agora, o aluno ‘A3’, que ao ser questionado sobre relação dele com os professores e se ele tem percebido que o ensino recebido alcançam seus objetivos, em especial o(a) de Geografia(a), expõe os incentivos que a escola tem oferecido para despertar seu interesse pelos estudos:

Eu espero que a escola contribua mais comigo no futuro. Então, eu pretendo trabalhar com 14 anos, e a escola vai me ajudar com mais benefícios, como o jovem aprendiz, porque preciso estar estudando. Mas hoje eu acho muito legal que a escola faz gincanas pra gente arrumar a sala, juntar lacres, manter a sala organizada e o comportamento também... Até nota, também, porque quanto mais pontos positivos tivermos mais a gente pode vencer a gincana e ir pra uma chácara. Aí ganhamos doce, lembrancinhas e recebemos, digamos, uma simpatia com a gente. Então é uma forma de nos manter animado aqui. A minha relação com os professores é muito boa. Chego até conversar com eles sobre o que eu quero pra minha vida e eles me ajudam. Inclusive na Geografia eu acho importante, porque tudo o que o professor fala sobre morros, biomas... E eu vou viajar e eu percebo isso na realidade. Por exemplo, ele falou sobre Curitiba, e eu dei uma viajada pra lá, daí eu vi os morros e os empregos de lá. Aí achei interessante.

Por fim, o aluno “A8” entrevistado responde as duas perguntas, porém com um olhar diferente – demonstrando, embora uma perspectiva voltada a importância dos estudos para o ingresso no trabalho e na faculdade, certo descontentamento, principalmente com a forma do ensino prestado:

Tem beneficiado com muitas oportunidades, porque a escola tá sempre divulgando vagas de emprego, projetos, concursos, além de contribuir com meus laços com pessoas. Melhorando minhas habilidades, desafios e resiliência, porque às vezes a gente se frustra com notas baixas, e acaba se sentindo cansado e desanimado, e eu acho que trabalha muito essa questão da resiliência, porque o fato de você ter a escola como uma obrigação, faz de você ser uma pessoa resiliente. E assim, eu espero que isso me torne uma pessoa melhor, a ingressar numa faculdade. Então eu espero que me ajude a crescer na vida. Mas a maioria dos professores não gosto muito. Por exemplo, tem um professor que eu vejo que está sempre perdido, não consegue lidar com os alunos e os alunos não obedecem por conta da postura dele. Então, eu sinto que falta uma preparação em lidar com as situações. E assim, eu tenho 16 matérias, e dessas, umas cinco, mais ou menos, flui bem. A maioria dos conteúdos quando não são passados é raso, e aí são muitas disciplinas pra pouco tempo. A Geografia, especificamente, é uma das poucas disciplinas que é muito boa. É uma aula que você percebe que os alunos não se sentem obrigados. A professora é uma inspiração pra gente, porque você percebe que ela consegue dar bem o conteúdo em sala de aula.

Dito isso, outro aspecto destaque na relação entre os alunos e a escola, além da construção do lugar e da desestruturação familiar, são as desconexões da atual educação escolar com realidade dos alunos. Ou seja, observa-se um avanço didático-pedagógico que ultrapassa o avanço social local, estando os alunos as margens de um sistema educativo “tecnológico” que, por vezes, ocasionam “afastamentos” dos alunos com a escola, e quando “aproximados” dela, sentem-se, por vezes, em vão.

Com esses relatos, a inferência e interpretação que se modela é que, de fato, há muito que se melhorar na educação desde a classe menos favorecida à classe mais favorecida, ou seja, primeiramente, para que se alterem os modelos de ensino é preciso olhar para os sujeitos que estão de frente com a realidade – os professores, a equipe pedagógica, a direção e o público atendido,

para assim, alterar o modelo conforme as necessidades reais. Pois, as queixas que se processam não estão exclusivas às mudanças ocorridas, mas na forma como elas chegam aos lugares. É muito mais uma falta de comunicação entre as diferentes esferas da educação, ocasionando pressões desgastantes, cobranças quantitativas, resultados aparentes e despreocupação com os dados reais.

Isso quer dizer que é preciso uma atenção para com os sujeitos e os lugares que assumiram um papel direto com a realidade da educação, ou seja, atenta-se a realidade relacional ou a funcionalidade real. Por isso, aqui retoma-se, novamente, o conceito de ‘lugar’, pois este oferecerá ocasiões as quais as mudanças que nele sejam impostas ocorram de modo que atendam sua capacidade de funcionamento. Disso lembramos-nos das horizontalidades e verticalidades, ou seja, daquilo que Santos (2021) denomina de interno e o externo, o velho e o novo: por vezes tais verticalidades impostas muito mais desfuncionalize as horizontalidades existentes do que as provoquem a se refuncionalizar.

No entanto, como muitos alunos relataram nas entrevistas, também há que se verificar as qualidades dos sujeitos que estão em contato direto com a construção da função escolar. E disso, sabemos o seguinte: os alunos conhecem seus professores, os professores conhecem sua equipe pedagógica, a equipe pedagógica conhece a direção. O que fazer para essas classes serem ouvidas pelo sistema educacional? Seria viável uma padronização do sistema de ensino? E as peculiaridades de cada escola?

Vejamos o que relata uma das professoras de Geografia do Colégio Saldanha:

- Prof4: “Porque é como se fosse uma massificação, então o governo tem que padronizar. O nosso público aqui é diferente dos demais, então a manutenção dessa personalidade do Colégio é um desafio.”.

Analisando os anseios dos alunos e dos professores, verificou-se que para alcançar o objetivo, que é o aprendizado do aluno, o professor precisa deixar claro o respeito com os alunos, e também, que dentro da sala de aula o professor necessita receber isso em troca. Evidentemente, é preciso que entre os dois haja um momento de escuta, de acolhimento, onde aquele aluno debruçado sobre a carteira, por exemplo, não seja pressionado a fazer o conteúdo, mas é preciso que o professor tenha jeito, empatia e delicadeza para tratar cada aluno, e trazer ótimos resultados.

Quanto ao ensino de Geografia, por exemplo, de acordo com as respostas dos alunos, viu-se o quanto é muito mais valioso quem vai ensinar do que o que vai ensinar. Ou seja, os alunos entrevistados expressaram que em muitas situações o conhecimento é adquirido pela forma de como é ensinado. E isso, não é válido para todos os professores. O ser professor, em especial de Geografia, não é somente assumir a sala de aula e dominar ferramentas, atlas, mapas ou

tecnologias digitais, mas sobre saber para o que ensinar? Para quem ensinar? Por que ensinar? E como ensinar?

Essas são perguntas simples, mas que para olhos dos alunos é inalcançado para muitos professores. E, embora não seja o caso dos professores de Geografia quando perguntados aos alunos, muitos acabam por não satisfazerem aos anseios manifestados pelos alunos. Para os alunos são poucos os professores que, ao menos, revisores de suas práticas didáticas, ouvem os alunos como uma forma de revisão do domínio didático. Entre os alunos entrevistados deu-se muito valor ao profissional docente quando o mesmo envolve os alunos com a forma que trabalha em sala de aula.

Para os alunos existe um dilema - a ação interessa muito mais que o objeto. Ou seja, o professor formado por uma instrumentalização, não somente de fala, mas de escuta, adquire a capacidade de envolver o aluno a determinado conteúdo que, por vezes, seja ‘chato’, ‘difícil’ ou mesmo ‘desnecessário’. É um dilema, pois surge da escolha de duas opções: o conteúdo ou o a forma. É um dilema, pois a escolha de uma opção não satisfaz completamente aquele desejo. É um dilema, pois mesmo desejando uma opção, as duas devem ser trabalhadas concomitantemente. Dito isso, dá-se a esse envolvimento um caráter comunicativo entre o aluno e o professor, onde a fala e a escuta valida a comunicação. Tudo isso fundamentando uma aula ativa (como mencionada inicialmente neste trabalho), em que desenvolva a sua funcionalidade participativa, alternativa e significativa por meio da forma que o aluno é envolvido à aula e, portanto, se comunicando com a escola.

Dos professores de Geografia entrevistados, cada um possuía formações e atuações diferentes – de docentes que possuíam apenas graduação, a docente que havia doutorado ou uma pós-graduação em ramos diferentes ao ensino de Geografia. Percebeu-se que o “bom professor de Geografia” não se limitava a sua formação, mas a forma como trabalhavam com os conteúdos em sala de aula. Sendo assim, veremos algumas frases mencionadas nas entrevistas sobre a percepção dos alunos quanto ao ensino de Geografia (Figura 13):

**Figura 13 - Árvore esquemática com relatos da importância do ensino de Geografia para os alunos.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

A árvore esquemática com relatos da importância do ensino de Geografia para os alunos resultou do tratamento interpretação das entrevistas coletadas, as quais foram inferidas e interpretadas algumas frases, como são descritas a seguir:

- A Geografia é significativa, pois quando trabalhada mesmo que realidade em espaço distante, utiliza uma metodologia de ensino que aproxima o conteúdo da realidade do aluno, desperta o sentido do aprender;

- A Geografia do novo se refere a necessidade dos sujeitos que a estudam estarem em constante investigação das mudanças que surgirão no contexto socioespacial;

- A memória geográfica se constrói com o entendimento de que os estudos realizados em sala de aula não são somente representações do mundo atual. Mas os alunos perceberão, através da memória despertada na escola, também os fenômenos e elementos do processo de formação do espaço geográfico;

- A complexidade da Geografia se refere a sua abrangência enquanto ciência que estuda a relação entre o ser humano e o espaço. Assim, tornando-a complexa, devido seu olhar e análise dos elementos e fenômenos naturais e sociais;

- A satisfação geográfica também existe na medida em que, o conhecimento produzido em sala de aula, desperta uma satisfação, um compreensão do conteúdo, ou aquilo que Snyders (1988) chama de “alegria na escola”;

- A geografia adaptativa é aquela cuja complexidade dos elementos e fenômenos naturais e sociais seja didatizados de modo adaptado e com uma compreensão válida as subjetividades dos alunos;

- A inspiração didático-geográfica está na construção da forma em que o professor toca a mente do aluno. Está muito mais centrada no ‘quem e como está ensinando’ do que no ‘o que está ensinando’, demonstrando o quanto é necessário o contanto e o olhar humano.

Portanto, a figura acima evidencia que para a construção de uma Geografia importante na vida dos alunos, a forma de como ela é abordada desperta no aluno ‘várias Geografias’ por meio da complexidade do mundo, da adaptação do conhecimento, da inspiração didática, da memorização do real, da produção de novas ideias, da significação do objeto estudado e da satisfação do compreendido.

O dilema entre o objeto e a ação, ou seja, entre a disciplina e a forma que ela é trabalhada, é superada quando se compreende que a disciplina, enquanto objeto, apresenta seu conteúdo, e a forma de como ela é trabalhada, enquanto uma ação, as adaptações desse conteúdo. De tudo isso, baseando-se nos relatos de todos os alunos entrevistados, a Geografia serve para compreender o mundo em que vivemos. É uma ciência, que embora pesada e, por vezes, difícil de entender, permite analisar as relações entre o espaço físico e as dinâmicas que o ser humano realiza nele. Na escola, é uma disciplina, para o olhar dos alunos, que ajuda a entender como os diversos fatores e elementos geográficos influenciam e são influenciados pelas sociedades humanas. Porém, na visão dos alunos, para que a Geografia seja compreendida, é preciso que seja adaptativa.

Destaca-se isso, pois muitos alunos sentem afinidade, principalmente pela forma que o(a) professor(a) trabalha as temáticas geográficas em sala de aula. Mesmo que não tenham proximidade com a disciplina em si, onde alguns alunos relatavam dificuldades em aprender lidar com a disciplina de Geografia, muitos relataram o quanto é possível ver a Geografia em qualquer lugar. Durante as entrevistas foi possível perceber que, mesmo a Geografia sendo difícil ou mesmo chata, ela se tornava leve e real a partir do momento que o professor os fazia perceber o

que há de Geografia pelo mundo. Dessa forma, um dos alunos entrevistados (A4) menciona: “Lembro que eu fui viajar e meu pai fez uma pergunta sobre relevo. Na mesma hora consegui lembrar uma aula que tive de Geografia. Nossa, eu fiquei bem feliz quando consegui responder para ele que aquele morro era de uma formação chamada ‘Serra do Mar’.” Com isso, cabe mencionar mais dois relatos paralelos a esse:

Assim, outro aluno (A6) comenta: “Em Geografia minha professora explica de um jeito que, mesmo sabendo que aquela disciplina é pesada, não só eu, mas meus colegas de turma ficam satisfeitos.”. E complementar a isso, outro aluno menciona: “É uma aula que você percebe que os alunos não se sentem obrigados. A professora é uma inspiração pra gente, porque você percebe que ela consegue dar bem o conteúdo em sala de aula.”.

Por isso que ao retratarmos sobre a educação escolar e o ensino de Geografia como importante na vida dos discentes, falamos também sobre a instrumentalização do professor frente às subjetividades dos alunos, ou seja, é sobre a apropriação de ferramentas culturais e científicas por parte do professor, para que este sujeito possa problematizar certa situação em sala de aula de modo que torne o aluno interessado pelo conteúdo e o conteúdo significado ao aluno. Alcançando um patamar de satisfação, de inspiração e de alegria, como mencionados nestes relatos. Em geral, aquela alegria traduzida à fala de Snyders (1988), onde a satisfação está em explorar conhecimentos por meio da forma que o mesmo é trabalhado em sala de aula.

Desse modo retrata-se uma essencialidade em que o professor, segundo Goergen (2010) conhece as particularidades culturais dos alunos e ao mesmo tempo estabeleça diálogos entre estas particularidades. E sobre isso Libâneo (2013) discorre muito bem sobre a contextualização dos conteúdos. Ele nos lembra de tornar a experiência vivida pelos alunos, próxima dos conhecimentos produzidos em sala de aula, de modo a tornar o ensino mais relevante ao aluno.

Sendo assim, é preciso tocar as percepções dos alunos, por vezes, analisando não o que falta de conhecimento nestes sujeitos, mas o que os mesmos possuem de construção sócio-histórica. Afinal, se estes alunos são sujeitos socioespaciais, como produtores da relação homem-espço, também são produtos desse processo. E como produtos, estes sujeitos são influenciados por inúmeros fatores.

Sobre isso, e abrindo espaço para a análise de possíveis fatores socioespaciais e didático-pedagógicos que influenciam no afastamento comunicativo entre a escola e a realidade do aluno, veremos o que dirá a última categorização a seguir:

#### 5.4. AS PERSPECTIVAS COMUNICATIVAS COM A ESCOLA

Nesta última categorização convém mencionar sobre aspectos socioespaciais e didático-pedagógicos que influenciam no afastamento ou aproximação comunicativa entre a escola e o aluno. Agora, entramos no objeto principal de investigação: agora é o momento de verificar as condições perspectivas que afetam a comunicabilidade entre os dois objetos de estudo. Ou seja, englobando as temáticas anteriores que vislumbraram sobre a construção do lugar, a destruturação familiar e os avanços didático-pedagógicos, esta categorização explanará sobre as visões subjetivas de cada público entrevistado sobre o problema central: a comunicação entre aluno-escola.

Para isso, ao mencionarmos sobre essa comunicabilidade entre aspectos socioespaciais e didático-pedagógicos podemos retomar dois principais autores que retratam sobre isso para relacionarmos com a relação entre o aluno e a escola. Portanto, a ‘comunicação’ que aqui se referencia está no seu sentido conceitual da palavra, ou seja, as perspectivas comunicativas com a escola que aqui se analisa baseia-se na relação, no envolvimento e no diálogo entre a escola e o aluno. E sobre isso, Goergen (2010) discute sobre a dita “sociedade da comunicação”, analisando a relação, a igualdade e a veracidade de todos. Segundo ele, essa sociedade, embora carregue de maneira discipada a influencia da atual comunicação, por vezes, não prioriza os diálogos de entendimento – um diálogo em que sejam debatidas as novas questões que orientam a sociedade atual.

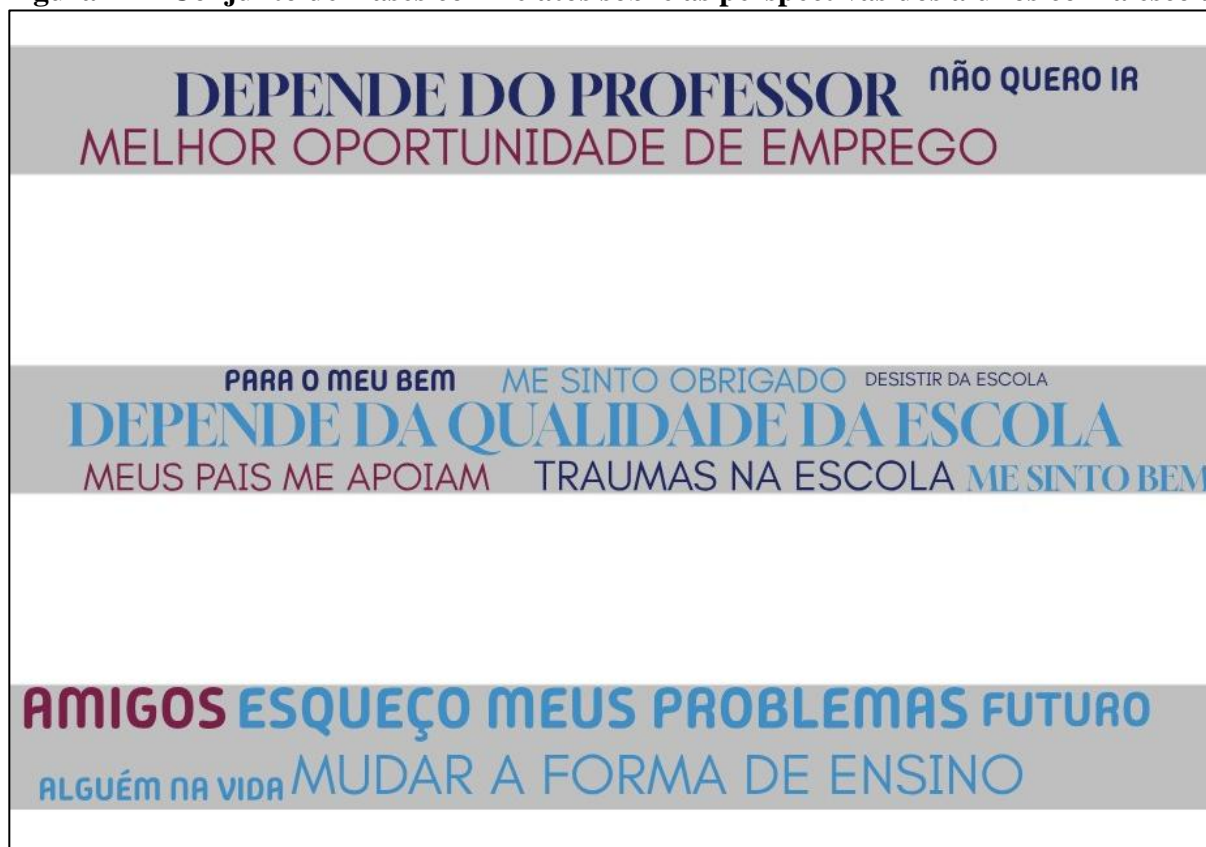
Desse ponto, podemos mencionar Habermas (2012) quando ele pontua a ação comunicativa. Nesse momento o reconhecimento por parte dos sujeitos inseridos no diálogo constrói a autoconsciência, tendo a linguagem como a forma principal de organização da sociedade, desde que esta busque um consenso racional por meio da convivência social e da democracia. Ou seja, para este autor, todos os sujeitos, tendo a linguagem como relação interpessoal, devem procurar um entendimento para orientar suas ações de modo mútuo e não individualizado ou reservado ao controle e convencimento de algo ou alguém a determinada situação.

Portanto, diferente das demais categorizações que vislumbraram sobre alguns dos personagens dessa pesquisa para a sua construção, nesta categorização, a atenção será voltada para as perspectivas de todos os grupos de entrevistados – os alunos, os responsáveis, os professores, a direção e a equipe pedagógica. Para assim, priorizar o diálogo de entendimento através das diferentes visões analisada.

Desse modo, figura a seguir (figura 14) expõe as perspectivas comunicativas entre o aluno

e a escola a partir da inferência e interpretação dos 12 alunos entrevistados:

**Figura 14 – Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas dos alunos com a escola.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

Construída a partir das interpretações e inferências das entrevistas realizadas com 12 alunos, esse conjunto de frases, em primeiro lugar, demonstra o quanto o papel da escola é, mesmo que secundarizado por muitos alunos, importante na vida de cada um deles. Isso devido a sua funcionalidade da educação escolar enquanto um lugar concretizado para o ‘aprender’, e esse ‘aprender’ associado às perspectivas futuras dos sujeitos que nela fazem parte. Exemplo disso, um dos alunos, ao relatar sua perspectiva sobre a escola, destaca que ela “É uma fonte de ensino para gente aprender, mas depende muito da escola e do ensino dos professores. E com isso eu quero um futuro mais além do que espero.” (A9).

Em segundo lugar, o que se constrói até aqui, na perspectiva dos alunos, é uma escola que os preparam para o mercado de trabalho. Uma escola que, fazendo parte da vida dos discentes como uma obrigação, é também, um lugar que possibilita ocasiões melhores, segundo a visão dos estudantes. Interpretando esses relatos, evidencia-se que a escola, mesmo sendo um dos lugares mais frequentados por estes indivíduos, contribuindo, em primeiro lugar, para seu

desenvolvimento humano, é, infelizmente, um dos lugares menos valorizados por eles, acabando por ficar em segundo plano para as perspectivas presentes dos alunos.

Pensando no mercado de trabalho e/ou no Ensino Superior, os alunos reconhecem as falhas que a atual educação escolar expõe. Como é o caso de um dos alunos (A8) que relata o seguinte: “Preciso aprender afundo o conteúdo e não dá tempo. Quando são passados, é raso, e aí são muitas disciplinas pra pouco tempo. Gostaria que conseguíssemos aprofundar. É até bom para eu entender assuntos que caem em vestibular e Enem, por exemplo.”.

Provavelmente, a escola que muitos alunos almejam é um lugar que os preparem imediatamente para um futuro mais próximo que o desejável. Isto é, uma escola que preparem para os prazeres e necessidades imediatas, sendo estes dentro do cenário financeiro e de qualidade de vida. Dito isso, um dos prazeres e ou necessidades imediatas que, provavelmente a escola tenha construído perante as exigências do mundo atual são os cursos técnicos. Assim, esses desejos se justificam, mas também constrói ilusões aos que almejam esse caminho mais curto, conforme mencionam os seguintes entrevistados:

- A10: “Estou fazendo o curso técnico, tem um lado bom e um ruim: o bom que é a experiência pela área da administração e o ruim que acaba que você perde muita coisa, caso você queira fazer um vestibular ou Enem.”.

- A11: “O curso técnico é como se fosse um estepe, porque ai conseguiria estudar aqui. Daí como eu moro longe, o ônibus me buscaria e me trazia até aqui, mas se caso eu não optasse pelo curso técnico eu não conseguiria estudar nesta escola.”.

Em terceiro lugar, das visões, queixas e elogios quanto a sua relação com a escola, os alunos demonstraram uma criticidade muito mais voltada à escola em si do que com o sistema educacional como um todo. Desse modo, uma das falas que chamaram atenção durante as entrevistas, menciona:

Se eu não vir pra escola o conselho tutelar vai em casa, e se eu não estudar não farei faculdade e não serei ninguém na vida. Mas eu odeio estudar simplesmente pelos traumas que passei até hoje nas escolas por onde passei principalmente por conta do meu problema cardíaco onde muitos colegas tinham preconceitos e alguns professores desprezavam minha situação. Mas quando mudei de escola, tudo mudou: desde a direção que foi muito atenciosa comigo até meus professores e colegas.

Isto é, dos relatos coletados o que se tem de inferência e interpretação é que há uma relação do mundo da vida com o mundo institucional onde, embora ocorra uma construção de afetividade ou de pertencimento com a instituição escola, o mundo da vida dos alunos se encontrar fragilizados perante as imposições gerais do sistema educacional. E sobre isso, uma das falas dos

alunos chama atenção: “Hoje eu gosto de frequentar por conta dos meus amigos, por interesse dos estudos e porque quero fugir um pouco dos problemas que acontecem em casa. Às vezes, por conta desses problemas, não consigo nem prestar atenção no conteúdo.”. Agora, pensando nas perspectivas que alguns pais e/ou responsáveis possuem sobre a relação entre o aluno e a escola, assim, de acordo com as interpretações de cada entrevista, pode-se demonstrar a intensidade de algumas frases, as quais alguns pais/responsáveis mencionaram, de acordo com cada relato (figura 15):

**Figura 15 – Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas dos pais/responsáveis sobre a relação dos alunos com a escola.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

Aqui, talvez, esteja a maior problemática refletida nos alunos. A família como uma das instituições que garante a convivência dos indivíduos em sociedade, é também a base fundamentadora das demais instituições – seja, escola, religião, trabalho e o Estado. Afinal, dadas às circunstâncias, uma das maiores queixas relatadas pela equipe pedagógica, professores e direção, é a falta de estrutura familiar dos alunos. Isso faz sentido na medida em que ao longo de algumas entrevistas muitos pais/responsáveis relataram:

- PR2: “Meu filho é uma pessoa que não precisa muito de minha participação na vida escolar dele. Mesmo sabendo que ele não gosta de estudar, quando pergunto ele diz que está tudo certo na escola.”. Mas isso se torna um pouco mais grave ao analisar a seguinte complementação feita pelo mesmo entrevistado:

Converso muito pouco com meu filho sobre a escola. Na verdade ele não gosta muito de estudar. Ele vem na marra mesmo. Não sei se é a idade, mas quando ele fala sobre a escola ele diz que não gosta. Meu filho nunca me deu trabalho, mas depois da pandemia, quando ele entrou no Ensino Médio, já começou a mudar. Desse período em diante, quando consigo acompanhar os estudos dele, ouço muita reclamação. (PR2)

- PR3: “Mesmo que eu converse muito com a coordenação sobre minha filha, com ela eu converso muito pouco. Muitas vezes, quando vou conversar com ela, não é sobre a escola.”.

- PR4: “A gente não tem essa troca sobre a escola. Na verdade ele sempre foi um aluno bom, por isso não busco muito.”.

- PR5: “Minha preocupação com ele não é tão grande, até porque eu só ouço falar bem dele na escola.”.

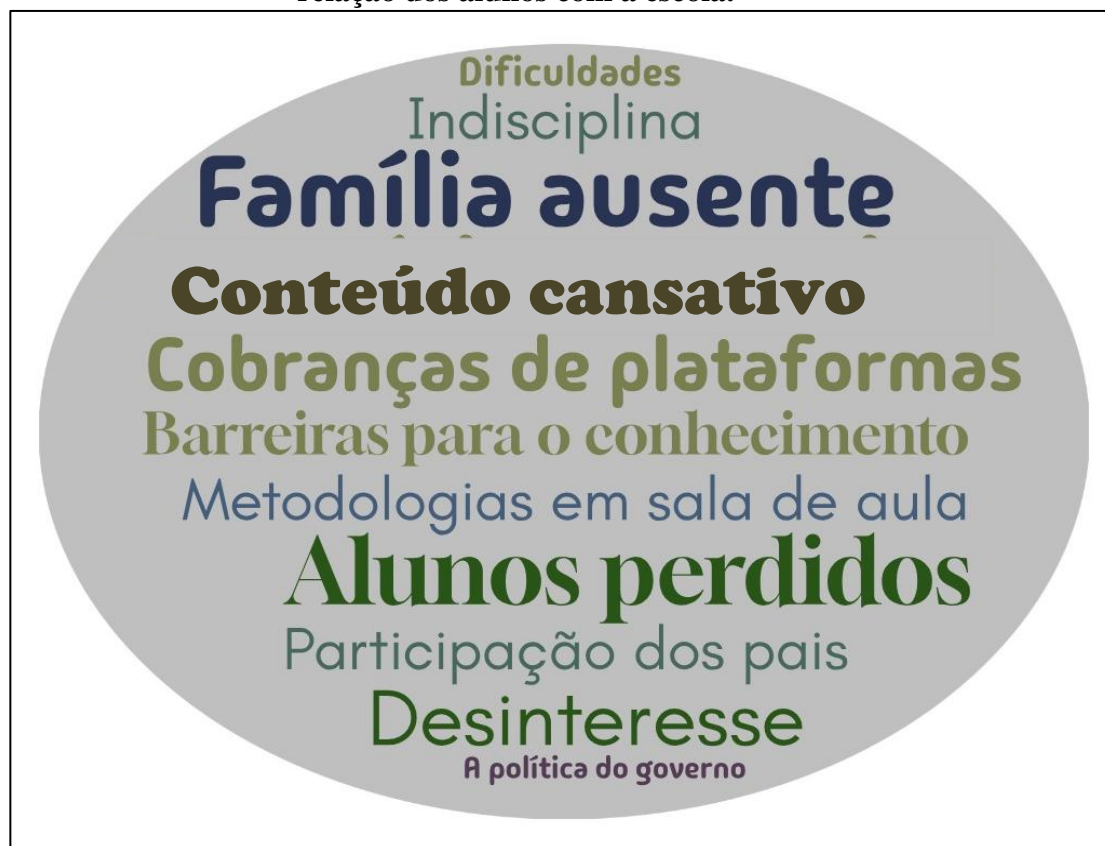
Inferindo as informações coletadas dos pais/responsáveis, verificou-se que o cenário atual não possibilita uma participação ativa dos responsáveis pelos alunos, uma vez que muitos alegam que passam muita parte do seu tempo focado em outras responsabilidades, a mencionar o trabalho. Em muitos casos, relatam-se situações de tempo escasso para reuniões escolares, procrastinações quanto à verificação do rendimento escolar de seus filhos e de transferência de responsabilidade à escola.

Verificou-se também que muitos alunos estão perdidos ao ponto de não saberem quem os são, em que mundo vive e o que almejam para o presente e o futuro. E isso é reflexo, segundo alguns relatos, da falta de estrutura familiar, uma vez que muitos alunos não se sentem interessados e motivados aos estudos dos alunos devido a falta de uma base familiar solidificada.

Muito se relata sobre as dificuldades que muitos pais possuíram em suas infâncias pela falta de estudos ou mesmo pelo extenso tempo dedicado a tarefas obrigatórias e que menos os faziam desenvolver-se. Muitos pais de alunos que frequentam o Colégio Saldanha (relatados por professores, a equipe pedagógica, a direção e até mesmo por seus próprios filhos) mencionam as dificuldades que era a educação básica antigamente. Embora tivessem alguns que relatassem uma boa qualidade do ensino nessa época, muitos citavam os descasos que os distanciava da escola – seja por fatores de localização, a preferência das famílias pelo trabalho braçal do que pelos estudos, da baixa quantidade de profissionais docentes ou pelas críticas condições físicas das escolas.

Quanto a isso, atualmente, justificado pelas difíceis condições anteriores que os pais assumiram, à escola fica o papel encarregado de assumir essas responsabilidades, culpas, descontentamentos e a construção de uma imagem aparentemente ruim ao aluno. Ou seja, se antigamente era obrigação dos filhos deixarem a escola para assumirem tarefas imediatas às famílias, hoje é obrigação dos filhos deixarem a família (no sentido de comunicação entre ambos) para assumirem a escola como um espaço de tarefas imediatas. Quanto a isso, o dizem os professores, em especial, de Geografia, ao mencionar a relação do aluno com a escola?

**Figura 16 – Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas dos professores sobre a relação dos alunos com a escola.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

Durante as entrevistas, muitas frases se destacaram pelo relato dos professores. Segundo as visões dos professores entrevistados é preciso olhar para as diferenças, porquê a educação escolar é essa amalgama de diversidades. Por isso, é difícil nivelar a educação, em especial, os alunos com uma mesma “régua” utilizada em instituições de ensino com particularidades diferentes.

Como o caso do Colégio Saldanha Rocha, é uma batalha, de acordo com os relatos dos professores, fazer os alunos compreenderem o sentido da educação escolar, em especial, do ensino de Geografia no dia a dia. Muitos alunos, preenchidos por queixas, anseios e perspectivas complexas, acabam por não se interessarem em obter noções, seja elas sobre, por exemplo, o clima, o tempo, a economia, o relevo, o espaço e entre outros conhecimentos. Os alunos estão “ocupados” com pendências que surgem fora da escola, e isso acaba por prejudicarem em seu rendimento dentro da sala de aula.

Por isso, inferindo e interpretando as perspectivas dos professores perante a relação dos alunos com a escola, muitos profissionais relatam que é preciso menos pressão por parte do Estado para manipular dados que são irrealis e inalcançáveis, e priorizar a autonomia de cada escola, uma

vez que estas instituições possuem comunidades escolares com particularidades, muitas vezes, não vistas pelo Estado. E isso, porquê, a sociedade atual, percorre instabilidades diversas, e por vezes, as possibilidades que percorrem escalas maiores não sejam alcançadas pelas ocasiões que as escalas menores oferecem (lembrando o conceito de “lugar”).

Com essas circunstâncias, os professores entrevistados esperam que no futuro, a educação escolar, por exemplo, possa trabalhar com dados mais reais, de modo que os alunos tenham noção das consequências de seus atos, sejam eles cometidos ou não.

Além disso, muito se discutiu sobre a cultura do desprendimento com a educação e com a correção que os pais possuíam com seus filhos. E como mencionamos nesse trabalho, a mediocridade não pode prevalecer, onde tenha a escola como instituição substitutiva à da instituição familiar. E sobre isso, falas de alguns professores entrevistados chamam a atenção ao problematizarem situações desde o comportamento do aluno, a ausência da família, as imposições do Estado e a forma de como o professor trabalha o conteúdo:

O comportamento desinteressado do aluno é o mais instigante: ele está na sala de aula mas não está. E aí isso gera indisciplina e gera outros problemas, porque em muitos casos a família geralmente é ausente. E também, hoje, há uma falta de bom senso do governo do estado com os alunos, porque o aluno passa muito mais tempo com provas do que com assuntos que interessam a eles. Então o aluno cansa, porque a todo o momento está sendo avaliado, mas o problema é: está avaliando o que? (Prof1).

E complementar a isso outro entrevistado comenta: “É preciso uma ativa dos pais (às vezes o aluno só bagunça porque o interesse dele está sendo substituído por problemas lá fora). Temos que avaliar o aluno no dia a dia e não trimestralmente - muitos não sabem o que é o mundo e quem são eles no mundo.” (Prof3).

Tudo isso num ritmo em que retrocede a forma de ensino da escola, tornando-a produtora de uma abordagem tradicional em que as ‘novas tecnologias’, ao tentarem facilitar a vida dos educandos e educadores, além de reduzir esses sujeitos a um sequenciamento de funções robotizados e cronometrados, acaba por limitá-los a uma padronização pedagógica, com conteúdos concentrados e distantes da realidade dos alunos.

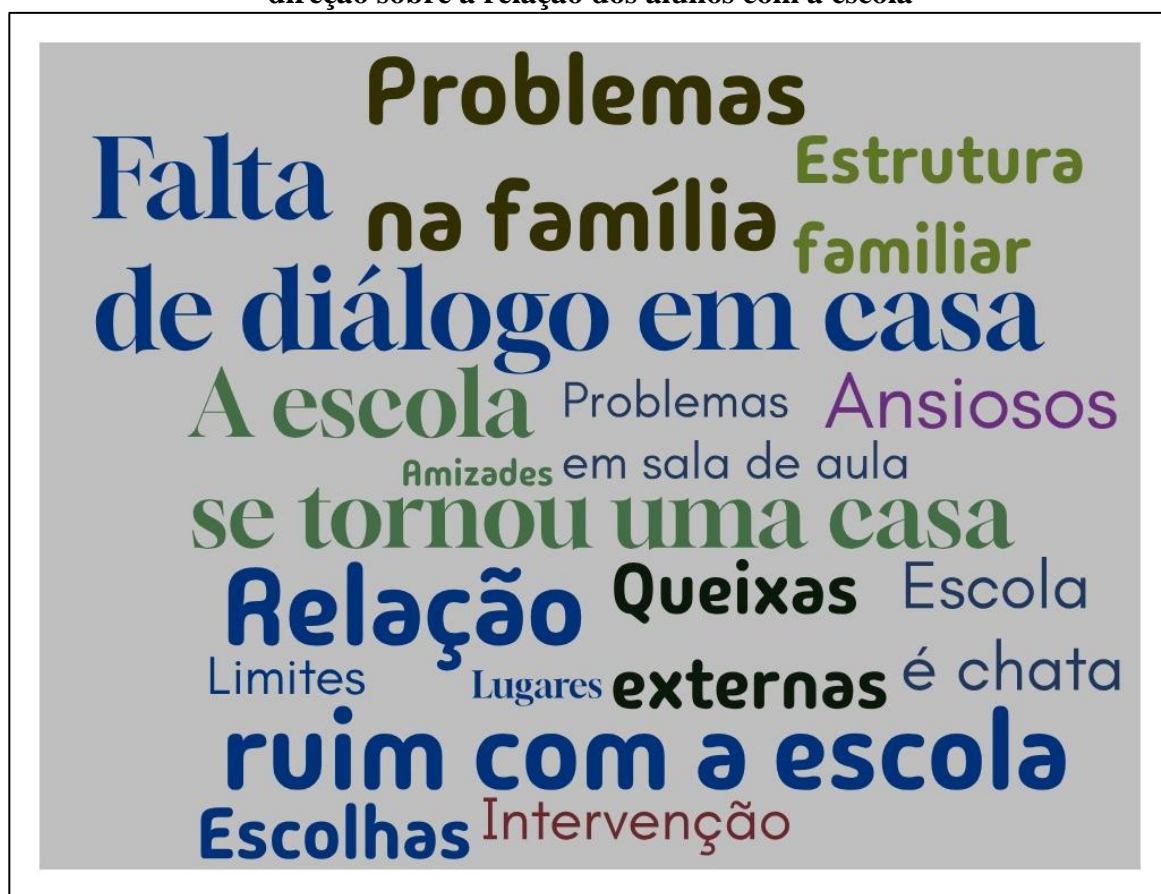
Mas, atenção: além desse fator, por vezes as reclamações por parte dos alunos não se limitam as plataformas e índices exigidos, mas também às metodologias aplicadas por muitos professores em sala de aula. Metodologias que acabam por contribuir com o descontentamento do aprendizado junto à plataformizações e índices cobrados. E sobre isso, mais um entrevistado (Prof4) complementa:

Os alunos também reclamam, infelizmente, de metodologias utilizadas em sala de aula. É preciso ter um jogo de cintura muito grande. É necessário que os professores se conscientizem sobre a sociedade, porque ela muda rapidamente. Ai está a necessidade de ramificar as minhas metodologias.

Formulando essa problemática, tudo isso se tornam doenças que não deixam imune nenhum indivíduo que se relaciona com o sistema de educação atual, e disso, os mais afetados são os alunos, em geral, desraizados de uma base familiar estruturada, abastecidos por uma educação “tecnológica” deficitária, estatística e exaustiva, e preenchida por metodologias que não condizem com a realidade, aparentando estar desconectado do mundo atual.

O fracasso dessa educação, observado pela ausência familiar, pela plataformização do ensino e por metodologias estáticas se dá por sua função em produzir “afastamentos” dos alunos e da precarização da ação comunicativa contextualizada na escola. E quanto a isso, o diz a equipe pedagógica e a direção ao mencionar a relação do aluno com a escola? (Figura 17)

**Figura 17 – Conjunto de frases com relatos sobre as perspectivas da equipe pedagógica e direção sobre a relação dos alunos com a escola**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2024).

Mencionados logo acima, é com esses profissionais (equipe pedagógica e direção) que

ficam os papéis de mediar a relação da família e a escola. Como aos profissionais docentes fica a intensa tarefa de mediar a relação entre o aluno e o conteúdo (mesmo que muitos docentes acabam por perceberem as influências das relações externas na modelagem do aluno), com as pedagogas e a direção do Colégio fica a função de mediar a família com a vida escolar desses alunos. É um trabalho em conjunto, onde cada função complementa, ou deveria complementar as soluções de problemáticas que fossem despertadas ao longo do ano letivo.

Muito se ouviu falar, durante as entrevistas no Colégio Saldanha Rocha com a equipe pedagógica e com a diretora, que o problema que dificulta a relação saudável dos alunos com a escola é as relações construídas fora dessa instituição de ensino. Afinal, se é um Colégio tão bem avaliado pelo público, o que tem propiciado os possíveis afastamentos comunicativos dos alunos com este Colégio? Seria a dissociação de suas regras com a realidade dos alunos, em vista que, de acordo com a direção da escola, esta “[...] sai como um lugar ruim, porque é o único lugar que põe limites”? Seria a ausência dos pais para com a escola? Seria o despreparo de muitos profissionais ou mesmo do conteúdo prestado? Sobre isso, uma das pedagogas responsáveis (PG2) explica:

Os alunos trazem muitas queixas: problema na sala de aula, problemas com socialização, bullying, xingamento... Que, na realidade, já trazem isso de fora. Principalmente no ensino médio, são alunos bem ansiosos, sobre escolhas, problemas com depressões, sabe?! E aí são alunos que apresentam problemas que acabam não conseguindo relatar em casa. Infelizmente ainda é um tabu. E aí eu que tenho que fazer a intervenção: chamar o pai e conversar.

Ainda sobre isso outra pedagoga responsável (PG3) relaciona o aluno e a escola ao mencionar um processo de inclusão de funções a esta instituição de ensino, ou seja, uma transposição de funções da família à escola:

[...] hoje, é a mesma coisa que falar sobre a relação entre um filho e a casa que ele mora. Na escola tem tudo: comida, amigos, adultos, espaços de lazer, mas também, brincadeiras, broncas, desentendimentos, momentos de conversas, desabafos e conselhos. Tudo isso são coisas que na casa desses alunos faltam ou os pais nem tem tempo pra por em prática. Por isso, digo que é uma relação de pais e filhos.

Tomando o mesmo sentido das anteriores falas, a direção (D) contextualiza que “É uma situação em que a família não demonstra preocupação e isso reflete no aluno. Não tem a cobrança do pai e não põe limites nos seus filhos. Os alunos fazem gestos, gírias e músicas que não cabem fazer na escola, mas aprendem lá fora e trazem para cá.”. Sendo assim, evidenciando que dentro das vivências no ambiente escolar é possível perceber as dificuldades de aproximação entre os alunos e seus responsáveis. Fazendo disso um reflexo que também distancia a escola do aluno.

Em geral, de acordo com as perspectivas da equipe pedagógica e a direção sobre a relação dos alunos com a escola, são situações excedentes que refletem a falta de diálogo em casa, o convívio com determinadas pessoas e a escolha de determinados lugares. Tudo isso, fazendo do aluno um sujeito que, embora considere a escola com uma segunda casa, não a tem como um lugar próximo de sua realidade, tão pouco, favorável à solução de seus problemas.

Com isso, amparando-se nas perspectivas de todos os sujeitos entrevistados, fica a impressão que há um jogo de culpas, as quais rompem com aquilo que Habermas (2012) retrata em seus escritos: a comunicação como essencial para o entendimento. Pois a falta de comunicação acaba por barrar esse processo de entendimento, gerando o antônimo disso e dificultando a construção de consensos entre os indivíduos, como retrata o fluxograma a seguir (Figura 18):

**Figura 18 - Fluxograma de culpas entre a direção, pedagogas, professores, alunos e família.**



Fonte: Interpretado pelo autor conforme nas entrevistas individuais (2025).

Com todos os relatos coletados (dos pais/responsáveis, alunos, professores, equipe pedagógica e direção), é possível inferir e interpretar que, há duas situações principais para com o afastamento comunicativo do aluno com a escola: o descontentamento dos alunos com a situação ambiental do Colégio e com algumas práticas didático-pedagógicas e o não entendimento, por

parte dos alunos e de seus responsáveis, da diferença entre educação escolar e educação familiar.

Assim Habermas (2012, p. 150) fundamenta essa ideia “Onde falta comunicação, não se pode alcançar entendimento, e sem entendimento mútuo, não há coordenação da ação possível a não ser pela força ou pela manipulação.” Ou seja, segundo ele, buscando o entendimento mútuo entre as pessoas por meio do diálogo, o agir comunicativo se desenvolve com os sujeitos que tendem ao entendimento através da razão, numa participação democrática, e na veracidade. E isso deve ser seguido para que não se construa distorções, ou omissões nos processos que devem ser democráticos e éticos.

Em detalhes é possível mencionar que muitos alunos, apesar do contentamento com o Colégio pelo seu papel afetivo, sentem-se perdidos quanto ao que aprender? Por que aprender? E como aprender? E essas perguntas se tornam cada vez mais difíceis na medida em que se evidencia a falta de consenso entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar. Uma escassez de diálogo para a construção de um consenso possível que evite esse jogo de culpas entre os alunos, a família, a equipe pedagógica, os professores, a direção e o Estado.

Apesar dos elogios, alguns pais e alunos relataram a desconexão do que se aprende na escola para o que se vai levar para a vida. E evidentemente, estes sujeitos se referiam as perspectivas do mercado de trabalho e aos estudos no Ensino Superior.

Concomitantemente a isso, outra problemática surgiu. Não somente os pais e alunos, mas também a equipe pedagógica, os professores e a direção confessaram que há uma confusão no entendimento atual do papel da escola para com seu público. Em muitos casos não é evidente que a educação, que aqui se faz referência, é uma educação escolar e não uma educação a quem os pais confundem como corretora das falhas prestadas pela família. Menciona-se essa confusão pelo fato de muitos pais enviarem seus filhos à escola com o intuito de tornar esta instituição de ensino como uma “segunda casa” dos seus filhos, já que a “primeira casa” não conseguiu inserir sua educação principiante.

Finalmente à escola cabe o papel de desenvolver os alunos enquanto sujeitos críticos, capazes de conhecer o mundo através de sua inserção consciente nele. Assim, Santos (2004) menciona que a escola tem a função de fortalecer o entendimento do aluno sobre o mundo como um conjunto de relações. Ele retrata que não o devemos compreender como uma coleção de fatos em que repetimos aquilo que o mundo já nos ofereceu, mas transformando, através da criatividade e criticidade, o mundo como um espaço de relações sociais. E Callai (2003) ainda completa com a funcionalidade da Geografia Escolar nesse papel mediador entre escola-aluno. Para a autora, o ensino de Geografia remete ao pensamento sobre o espaço, não sendo este espaço algo pronto e

entregue, mas como um fenômeno em contínua transformação, gerada pelos sujeitos e a suas histórias construídas.

## **SEÇÃO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para compreender a construção do lugar dos alunos e das práticas educativas, em especial, do ensino de Geografia do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha e identificar os possíveis fatores socioespaciais e didáticos-pedagógicos que influenciam na relação comunicativa entre a escola e a realidade do aluno, tornou-se primordial proceder a investigação das vivências e das problemáticas que afetam a relação entre aluno- escola.

Com o estudo empírico pautado no referido Colégio, o corpo desse trabalho constituiu-se por seções que discutiram assuntos pertinentes à comunicação entre o aluno e a escola. Sendo assim, baseando-se na metodologia de Bardin (1977), chamada de “Análise de Conteúdo”, para, assim, situar o município de Marialva e o Colégio Saldanha Rocha, trazendo em evidência a especificidade do ensino de Geografia e a realidade dos alunos defronte as práticas didáticas-pedagógicas. Tudo isso para diagnosticar o grau de dissociação e ou de interação entre o aluno e a escola.

A pesquisa reuniu resultados a partir de quatro categorizações, a mencionar: A construção do lugar das pessoas no município de Marialva; A relação entre alunos-família-escola no Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha; A educação escolar e o ensino de Geografia como significado na vida dos discentes, e; As perspectivas comunicativas com a escola.

Tendo esse trabalho desenvolvido, pode-se verificar que, o papel da educação escolar se tornou, ainda que essencial para o desenvolvimento do ser humano, multifacetado. Isso quer dizer que, ao menos, não se tornou visível suficiente a diferença entre educação escolar e educação familiar. E isso fica aquém de a escola resolver essa separação, uma vez que muitos pais não conseguem entender os diferentes objetivos, abordagens e contextos que cada tipo de educação pode oferecer. Por isso, é a partir desse “jogo de culpas” que surgem algumas causas que propiciam esse afastamento comunicativo entre o aluno e a escola.

Evidentemente, a educação escolar e a educação familiar, ao passo que não devem ser confundidas, não deixam de serem complementares uma a outra. Isto é, se a educação familiar fornece instrumentalizações fundamentais para as emoções, a moralidade e o comportamento de seus filhos, a educação escolar fornece a estes sujeitos, enquanto alunos, possibilidades de novos olhares intelectuais, de convivência social e de reconhecimento cultural.

Por isso, é a partir desse “jogo de culpas” que surgem algumas causas que propiciam esse afastamento comunicativo entre o aluno e a escola. E sobre isso, Habermas (2012) referencia como esse “jogo de culpas” pode se manifestar em interações sociais. Habermas não trabalha diretamente com a ideia de “jogo de culpas”, mas ao mencionar sobre a não efetivação positiva da

ação comunicativa, o autor retrata que os sujeitos nela envolvidos buscam se manipular, se insentiar ou mesmo transferir responsabilidades, dificultando uma consensualidade. E, de fato, na sociedade atual, inclusive no ambiente escolar, quando afetado por essa problemática, promove o afastamento da ideia de ação comunicativa ideal, por isso, um afastamento comunicativo, neste caso, do aluno com a escola.

Em suma, são causas vistas por poucos e mal interpretadas por muitos. A equipe pedagógica e a direção, por exemplo, que estão na interface entre a escola e a família e analisando a atual prática pedagógica do Colégio, diagnosticam o grau de dissociação da escola com a realidade do aluno. A escola percebe a existência dessa dissociação na medida em que os alunos possuem problemas que a escola não consegue resolver. No entanto, são situações em que a aparente causa vem da escola, pois é na escola que essas problemáticas são despertadas.

A partir disso se pontua a necessidade contínua de aprofundamento das discussões dessa problemática. Afinal, com esse cenário construído, ou diríamos que mal construído, é preciso que o façamos visível às investigações de um trabalho em equipe entre professores, equipe pedagógica, direção, alunos e seus pais/responsáveis. Pois, assim, a escola descobre as causas do afastamento comunicativo com o aluno, isto é, as causas da falta de diálogo, de escuta, de argumentos e de veridades. Muitas vezes, causas construídas no exterior da escola, nas relações, nas influências e nas escolhas, e percebidas no interior da escola, nas insatisfações dos alunos e nas divergências dos ideais da escola, mas, por vezes, não consideradas na construção de uma educação democrática.

É na construção do lugar do aluno, com a interferência da família, das relações sociais e dos ambientes que o afastamento comunicativo com a escola se estrutura. A construção do lugar do aluno foi tão influenciada pelos traços exteriores que ao se deparar com o ambiente interno da escola, ao aluno não resta outra opção ao não se desvencilhar dos possíveis benefícios que somente a escola pode lhes oferecer, afetam, assim, a relação saudável entre ambos os elementos – o aluno e a escola.

Não se pode deixar de evidenciar que as práticas didático-pedagógicas podem influenciar na aproximação ou afastamento comunicativo do aluno com a escola. Se no exterior, os sujeitos construíram, lentamente e por influências saudáveis ou não, seu espaço geográfico até adentrarem a escola, a partir do momento que estes sujeitos se tornam alunos, um novo espaço geográfico precisa ser construído. Os profissionais da educação (professores, equipe pedagógica, secretariado...) precisam se debruçar sobre essas situações, e por meio de investigações, compreensão, empatia e acolhimento, identificar os possíveis fatores socioespaciais que moldaram

estes alunos, tornando as práticas didático-pedagógicas convidativas para aproximar estes sujeitos à escola.

E por falar nisso, à Geografia cabe um papel essencial:

Quanto ao ensino de geografia, é possível que esta modalidade de ensino possa transformar a relação comunicativa entre a escola e o aluno? Sim, mais que uma disciplina da grade curricular, o ensino de Geografia tem a capacidade de propiciar um pensamento com diversas ramificações – uma aprendizagem ininterrupta, onde ao professor cabe o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno, e a este último, a reflexão sobre o que é o espaço geográfico e quem são os alunos nele.

A Geografia escolar deve possuir um caráter ativo, não somente pela sua importância enquanto disciplina, mas também no sentido da criatividade e da interatividade as quais transformam o ensino em um estímulo a aprendizagem. E isso deve ser feito de tal modo que desperte uma perspectiva ou uma leitura crítica do aparente. Ou seja, fazendo o indivíduo enxergar o mundo como ele realmente é e como deve ou pode ser, interpretando também a essência dos fenômenos.

Dessa essência, que surge da educação geográfica, a participação do alunado torna-se um produto dessa produção. Uma produção que “[...] permita ao aluno assumir posições diante dos problemas [...] aumentando o seu nível de consciência sobre as responsabilidades e os direitos sociais [...]”. (Pontuschka, 2000, p. 148). Com isso, as práticas participativas em sala de aula servem como um espelho para além dos limites físicos da escola. Em vista disso, a escola, mais do que ensinar informações ao aluno, precisa despertar o senso crítico, a visão atenta e a compreensão ativa. E ao aluno, sobre a visualização do espaço geográfico em que atua, sua percepção se amplia e permite, assim, visualizar a essências dos objetos e das ações, os quais aparentam ser simplesmente, de causas inquestionáveis e de compreensões pacíficas, mas quando analisado pelas lentes da Geografia Escolar, pode ter também a finalidade educativa e formadora dos sujeitos construindo assim, a alegria da escola, pela a superação das suas limitações sobre o conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Claudia Silva. **A viticultura como base econômica da pequena propriedade no município de Marialva – PR**. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, 103f, 2010.

ALVES, A. P.; PELEGRINI, S. C. A. Histórias e Memórias dos Cafeicultores no Paraná: O Cotidiano e as Práticas de Trabalho da População de Marialva (1940-1960). **Revista de História Regional**, 2010.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. **A geografia do Brasil na educação básica. 2010. 206 f.** 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. **A geografia do Brasil na educação básica: Uma Didática para o ensino da formação socioespacial brasileira**. Curitiba: CRV, 2018.

BOOTH, Wayne C. COLOMB, Gregory G. WILLIAMS, Joseph M. **A Arte da Pesquisa** - tradução Henrique A. Rego Monteiro – 2ª tiragem - São Paulo: Martins Fontes. 2008.

CALLAI, Helena Copetti. A formação do professor de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 20, n. 1, 1995.

CALLAI, Laudálio Tomaz de Almeida. *O ensino da Geografia no Brasil: questões e desafios*. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO. M. B. de. Georges Snyders: em busca da alegria na escola. **Perspectiva**, [S. l.], v. 17, n. 32, p. 151–170, 1999. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10528>. Acesso em: 18 out. 2023.

COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA. **Projeto Político Pedagógico**. Marialva, 2022.

DIAGNÓSTICO, DIRETRIZES E PROPOSTAS SETORIAIS METROPOLITANAS PRIORITÁRIAS | SUBPRODUTO P3F: CONSOLIDAÇÃO DO RECORTE METROPOLITANO. **Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado (PDUI)**. Curitiba: URBTEC, 2022. 80p. (Série Texto Técnico, TT/PDUI).

DIAS, R. B.; e GONÇALES, J. H. R. Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, Moacir. Pressupostos do projeto pedagógico. **Anais: Plano Decenal de Educação para Todos**, 1994.

GOERGEN, Pedro. **Educação e diálogo**. Maringá: Eduem, 2010.

GRAÇA, C. H. da; SILVEIRA, H.; TERASSI, P. M. de B. Mapeamento das áreas com risco

potencial a erosão dos solos no município de Marialva –Paraná - DOI 10.5216/ag.v8i2.24019. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 108–129, 2014.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Vol. 1. Tradução de Telmo Martino. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HISTÓRIA DE MARIALVA, **Prefeitura Municipal de Marialva**, 2023. Disponível em: <http://www.marialva.pr.gov.br/index.php?sessao=10ncb0&id=1779>. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de pesquisa**, v. 46, p. 38-62, 2016b.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Edições Loyola, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. A teoria do ensino para o desenvolvimento humano e o planejamento de ensino. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 19, n. 2, p. 353-387, 2016a.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. **O conhecimento pedagógico do conteúdo na prática profissional de professores de geografia**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 076 - 092, 2015.

MIRANDA, Maria Eliza. A atualidade de Pierre Monbeig e o direito de aprender Geografia. **Revista do Departamento de Geografia**, p. 52-67, 2012.

MONBEIG, Pierre. Papel e valor do ensino da Geografia e de sua Pesquisa. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 8, p. 35-45, 1958.

MARIALVA. **IBGE**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/marialva/panorama>. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

MARIALVA. **Plano Municipal de Educação 2015/2024**. Portaria n. 2.955/2015. Marialva PR: Prefeitura Municipal de Marialva/ Secretaria Municipal de Educação.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Tradução de *Rubens Enderle*. São Paulo: Editora Centauro, 1983.

O EXEMPLO DE MARIALVA E SUA UVA FINA. **O Maringá**, Marialva, 14 de novembro de 2021. Disponível em: [O exemplo de Marialva e sua uva fina \(omaringa.com.br\)](http://omaringa.com.br). Acesso em: 22 de setembro de 2023.

O FUTURO DO TRABALHO: TECNOLOGIA VERDE IMPULSIONA A CRIAÇÃO DE NOVOS EMPREGOS. **G1**, 14 de março, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/educacao/2024/03/14/videos-serie-o-futuro-do-trabalho.ghtml>. Acesso em: 19 de março, 2024.

PITANGA, Ângelo Francklin. Pesquisa qualitativa ou pesquisa quantitativa: refletindo sobre as decisões na seleção de determinada abordagem. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.8, n.17, p. 184-201, ago. 2020.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia, representações sociais e escola pública. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.145-154, 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França São Paulo (SP): Ática, 1993.

RODRIGUES, A. L., GODOY, A. M. G., e SOUZA, W. F. A Região Metropolitana de Maringá na rede urbana brasileira e sua configuração interna. In: **Maringá: transformações na ordem urbana**. RODRIGUES, A. L. (Org); RIBEIRO, L. C. Q. (Coord). - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital; Observatório das Metrôpoles, 2015.

SANGALO, Ivete. **Agora Eu Já Sei**. Universal Music: [s.c.], 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2021

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 2004.

**SEAB/DERAL**. Valor Bruto da Produção, 2023. Disponível em: <https://www.agricultura.pr.gov.br/vbp>. Acesso em: 25 de Março de 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2013.

SNYDERS, Georges. **A Alegria na Escola**. São Paulo: Editora Manole LTDA, 1988.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

### I. AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS:

#### **Sobre a sua história com o município de Marialva:**

1. Quanto tempo mora em Marialva ou mora em outro município? Como é viver aqui em Marialva, fale um pouco da sua experiência de vida, sempre moraram em Marialva ou vieram de outro lugar?
2. Como você qualifica a educação familiar e escolar que você recebeu? E na atualidade como você vê a educação que as famílias conseguem dar aos seus filhos?

#### **Sobre a escola:**

3. Por que escolheu o Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha?
4. Você tem acompanhado o desenvolvimento do Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha? O que você acha que mudou de tempos passados para agora?

#### **Sobre a relação entre família, aluno e escola:**

5. A(s) criança(s) ou adolescente(s) que está sob sua responsabilidade conversa(m) com você sobre a escola? O que ele(s)/ela(s) fala(m) da escola?
6. Você participa da vida escolar da(s) criança(s) ou adolescente(s) que está sob sua responsabilidade? Como tem sido essa participação, participa de reuniões, olha os cadernos, ajuda ou orienta para fazerem os temas?
7. Como você vê o trabalho dos professores? O que você tem percebido ou observado?
8. O que você espera para o presente e o futuro da(s) criança(s) ou adolescente(s) que está sob sua responsabilidade? Em quê a escola tem contribuído?

### II. À EQUIPE PEDAGÓGICA:

#### **Sobre a relação entre família, aluno e escola:**

1. Como tem sido a participação dos pais e ou responsáveis na vida escolar dos alunos deste Colégio?
2. Quais públicos (alunos, pais e ou responsáveis) você tem atendido com maior frequência? E quais são as queixas, anseios e perspectivas deles? O que mais motiva esses atendimentos, que assuntos são mais tratados nessas conversas?
3. Como você vê a relação da escola com a vida dos alunos desta comunidade escolar? Os alunos têm demonstrado que motivações em frequentar a escola?

4. Você percebe que os alunos têm refletido na escola os comportamentos recebidos em família e em sociedade? Que situações são essas?
5. Como você vê a atuação dos professores com relação ao ensino-aprendizado dos alunos? O que você tem percebido?

### III. À DIREÇÃO:

#### **Sobre o Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha no município de Marialva:**

1. Quais públicos este Colégio tem atendido em termos de classe social, origem étnica e histórica das famílias, aspectos psicológicos, dentre outros? De onde, por que e como vem este público?

#### **Sobre o PPP:**

2. Como diretora deste Colégio, o que você acha do atual Projeto Político Pedagógico? Tem sido significativa nesta comunidade escolar? Teria alguma sugestão de alteração para melhorar as práticas educativas do Colégio Saldanha Rocha?

#### **Sobre a relação entre família, aluno e escola:**

3. Como tem sido a participação dos pais e ou responsáveis na vida escolar dos alunos deste Colégio?
4. Como você vê a relação da escola com a vida dos alunos desta comunidade escolar? Os alunos têm demonstrado motivação em frequentar a escola?
5. Ao consultarem você, quais as principais demandas/assuntos que os alunos e ou responsáveis apresentam?
6. Você acha que a educação familiar e os relacionamentos (sociais/ambientais) dos alunos fora do Colégio interferem na sua educação escolar? Como?

### IV. AOS PROFESSORES:

#### **Sobre a escola e o PPP:**

1. Qual sua formação acadêmica e o que você almeja para o presente e o futuro?
2. O que você acha e espera do atual sistema (condições materiais e propostas pedagógicas) de educação escolar pública? Teria alguma sugestão de alteração para melhorar as práticas educativas do Colégio Saldanha Rocha?

#### **Sobre o ensino de Geografia:**

3. O quanto você acha significativo na vida dos alunos ou como você tem percebido o grau influência das aulas de Geografia a eles?

4. Quais instrumentos/ recursos (físicos/ materiais e/ou intelectuais) o(a) professor(a) deve ter à disposição para aprimorar a qualidade do ensino-aprendizado de Geografia a seus alunos?

**Sobre a relação entre família, aluno e escola:**

5. Quais as principais dificuldades ou queixas você tem presenciado sobre seus alunos?

6. Você acha que a educação familiar os relacionamentos (sociais/ambientais) dos alunos fora do Colégio interfere na sua educação escolar? Como?

V. AOS ALUNOS:

**Sobre a sua história com o município de Marialva:**

1. Como é sua vida no município de Marialva? Sua relação com a família, amigos e os lugares que costuma frequentar. E você, como está?

**Sobre a oferta e qualidade da educação escolar:**

2. O que é a escola para você? Ao entrar nela o que você espera encontrar de importante?

3. Por que você frequenta a escola?

**Sobre a escola:**

4. Por que você estuda no Colégio Saldanha Rocha?

**Sobre a relação entre família, aluno e escola:**

5. O que a escola tem beneficiado em sua vida? E o que você espera para o presente e para o futuro com isso?

6. Como tem sido sua relação com os professores em sala de aula? Você tem percebido que o ensino prestado pelos professores alcançam seus objetivos? Em especial o (a) de Geografia(a)?

7. Quanto à sua participação na educação escolar, como você se sente indo à escola? O que tem te incomodado e que você espera que mude ou acha que precisa mudar?

## **ANEXOS**

# ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MARINGÁ



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** INTERAÇÕES E CAMINHOS SOCIOESPACIAIS E PEDAGÓGICOS DOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL JURACY RACHEL SALDANHA ROCHA, MARIALVA, PARANÁ - DO ENSINO FUNDAMENTAL II AO ENSINO MÉDIO.

**Pesquisador:** LEONARDO DIRCEU DE AZAMBUJA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 83284324.8.0000.0104

**Instituição Proponente:** UEM-CCH-DGE - Departamento de Geografia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.192.661

#### **Apresentação do Projeto:**

Este é um estudo do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, e será realizada pelo aluno de Mestrado, Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos, orientado pelo Prof. Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja.

A pesquisa possui o objetivo de compreender a construção do espaço geográfico dos alunos e das práticas educativas de ensino de Geografia do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha para identificação e análise de possíveis fatores socioespaciais e didáticos-pedagógicos que influenciam no afastamento comunicativo entre a escola e a realidade do aluno.

Estão previstas entrevistas de 4 docentes, de 12 discentes, de 6 pais ou responsáveis, de 3 integrantes da equipe pedagógica e de uma diretora.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Compreender a construção do espaço geográfico dos alunos e das práticas educativas de ensino de Geografia do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha para identificação e análise de possíveis fatores socioespaciais e didáticos-pedagógicos que influenciam no afastamento comunicativo entre a escola e a realidade do aluno.

**Objetivo Secundário:**

- Compreender a formação do município de Marialva, da população e do território, associando e

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM - bloco PPG, sala do COPEP.

**Bairro:** Jardim Universitário

**CEP:** 87.020-900

**UF:** PR

**Município:** MARINGÁ

**Telefone:** (44)3011-4597

**E-mail:** copep@uem.br

Continuação do Parecer: 7.192.661

- ou relacionando essa realidade com os sujeitos e as práticas presentes no trabalho escolar;
- Interpretar a realidade socioespacial do município e as relações existentes entre os alunos e o Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha;
  - Investigar as vivências problemáticas ou não que afetam a relação saudável entre aluno-escola;
  - Analisar a atual prática pedagógica do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, diagnosticando o grau de dissociação da escola, e da especificidade do ensino de Geografia e a realidade dos alunos;
  - Estudar a função didático-pedagógica da Geografia, relacionando a sua importância como uma lente de aproximação entre o aluno e a escola.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### **Riscos:**

Considerando a natureza da pesquisa, isto é, por envolver pessoas, situações adversas são possíveis de acontecer. Isto envolve momentos de imprecisões na fala, desconfortos, receios em responder certas perguntas e entre outros tipos. No entanto, tudo isso pode ser evitado quando trabalhado em ambientes favoráveis ao entrevistado, onde promova um espaço seguro, um tempo cronológico livre e um diálogo tênue. Em termos de esclarecimento, os dados coletados dos participantes servirão, apenas, para fins de amostragens, as quais preservarão a identidade do entrevistado, sendo assim, uma entrevista de cunho sigiloso. No mais, os resultados coletados serão utilizados na complementação desta pesquisa e seus subprodutos gerados, como artigos, resumos e trabalhos em eventos científicos. Além disso, vale ressaltar que esta pesquisa garante o anonimato do entrevistado, tendo este o seu nome por um nome fictício.

##### **Benefícios:**

Espera-se, portanto, que o principal benefício desta pesquisa construa uma compreensão do espaço geográfico do aluno por meio de fatores socioespaciais que interferem na sua comunicação com a escola, e assim, considerar as interações e caminhos percorridos pelo alunado em escola e sociedade.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

São apresentados roteiros das entrevistas diferenciadas para cada categoria (docentes, discentes, pais ou responsáveis, integrantes da equipe pedagógica e diretor).

O cronograma prevê início da Coleta de informações para 07/10/2024 e Entrega de relatório final ao COPEP até 27/01/2025.

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM - bloco PPG, sala do COPEP.

**Bairro:** Jardim Universitário

**CEP:** 87.020-900

**UF:** PR

**Município:** MARINGÁ

**Telefone:** (44)3011-4597

**E-mail:** copep@uem.br

Orçamento de R\$ 370,00, com material de entrevista e transporte, que será custeado por recursos próprios.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os seguintes documentos:

1. Folha de rosto assinada pela Prof. Dr. Oseias da Silva Martinuci, Chefe do Departamento de Geografia (DGE);
2. Autorização para realização da pesquisa na Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, assinada por sua diretora Edilaine Aparecida Freschi Moraes;
4. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dirigido aos participantes da pesquisa, na forma de convite, com três páginas não numeradas, com breve descrição da pesquisa, das atividades, dos possíveis riscos, dos benefícios, da confidencialidade, com o endereço, telefone e e-mail do pesquisador, do pesquisador assistente e do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP) da UEM. O TCLE possui campo para assinatura do pesquisado e assinatura digital do pesquisador assistente, mas não do pesquisador principal.
5. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) dirigido aos participantes da pesquisa menores de idade, na forma de convite, com duas páginas não numeradas, com breve descrição da pesquisa, das atividades, da confidencialidade, com o endereço, telefone e e-mail do pesquisador, do pesquisador assistente e do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP) da UEM. O TALE possui campo para assinatura do pesquisado e assinatura digital do pesquisador assistente, mas não do pesquisador principal.

Não é apresentado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dirigidos aos pais ou responsáveis autorizando a participação na pesquisa dos menores de idade (aluno).

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Este projeto originalmente restou pendente para as seguintes adequações:

- Redigir o TCLE dirigidos aos pais ou responsáveis autorizando a participação na pesquisa de menores de idade;
- Incluir nos TCLE / TALE campo para assinatura da pesquisador responsável Leonardo Dirceu de Azambuja;
- Incluir nos TCLE / TALE curto parágrafo explicativo, em linguagem simples e clara sobre a atribuição do COPEP. Por exemplo: "O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM - bloco PPG, sala do COPEP.

**Bairro:** Jardim Universitário

**CEP:** 87.020-900

**UF:** PR

**Município:** MARINGÁ

**Telefone:** (44)3011-4597

**E-mail:** copep@uem.br

Continuação do Parecer: 7.192.661

pesquisas.

- As páginas dos TCLE / TALE precisam estar numeradas, como 1 de 2; 2 de 2, de forma a garantir a integridade do documento, protegendo o pesquisador e os participantes de possíveis alterações no TCLE / TALE.

- Nenhum dado pode ser coletado antes da aprovação do protocolo por este Comitê.

Todas as solicitações de correções das pendências foram atendidas e Diante do exposto e em conformidade com as normativas éticas em pesquisa estabelecidas pelas Resoluções CNS 466/12 e 510/16, o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) é de parecer FAVORÁVEL à aprovação do projeto.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2359264.pdf	14/10/2024 16:41:17		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_modificado.pdf	14/10/2024 16:40:27	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
Outros	resposta.docx	14/10/2024 16:38:11	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale_modificado.pdf	14/10/2024 16:06:14	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_responsaveis.pdf	14/10/2024 15:56:13	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_mestrado.docx	17/09/2024 16:33:40	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM - bloco PPG, sala do COPEP.

**Bairro:** Jardim Universitário

**CEP:** 87.020-900

**UF:** PR

**Município:** MARINGÁ

**Telefone:** (44)3011-4597

**E-mail:** copep@uem.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 7.192.661

Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	12/09/2024 15:02:16	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
Outros	Roteiro_para_entrevista_Pesquisa_Mest rado_PGE_UEM.pdf	05/09/2024 00:17:32	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	parecer_saldanha.pdf	03/09/2024 13:33:08	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
Declaração de concordância	anexo_VI_ASSINADO.pdf	03/09/2024 13:30:21	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisadores.pdf	03/09/2024 13:26:29	GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MARINGÁ, 29 de Outubro de 2024

---

**Assinado por:**  
**Aroldo Gavioli**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM - bloco PPG, sala do COPEP.  
**Bairro:** Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900  
**UF:** PR **Município:** MARINGÁ  
**Telefone:** (44)3011-4597 **E-mail:** copep@uem.br

# ANEXO II – TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE MARINGÁ

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED**



**ANEXO VI da RESOLUÇÃO N.º 406/2018 – GS/SEED**

**TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NRE PARA A UNIDADE CEDENTE**

Maringá, 02 de setembro de 2024.

Senhor (a) Coordenador (a),

Declaramos que este Núcleo Regional de Educação de Maringá está de acordo com a condução do projeto de pesquisa *Interações e caminhos socioespaciais e pedagógicos dos alunos do ensino fundamental II ao ensino médio de um colégio estadual do município de Marialva-PR*, a ser realizado pelo pesquisador GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SÁ SANTOS no Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha do município de Marialva-PR, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com Seres Humanos, da Universidade Estadual de Maringá.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão alunos, professores, pedagogos e equipe gestora do referido colégio mencionado acima, pertencentes à Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, bem como de que o presente trabalho deverá seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e o Decreto nº 7037, de 2009.

Da mesma forma, temos ciência que o pesquisador somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá.

Maringá, 02 de setembro de 2024.

Priscila Aparecida Tencati

Representante da SAA no NRE

Isabel Cristina Domingues Soares Lopes

Chefe do NRE

Decreto n.º 69/2023

Assinatura Avançada realizada por: **Priscila Aparecida Tencati (XXX.545.709-XX)** em 02/09/2024 11:37. Inserido ao protocolo **22.630.644-7** por: **Priscila Aparecida Tencati** em: 02/09/2024 11:37. Demais assinaturas na folha 61a. A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço: <https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código: **7c07e280d5228ea788c92a8459f994c9**.



ePROTOCOLO



Documento: **CopiadeCopiadeANEXOVIPIA9.pdf**.

Assinatura Avançada realizada por: **Priscila Aparecida Tencati (XXX.545.709-XX)** em 02/09/2024 11:37 Local: SEED/MGA/SAA, **Isabel Cristina Domingues (XXX.582.529-XX)** em 02/09/2024 11:40 Local: SEED/MGA/CH.

Inserido ao protocolo **22.630.644-7** por: **Priscila Aparecida Tencati** em: 02/09/2024 11:37.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021.

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:  
<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código:  
**7c07e280d5228ea788c92a8459f994c9**.

## ANEXO III – TERMO DE ASSENTIMENTO AOS ALUNOS MENORES DE IDADE

### Termo de Assentimento

Eu, Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos, convido você a participar da pesquisa intitulada: “Interações e caminhos socioespaciais e pedagógicos dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Marialva, Paraná - do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio”. Informamos que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. Pretendo compreender o espaço geográfico dos alunos e das práticas educativas de ensino de Geografia do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha para analisar possíveis fatores que afetam a relação entre a escola e a realidade do aluno. Gostaria muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. Outras crianças e/ou adolescentes participantes desta pesquisa tem de 12 anos de idade a 18 anos de idade. A pesquisa será feita no Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Marialva onde os participantes (crianças/adolescente) responderão 6 perguntas abertas. Para isso, será usado um gravador de voz para que as respostas possam ser escritas com melhor qualidade. Caso aconteça algo errado, você, seus pais ou responsáveis poderá(ão) nos procurar pelos contatos que estão no final do texto. A sua participação é importante construir uma compreensão do espaço geográfico do aluno por meio de fatores que influenciam na sua relação com a escola. As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão utilizados na complementação desta pesquisa e em artigos, resumos e trabalhos em eventos científicos, mas sem identificar seus dados pessoais, e áudios de gravações.

Vale lembrar que esta pesquisa segue os padrões do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) da UEM. O COPEP é um órgão formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.


### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “Interações e caminhos socioespaciais e pedagógicos dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Marialva, Paraná - do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio”.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo. \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.


---

Assinatura do menor

Documento assinado digitalmente  
 GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS  
Data: 14/10/2024 14:49:48-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Assinatura do pesquisador assistente

Documento assinado digitalmente  
 LEONARDO DIRCEU DE AZAMBUJA  
Data: 14/10/2024 15:16:49-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Assinatura do pesquisador responsável

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduação em Geografia, (bloco H-12) Maringá, PR.

Telefone: (44) 9 9963-7409

E-mail: [pg405159@uem.br](mailto:pg405159@uem.br)

Nome: Leonardo Dirceu de Azambuja

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Geografia, (bloco J-12) Maringá, PR.

Telefone: (44) 3011 4290

E-mail: ldazambuja@uem.br

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM.

(COPEP): Av. Colombo, 5790, PPG, sala do COPEP, CEP 87020-900. Maringá-Pr.

Telefone: (44) 3011-4597.

E-mail: copep@uem.br.

Horário: 2ª a 5ª feira - das 7h40 às 11h40; 6ª feira das 13h30 às 17h30, exceto nos dias de reunião.

Para atendimento presencial, desejável agendar horário.

## ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ENTREVISTADOS MAIORES DE IDADE

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos de convidá-la a participar da pesquisa intitulada: “Interações e caminhos socioespaciais e pedagógicos dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Marialva, Paraná - do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio.”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, e que é realizada pelo aluno de Mestrado, Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos, orientado pelo Prof.º Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja.

A pesquisa possui o objetivo de compreender a construção do espaço geográfico dos alunos e das práticas educativas de ensino de Geografia do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha para identificação e análise de possíveis fatores socioespaciais e didáticos-pedagógicos que influenciam no afastamento comunicativo entre a escola e a realidade do aluno. Sendo assim, será primordial a aplicação de entrevistas com a comunidade escolar – equipe pedagógica, professores, alunos e pais ou responsáveis - de modo a verificar quais problemáticas analisadas teoricamente serão encontradas em campo.

As entrevistas serão realizadas individualmente por meio de questionários abertos e com o suporte de um equipamento de gravação de áudio para maior fidelidade dos dados coletados, sendo possível analisar as problemáticas existentes e percebidas pelas diferentes perspectivas.

Considerando a natureza da pesquisa, isto é, por envolver pessoas, situações adversas são possíveis de acontecer. Isto envolve momentos de imprecisões na fala, desconfortos, receios em responder certas perguntas e entre outros tipos. No entanto, tudo isso pode ser evitado quando trabalhado em ambientes favoráveis ao entrevistado, onde promova um espaço seguro, um tempo cronológico livre e um diálogo tênuo.

Com isso, a presente pesquisa convida-o para uma contribuição voluntária, sendo esta possível de recusa ou de desistência sem que gere consequências negativas ao participante convidado. Em vista disso, em termos de esclarecimento, os dados coletados dos participantes servirão, apenas, para fins de amostragens, as quais preservarão a identidade do entrevistado, sendo assim, uma entrevista de cunho sigiloso.

No mais, os resultados coletados serão utilizados na complementação desta pesquisa e seus subprodutos gerados, como artigos, resumos e trabalhos em eventos científicos. Além disso, vale ressaltar que esta pesquisa garante o anonimato do entrevistado, tendo este o seu nome por um nome fictício.

Espera-se, portanto, que o principal benefício desta pesquisa construa uma compreensão do espaço geográfico do aluno por meio de fatores socioespaciais que interferem na sua comunicação com a escola, e assim, considerar as interações e caminhos percorridos pelo alunado em escola e sociedade. Com isso, garantimos a responsabilidade em lhe encaminhar, por meio de um documento impresso ou digitalizado, os resultados gerados na entrevista para que possa analisar os dados coletados.

Vale ressaltar também que esta pesquisa segue os padrões do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) da UEM. O COPEP é órgão formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.


Este termo deve ser devidamente preenchido e disponibilizado em duas cópias, sendo uma delas encaminhada ao voluntário entrevistado.

Eu,.....declaro  
que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da  
pesquisa realizada pelo mestrando Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos.


\_\_\_\_\_ Data: .....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos, declaro que forneci todas as informações  
referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

 Documento assinado digitalmente  
**GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS**  
Data: 14/10/2024 14:49:48-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do pesquisador assistente

 Documento assinado digitalmente  
**LEONARDO DIRCEU DE AZAMBUJA**  
Data: 14/10/2024 15:16:49-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do pesquisador responsável

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduação em Geografia, (bloco H-12) Maringá, PR.

Telefone: (44) 9 9963-7409

E-mail: pg405159@uem.br

Nome: Leonardo Dirceu de Azambuja

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Geografia, (bloco J-12) Maringá, PR.

Telefone: (44) 3011 4290

E-mail: ldazambuja@uem.br

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM.

(COPEP): Av. Colombo, 5790, PPG, sala do COPEP, CEP 87020-900. Maringá-Pr.

Telefone: (44) 3011-4597.

E-mail: copep@uem.br.

Horário: 2ª a 5ª feira - das 7h40 às 11h40; 6ª feira das 13h30 às 17h30, exceto nos dias de reunião.

Para atendimento presencial, desejável agendar horário.

## ANEXO V – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS/RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS MENORES DE IDADE

### Termo de Consentimento Livre E Esclarecido (Direcionado aos pais/responsáveis)

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar, voluntariamente, de uma pesquisa intitulada: “Interações e caminhos socioespaciais e pedagógicos dos alunos do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Marialva, Paraná - do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio”, que é realizada pelo aluno de Mestrado, Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos, orientado pelo Prof.º Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja.

A pesquisa possui o objetivo de compreender a construção do espaço geográfico dos alunos e das práticas educativas de ensino de Geografia do Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha para identificação e análise de possíveis fatores socioespaciais e didáticos-pedagógicos que influenciam no afastamento comunicativo entre a escola e a realidade do aluno. Sendo assim, será primordial a aplicação de entrevistas com a comunidade escolar – equipe pedagógica, professores, alunos e pais ou responsáveis - de modo a verificar quais problemáticas analisadas teoricamente serão encontradas em campo.

Por isso, o convite para a participação do menor sob sua responsabilidade se deve pela importância dele construir uma compreensão do espaço geográfico do aluno por meio de fatores que influenciam na sua relação com a escola. Caso você permita que o menor sob sua responsabilidade participe desta pesquisa, ele será submetido(a) a um questionário que será feita no Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Marialva onde ele responderá 6 perguntas abertas. Para isso, será usado um gravador de voz para que as respostas possam ser escritas com melhor qualidade.

Considerando a natureza da pesquisa, isto é, por envolver pessoas, situações adversas são possíveis de acontecer. Isto envolve momentos de imprecisões na fala, desconfortos, receios em responder certas perguntas e entre outros tipos. No entanto, tudo isso pode ser evitado quando trabalhado em ambientes favoráveis ao entrevistado, onde promova um espaço seguro, um tempo cronológico livre e um diálogo tênue. Sendo assim, esta pesquisa é possível de recusa ou de desistência do convidado sem que gere consequências negativas ao participante convidado. Em vista disso, em termos de esclarecimento, os dados coletados dos participantes servirão, apenas, para fins de amostragens, as quais preservarão a identidade do entrevistado, sendo assim, uma entrevista de cunho sigiloso.

As informações coletadas ficarão sob sigilo e ninguém saberá que o menor sob sua responsabilidade está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão

utilizados na complementação desta pesquisa e em artigos, resumos e trabalhos em eventos científicos, mas sem identificar seus dados pessoais, e áudios de gravações.

Espera-se, portanto, que o principal benefício desta pesquisa construa uma compreensão do espaço geográfico do aluno por meio de fatores socioespaciais que interferem na sua comunicação com a escola, e assim, considerar as interações e caminhos percorridos pelo alunado em escola e sociedade. Com isso, garantimos a responsabilidade em lhe encaminhar, por meio de um documento impresso ou digitalizado, os resultados gerados na entrevista para que possa analisar os dados coletados.

Vale ressaltar também que esta pesquisa segue os padrões do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) da UEM. O COPEP é órgão formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.


Este termo deve ser devidamente preenchido e disponibilizado em duas cópias, sendo uma delas encaminhada ao voluntário entrevistado.

#### Consentimento de Participação

Eu,.....declaro que fui devidamente esclarecido e concordo com a participação do menor sob minha responsabilidade, ....., em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa realizada pelo mestrando Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos. \_\_\_\_\_ Data: .....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

 Documento assinado digitalmente  
GABRIEL BENEDITO OLIVEIRA DE SA SANTOS  
Data: 14/10/2024 14:49:48-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do pesquisador assistente

---

Assinatura do pesquisador responsável

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduação em Geografia, (bloco H-12)  
Maringá, PR.

Telefone: (44) 9 9963-7409

E-mail: [pg405159@uem.br](mailto:pg405159@uem.br)

Nome: Leonardo Dirceu de Azambuja

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Geografia, (bloco J-12)  
Maringá, PR.

Telefone: (44) 3011 4290

E-mail: [ldazambuja@uem.br](mailto:ldazambuja@uem.br)

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM. (COPEP):

Av. Colombo, 5790, PPG, sala do COPEP, CEP 87020-900. Maringá-Pr. Telefone: (44) 3011-4597.

E-mail: [copep@uem.br](mailto:copep@uem.br).

Horário: 2ª a 5ª feira - das 7h40 às 11h40; 6ª feira das 13h30 às 17h30, exceto nos dias de reunião.

Para atendimento presencial, desejável agendar horário.